

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

DEZEMBRO DE 1853 A MARÇO DE 1854.

N.º 1-4.



10
7
14
6A

Coimbra

IMPRERIA DA UNIVERSIDADE
1855.

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

INDICE DOS ARTIGOS

CONTIDOS NOS SEGUINTES NUMEROS.

Srs.	N.º 1 — Dezembro de 1853.	Pag.
Os RR	Introdução	1
J. A. Santos e Silva	Associação	2
S. José de Carvalho	Liberdade do commercio	6
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	7
D. L.	Romances	12
	Poesia. Au pent suspendu de Porto	16
T. A. Ribeiro	Adeus, (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
J. S. da S. Ferraz	Noites d'outomno (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
Manoel Alves Guerra	Uma viagem ao Fayal	17
	Correspondencia	20
 N.º 2 — Janeiro de 1854. 		
S. José de Carvalho	Liberdade do commercio	21
Torres e Almeida	Fragmento	23
A. A. Giraldes	Instrucção publica	25
Santos e Silva	Uma hora de meditação	29
	Epitre à * * *	33
J. G. de Barros e Cunha	Saudades (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
F. Soares Franco Junior	Passado e presente (<i>poesia</i>)	34
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	35
M. A. Guerra	Uma viagem ao Fayal	37
A. J. Teixeira	Typos populares	39
 N.º 3 — Fevereiro de 1854. 		
J. C. Harcourt	Estudos historicos	41
F. Soares Franco Junior	Recordação	44
Santos e Silva	Physiologia	46
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	49
Maria C. de C. C. de V.	Rosa de maio (<i>poesia</i>)	52
	A une branche de lilas	53
Ernesto Marecos	Morte do Corpo (<i>poesia</i>)	<i>ib.</i>
J. S. da S. Ferraz	Noites d'outomno (<i>poesia</i>)	54
T. A. Ribeiro	O amor d'um rei (<i>poesia</i>)	55
S. de C.	Cartas a Laura	56
A. Ayres	Ao meu anjo (<i>poesia</i>)	57
Torres e Almeida	Theatro Academico	59
	Publicações Litterarias	60
 N.º 4 — Março de 1854. 		
Augusto Philippe Simões	Raças humanas	61
Alexandre Meyrelles	Necrologio	63
S. A.	L'amitié	<i>ib.</i>
A. A. Giraldes	Aerostação	65
	Bibliographia	68
	Meditation	<i>ib.</i>
T. A. Ribeiro	O Castello de Pombal	69
G. de Queiroz B. d'A. e V.	Ao meu amigo J. J. de S. Torres e Almeida (<i>poesia</i>)	70
Alexandre Meyrelles	Paginas de vida intima	<i>ib.</i>
J. Teixeira de Queiroz	Do credito e dos bancos	72
Alexandre Meyrelles	Discurso	78

REVISTA ACADEMICA

PUBLICAÇÃO MENSAL, LITTERARIA E SCIENTIFICA.

INTRODUÇÃO.



Ainda não ha muitos annos, que uma robusta e briosa geração academica cruzava, ebria de prazer e contentamento, as ruas de Coimbra, lendo, escrevendo, publicando peças d'eloquencia e de poesia, que fariam inveja aos mais famosos litteratos da época, e passeando ao longo das margens do Mondego, ora curtindo saudades da patria, ora bebendo na suave melancholia de suas crystalinas aguas as torrentes de poesia, com que depois inundava os prelos da Revista Academica. E longe não vai tambem a época, em que o Theatro Academico parecia vergar de baixo do peso das cordas, com que os filhos de Minerva costumam adornar as frentes dos predilectos das musas. Era uma festa perpetua do coração, que embriagava os mancebos d'aquelle tempo, geração benemerita, em cujo peito Deus havia depositado o germen da sabedoria, e que caminhava, altiva a frente e com a mão sobre o coração, ao fim sublime, a que aspiram as almas escolhidas, os corações ardentes e as intelligencias elevadas. Profundas são porém as alterações que o tempo deixa após si na sua veloz carreira.

Que é feito d'esses mancebos, cujo peito batia sempre ao pronunciar os doces nomes d'amor e liberdade? Onde estão esses soldados valentes, que corriam para o combate com o peito descoberto, e o rosto erguido para o céu, que elles tomavam por testemunha de sua lealdade e firmeza?

Mais altos misteres lhes prendem agora o espirito e o coração; d'antes, neophitos da sciencia, possuíam apenas esse desejo ardente das pelejas, sempre precursor de acções heroicas; hoje muitos d'elles, veteranos da imprensa, consagram-lhe todos os instantes da sua vida.

Seus nomes ficaram com tudo registrados nas paginas gloriosas da litteratura d'aquelle tempo.

Quem é que não conserva de cor muitos

trechos do livro d'Elisa, d'esse bello poema do coração, aonde o poeta da *Lua de Londres* vasava todos os moldes da sua alma apaixonada?

Muitos ainda se lembram de o ver passar, radiante a frente, o rosto accendido e allumiado pelo fogo do enthusiasmo e da poesia, dirigir-se ao penedo da *meditação*, e sentar-se n'aquelle pincaro terrivel, qual propheta inspirado, a conversar com os elementos.

Quem n'esta formosa terra do Mondego esqueceu já as melodiosas trovas do auctor da poesia *Torres-Vedras*, tão doces, tão sentidas, que ao lel-as experimenta a alma um deleite suave, voluptuoso e meigo, como o sorriso da virgem, quando seus labios descobrem pela vez primeira sob a pressão de um estreito e phrenetico abraço!

Quem não inclina hoje a cabeça deante das palavras, graves, severas, mas eloquentes, do escriptor que a Universidade contou sempre entre os seus filhos os mais distinctos? Não vos parece que a sua voz majestosa, levantando as cortinas do passado, quer remontar comvosco n'um rapido vôo até ao throno do Eterno?

Que mais diremos d'outros tantos, cujas palmas estão ainda virentes, e cujos nomes são um estímulo para presentes e vindouros?

Tudo quanto vos dissessemos seria pouco, que não bastam as estreitas dimensões d'este artigo, para enumerar seus triumphos no dominio da sciencia e da litteratura.

Não! elles não profanaram as sublimes crenças de Deus e do amor! Não! elles não calcaram aos pés os seus juramentos, que os vimos sempre firmes ao lado da bandeira que hastearam em defesa da liberdade.

Mas deixaram-nos um legado precioso, uma herança gloriosa, um nome sagrado pela immortalidade: deixaram-nos a *Revista Academica*.

E havemos de desprezar a herança, e man-

char o nome, conservando-nos n'uma inercia vergonhosa! ? E não havemos d'abrir os sellos que fecham esse testamento de gloria? E consentiremos que o jornalismo nos continue a arremessar ás faces essa ironia pungente, com que por vezes tem vilipendiado o nome academico « vós não sois dignos de trajar as vestes da sciencia que vos cobrem! »

Ahi vem pois sentar-se de novo nos arraiaes da imprensa a Revista Academica; vem religiosamente cumprir a sua missão no mundo litterario; se lhe minguarem as forças, se lhe fallecer o ingenho, não lhe hão-de faltar, querendo Deus, nem a fé que vivifica, nem a esperança que regenera.

Os Redactores da Revista conhecem a immensa responsabilidade, que hoje pésa sobre seus hombros, e que entre elles e os que immortalizaram as suas antigas paginas ha talvez um abysmo; mas ainda assim não ignoram tambem, que não podem, nem devem esquivar-se a todos os sacrificios e vigalias, para um dia bem merecer das gerações futuras.

É excusado dizer que as columnas da Revista Academica tornam a ser abertas franca e lealmente para todos os amigos das letras, Academicos e não Academicos, talentos ainda em germen, e ingenhos já floridos e provados nas batalhas da intelligencia: a Revista, surgindo das ruínas do passado, não faz mais do que levantar um pendão sympathico á mocidade e á patria, que exulta sempre em ver reunida em roda d'elle a flor de seus filhos os mais caros.

A Revista discutirá sempre pacifica e lealmente, e o seu verbo será o da sua antiga irmã — justiça para todos, e amor e compaixão para esta terra, que hoje, mais do que nunca, há mister de todos os esforços da intelligencia, de todos os recursos do coração, para um dia tomar o lugar que lhe compete no grande banquete das nações, que marcham na vanguarda da civilização.

Os RR.

ASSOCIAÇÃO.

I.

Não será talvez desassisado, no meio da frieza universal, com que os velhos caudilhos da democracia encaram, hoje entre nós, o mais sancto dos dogmas sociaes, escrever para ahi

quatro linhas, que levem o convencimento ao espirito das classes laboriosas, de que se não extinguiram ainda as crenças d'alma, em todos os filhos de Portugal; de que o astro brilhante do progresso ainda allumia a razão, e fortalece a consciencia dos que se votaram, por uma vez e sem reserva, á mais justa das causas — á emancipação da classe proletaria.

Sómos filho legitimo da eschola democratico-social. É n'esta religião da humanidade, que hemos aspirado os mais sublimes mysterios da regeneração social; é para ella que hão convergido todos os esforços isolados das nossas ardentes convicções. Não renegamos o credo democratico, nem nos deslumbriamo os grotescos ouropeis dos privilegiados da época. Temos fé e esperança no futuro, e sobra-nos a resignação para aguardarmos, na mystica adoração do nosso culto, a hora da resurreição universal.

Os phenomenos politicos, que, ha cinco annos a esta parte, se teem succedido na Europa, com a espantosa velocidade do fluido electrico, hão feito oscillar o pendão da liberdade, entre o individualismo e o socialismo. A victoria pertence de facto e interinamente ao egoismo obscurante; mas de direito, mas no campo da philosophia e da justiça, ha muito tempo que os tropheos hão sido preza dos regeneradores do seculo 19.

A liberdade d'imprensa, apezar da atroz perseguição, com que ha sido fustigada pelos lictores d'um *governamentalismo* despotico, tem sido felizmente a vara de Moysés, fazendo brotar de rochedos aparentemente estereis o liquido vivificante, que vae hoje animando, pouco a pouco, o cadaver, outr'ora extenuado, d'uma sociedade, que miraculosamente se transforma.

Eia pois, filhos do povo! Trabalhae e espreae! Escutae, attentos e convictos, a doutrina evangelica dos vossos sacerdotes e apóstolos! Retemperae a vossa fé desfallecida, no culto mysterioso d'uma austera moralidade! Remodelaе a vossa vida, infelizmente embaciada, pela pestifera contagação dos *judeus reis da época*, nas paginas edificantes do grande *Martyr da Democracia!* Abraçae-vos com a cruz de Christo, e soletrae, n'esse livro ensanguentado dos destinos da humanidade, o grande principio synthetico das theorias sociaes — a Associação!

II.

Antes de desinvolvermos concisamente o

principio synthetico das theorias sociaes — a associação — ou de analysarmos rapidamente o modo de realização do fim social, cumprenos traçar duas linhas sobre as diversas escholas, onde se discute a natureza, origem e leis da sociedade em geral.

A eschola theologica, fascinada por uma facil theoria, que a dispensava de penetrar philosophicamente nas graves meditações das leis, que regem a evolução progressiva da humanidade, chegou desgraçadamente a ser blasphema! *De Maistre e de Bonald, Adam Muller e Van Haller*, torcendo a seu modo os principios fecundos da religião christã, encastellando-se no baluarte intangivel das tradições e revelação, dogmatizam, com o entono d'uma *infallibilidade papal*, as abstrusas premissas dos mais extranhos syllogismos: ouçamol-os.

A sociedade não deve ser considerada como instituição humana, mas sim como obra divina, estabelecida por Deus, por meio de leis immutaveis, e com um fim religioso. Por conseguinte a sociedade existe e desinvolve-se, segundo leis superiores ás forças e faculdades humanas. Toda a mudança, que o homem quizesse operar n'ella, segundo as idéas da sua razão, seria um ataque á obra de Deus, uma revolta do orgulho humano contra a vontade divina. A sociedade não é dependente da razão humana, nem lhe é sujeita no seu desinvolvimento. Deus, para não expôr as primeiras condições da existencia humana ás vicissitudes d'uma faculdade variavel, e sujeita ao erro, deu á sociedade leis, collocadas acima da liberdade, tão sagradas, como a propria vontade de Deus. O homem não póde penetrar estas leis, que são para elle incomprehensiveis, como Deus de quem dimanam. Todas as tentativas do homem para descobrir, determinar, formular, e resumir as dictas leis n'um codigo de legislação, são infructiferas, sacrilegas, e inspiradas pelo demonio, e pela fatuidade orgulhosa do espirito humano. Para que o homem, incapaz de conhecer estas leis, possa com tudo conformar com ellas suas acções, e tornal-as justas, deve seguir em tudo a tradição, que é a transmissão viva da revelação, da vontade, e das leis divinas: tradição que se exprime, na vida civil e politica, pelos habitos e costumes, que se devem religiosamente observar.

São estes os topicos d'uma eschola, que renega as conquistas da razão; que desconhece as lentas transformações, por que a sociedade ha passado; que esconde, nos pro-

cessos da sua logica irracional, uma heretica accusação á Divindade — imbecil e impotente, que não tem sido capaz de fazer respeitar as suas leis immutaveis e eternas, que a moderna civilização vai desmoronando!!! Uma eschola que assim legisla, apunhalá-se com as suas proprias armas. O *crê* ou *morre* é doutrina relegada no cego fatalismo do Koran, que não é de certo a orthodoxia dos catholicos da eschola theologica.

III.

A eschola de Hugo e Savigny, conhecida pela devisa d'eschola historica, e que tantos pontos de contacto tem com a precedente, considera a sociedade como producto do instincto natural do homem, e desinvolvendo-se por conseguinte, não segundo as leis da razão e liberdade, mas segundo o instincto intellectual. Comparando o desinvolvimento da sociedade ao da linguagem, que progride, sem que os homens tenham d'isso consciencia, é fatalmente arrastada a consideral-a como um ser organico, vivendo sob as leis necessarias e imperiosas da natureza, a que devem ser sujeitas a razão com a liberdade. Segundo Hugo e Savigny, o desinvolvimento organico e instinctivo opera-se, *logica e racionalmente*, nos usos e costumes, que são os que exprimem genuinamente o estado de cultura d'uma nação. Não devem pois haver leis escriptas; porque ou não são mais que a fórmula vaga e abstracta das venerandas usanças d'um povo culto, ou retêem a desinvolução progressiva da sociedade, sopeando o livre exercicio dos costumes, encadeados, por est'arte, no seu genio, e na sua espontaneidade instinctiva e natural. As legislações são ordinariamente o toque d'alarma do desmoronamento social; são a trombeta do valle de Josaphat, que vai reduzir ao chaos, de que saíra, a obra prodigiosa dos seis dias. — São estas as idéas resumidas dos chefes da eschola que discutimos.

Não seremos nós os que neguemos, que na sociedade e no individuo, o instincto se manifesta, se desinvolve, e se eleva. Os estudos philosophicos sobre a natureza da sociedade, tão intimamente ligados com a anthropologia, ou doutrina philosophica do homem, não podem de certo renegar as verdades, que a sciencia conquistou com as armas victoriosas da physiologia. Mas na sociedade, bem como no individuo, a razão vae sempre ganhando sobre o instincto, a reflexão sobre a

espontaneidade natural. As manifestações da philosophia são quem vão constituindo o reinado da liberdade. É esta a característica da nossa especie; é isto que constitue no homem o progresso. Desconhecer esta verdade, é negar pertinazmente as leis fundamentais do progresso social. É rasgar na fronte do homem a sua carta de privilegios de ente livre e racional. É affrontar as doutrinas incontroversas do livre arbitrio. É, por mais que se contorçam n'uma esteril escolastica, reduzir o homem á condição de bruto.

IV.

A terceira escola, a escola encyclopedica do seculo 18.º, funda-se n'um grande e fecundo principio — a liberdade. A sociedade é o effeito da vontade collectiva dos homens, seres essencialmente livres e independentes. A liberdade é a fórmula mais extensa da verdadeira theoria social. A sociedade, moldando as suas leis no principio do direito, que é a expressão do justo, traça as diferentes esferas, dentro das quaes o homem tem inteira independencia, para obrar ou deixar d'obrar. As suas linhas de respeito param, onde começam as esferas dos outros entes sociaes. Os seus deveres, as suas obrigações correlativas são unicamente negativas.

As abstracções philosophicas d'esta escola liberal, a pesar d'acobertadas com o manto inviolavel da liberdade em tudo e para todos, não teem podido resistir aos golpes despidosos, que lhes tem descarregado a escola racionalista, ou, mais propriamente dicta, socialista. Uma doutrina, puramente critica e destructiva, não podia deixar de ser desautorada perante uma sociedade, a quem não podia ministrar os elementos necessarios para a sua organização.

A doutrina encyclopedica é uma paraphrase pomposa do principio egoista do velho testamento: *não faças a outrem o que não quererias que te fizessem* (Liv. de Tobias, 4, 16.). A doutrina socialista é a traducção litteral do generoso principio do novo testamento: *faze constantemente aos outros o bem que quererias que te fizessem; isto é que é a lei e os prophetas* (S. Mattheus, 7.º 12.). A doutrina encyclopedica responde aos clamores angustiosos do proletario, com a indiferença imperturbavel do scepticismo, ou com as travessuras pharisaicas do cynismo. Ao sitio — eu tenho séde — da humanidade, per-

sonificada na augusta victima do Calvario, responde com o fel e o absyntho dos judeus, irreprehensivelmente compendiados nesse novo feudalismo, que tem por brazão o egoismo, por armadura de ferro os seus thesouros, e por campo de façanhas a usura, a agiotagem, e o monopolio. A doutrina socialista diz aos homens: vossos direitos são eguaes na sociedade; não só tendes direito a exigir dos outros, que vos ministrem as necessarias condições para a realização do vosso fim racional, ou para o inteiro desinvolvimento das vossas faculdades phisicas, moraes, e intellectuaes; mas a sociedade, ou vossos irmãos teem restricta obrigação de vos dispensar todos os meios que tendam a estabelecer o equilibrio e a harmonia entre os diferentes mistéres, a que vos heis votado na sancta tarefa da religião e da moral, da instrucção e do trabalho. A seita immoral do individualismo responde ao — *esurivi, et non dedistis mihi manducare* — tive fome e não me destes de comer — com a phrase sarcastica d'um convite malicioso — *trabaliae!* Disfarça a philosophia aristotelica no jugo iniquo do salario! A escola humanitaria escreve nas suas bandeiras o principio da fraternidade, e proclama como leis sociaes os deveres positivos da moral. A seita immoral do individualismo preconisa, como dogma, as suas inspirações malthusianas, e lavra no ferrolho das suas burras o epitafio da mais negra desmoralização: *Um operario em Economia Politica, não é mais que um capital fixo, accumulado pelo paiz que o sustentou, durante o seu apprendizado, e o completo desinvolvimento das suas forças. Em relação á producção da riqueza, deve de ser considerado como uma maquina, em cuja construcção se empregou um capital, que começa de ser embolsado, e de pagar o juro, desde o momento que se torna um auxiliar util para a industria.* (Cours eclectique d'economie politique).

A escola humanitaria stigmatiza as theorias degradantes d'um brutal materialismo; eleva o homem á sua nobre posição d'ente livre e racional; e remodela, sobre as ruinas do atheismo doutrinario, o majestoso edificio das theorias da egualdade, liberdade, moralidade, e associação.

V.

Não cabe de certo nas proporções limitadas d'um artigo, passar em revista as diferentes escolas sociaes, que se teem succe-

dido, no seculo 19.º, desde *S. Simon e Fourier*, até *Louis Blanc e Proudhon*. Todos os generosos esforços d'estes nobres athletas do progresso teem sido inspirados pelos gemidos clamorosos do operario agonisante. Se todos, ou parte d'elles teem errado, nas leis e condições vitaes da verdadeira e livre associação, nem por isso a humanidade tem perdido; da discussão livre e conscienciosa, da mesma controversia das eschololas, do chaos e da anarchia, se quizerem, ha de um dia sair a ordem universal.

Nenhum d'elles porém renegou ainda o grande principio da associação, modo unico e verdadeiro de todos os fins importantes da sociedade. Alistados sob este principio universal, os apóstolos da nova religião tractam de desbravar o terreno inculto, e arvorar a bandeira sympathica da humanidade, que acolha debaixo das suas pregas todos os homens, e apague na frente de muitos d'elles o rotulo affrontoso de filhos prodigos, rebeldes, e relapsos!

VI.

O exame dos sóffrimentos das classes laboriosas, nas nações, em que o systema exclusivo de liberdade individual, descercado de todos os elementos, que ao mesmo tempo que o vivificam, lhe soffrêam as tendencias perigosas, e lhe matam os abusos execrandos, levou finalmente a convicção ao espirito dos homens pensadores, de que a sociedade fora predestinada, nas suas regras de direito e de moral, para commettimentos mais transcendentos e honrosos, que aquelles em que no momento se acha empenhada — a exploração do homem pelo homem!

Os individualistas no proseguimento das suas doutrinas egoistas e immorales, teem semeado a discordia na sociedade, teem arvorado em potencia social a doutrina vandalica de Hobbes; teem estabelecido a lucta cruenta da fome com a superabundancia; teem feito desinvolver a guerra immoral dos interesses; teem reduzido a um estado de sitio permanente o asylo inviolavel da liberdade; teem suspendido o *habeas corpus* da democracia; teem finalmente, como a serpente enregelada, envenenado o peito, que os acalentou, sopeando e matando em seus irmãos, a liberdade, que em luctas sanguinosas lhes remiram!

A associação é a nova alavanca da actividade humana. É o anel da cadêa, que um dia ha de harmonizar todos os esforços indivi-

duaes. É a estrella brilhante, que guiará, ao porto commum de salvação, todos os naufragos perdidos, no oceano das guerras fratricidas. A associação é o emblema que enlaça fraternalmente as tres graças — a divina trilogia — a intelligencia, o sentimento, e a vontade — que representa artisticamente o progresso. É a panacêa para todos os males sociaes, que teem transtornado o equilibrio, e desmantelado pela base todas as esferas da actividade social. É a bandeira conciliadora, que fraterniza o interesse individual com o geral; que harmoniza a theoria dos direitos e obrigações individuaes com os direitos e deveres sociaes. A associação é a synthese de todas as brilhantes conquistas da philosophia e da razão. Associação livre, pois, para todos os fins racionaes! Associação, na vida physica, moral e intellectual do homem e da sociedade! Seja esta o novo pendão, que reuna em torno de si todos os amigos do progresso, e da liberdade racional.

VII.

Aos evangelizadores da eschola democratica cumpre dirigir o povo n'esta sancta cruzada do progresso. É necessario primeiro que tudo, que a familia dos proletarios penetre conscienciosamente as regras fundamentaes das theorias socialistas. Que não venham as heresias dos espiritos desvairados, e dos cerebros morbidamente escandecidos, assustar a timida cohorte dos burguezes! Que os fanaticos da propriedade e capital não despreguem do alto das mesquitas o sancto estandarte do propheta, e não chamem os turcos para a guerra, motivada pela nova lei agraria dos *Grachos* do seculo 19.º!

A democracia social, não pede os *phalansterios* de *Fourrier*, nem as *communas-modelos* de *Considerant*; não pede a *Icaria* de *Cabet*, nem a *Constituição trinitaria* de *Leroux*.

A democracia social não adopta as proposições mysticas, theogonicas, e transcendentaes, d'um socialismo extravagante e impossivel; não vae deduzir dos escriptos de *Proudhon* a anniquilação da propriedade; não ajoelha com *Louis Blanc* nos degraus da dictadura disfarçada; nem vae prestar preito e menagem ao governo, que absorva, e concentre em si, toda a actividade e independencia das differentes esferas sociaes.

A democracia social quer que se garantam o sustento ao proletario; quer trabalho, in-

strucção, e moralidade para todos; quer a extinção do pauperismo; quer a emancipação industrial; quer que acabe a exploração do homem pelo homem, motivada pela exaggerada accumulção dos capitães. A democracia social quer o equilibrio dos interesses, fundado n'uma nova organização das forças economicas — o trabalho, a força collectiva, o crédito, a propriedade, etc. —; quer a solução livre e pacifica de todos os problemas, que agitam hoje a sociedade.

A democracia social quer a emancipação politica, pela organização do suffragio universal; pela descentralização dos poderes do estado; pela lenta abolição da auctoridade; pela simplificação do governo; e pela centralização independente das funcções sociaes. A democracia social quer independencia e eleição para todos os encargos sociaes; responsabilidade e publicidade para todos os actos; quer fazer sair toda a sciencia do governo e administração da sociedade d'um unico principio — do mandato. — A democracia social quer que a religião e a moral sejam os laços espirituaes, que retenham os homens na practica das virtudes. A democracia social quer a paz, a liberdade, e a fraternidade universal.

Santos e Silva.

LIBERDADE DO COMMERCIO.

Les révolutions opérées par le génie dans le monde des principes se terminent toujours par une révolution dans le monde actif et populaire.

AIMÉ MARTIN.

L

Hoje que os obreiros da moderna civilização vão demolindo e derrocando o velho edificio social, caíndo aos golpes do camartello reformador essas instituições anômalas e absurdas, que fariam muito embora a gloria de seus instituidores na época que as viu nascer, mas que á face do mundo actual não ha fim que as justifique, nem razão que as legitime: hoje que as theorias banaes, que os processos ronceiros, que os preconceitos pueris, vão cedendo campo ás theorias luminosas, aos inventos maravilhosos e aos principios philosophicos: hoje finalmente, que a par do edificio que se desmorona e desconjuncta, se profundam os alicerces, se sondam as bases onde a nova mole social deva assentar: é de interesse para todos, veteranos, ou noveis na cruzada da civilização, Gregos, ou Troianos

nos arraiaes d'essa cruzada, o meditar profunda e tenazmente sobre o plano que ha á seguir na execução da obra que Deus lhes confiou.

As linhas d'esse plano admiravel traçou-as já o dedo mysterioso da Providencia: são as idéas d'ordem e harmonia, que transluzem em todas as obras da criação, e que se revelam ao homem, nas leis que regulam e determinam os phenomenos do mundo physico, e nas que devem regular e determinar tambem os factos da ordem moral.

É na investigação d'essas idéas, e na descoberta d'essas leis, que consiste o fim principal da sciencia humana.

As lucubrações profundas do sabio, a contensão d'espirito n'essas aturadas vigílias a que se dedica, não podem ter fim mais elevado, nem aspiração mais grandiosa.

Foi essa a gloria, a que aspiraram os nomes, que a sciencia, com mais orgulho, registra nos seus annaes; e sempre que a fortuna coroou taes esforços com um resultado feliz, se alargou a área dos conhecimentos humanos, plantando-se mais um marco miliario no caminho da civilização.

Não basta porém ter descoberto um principio, applaudil-o, incensal-o nas elevadas regiões da theoria; em sciencias sociaes onde a applicação é tudo, a contemplação extatica d'um principio, seria a mais banal das homenagens que lhe prestassemos; convertel-o n'uma realidade práctica, seria a mais evidente das demonstrações, que lhe dessemos. A sciencia rejeita como frivolos e pueris, esses entes de razão creados pelas aberrações do genio, aliás tão frequentes, quando a argucia e o sophisma, cruzando-se na lucta d'uma argumentação esteril e ingloria, reservavam para si as honras da dialectica.

Longe vai porém essa época, e felizmente! Hoje a idéa, que só em theoria merecer applauso, desesperando-se porém da sua applicação práctica, caducou por natureza.

Será porém esta a condição do grande principio da liberdade de commercio? Creemos que não.

As questões sociaes, tomando o vulto e importancia, que legitimamente lhes concede este seculo de philosophia experimental, são o thema privilegiado das discussões scientificas.

Os systemas succedem-se aos systemas, condemna-se hoje como erro, o que hontem ainda se applaudia como verdade; e não será este perpassar successivo d'opinões diver-

sas, pelos já cansados prêlos da imprensa, o seguro prognostico d'uma revolução grande nos fastos sociaes?

E não deverá por ventura essa revolução ser a traducção fiel dos principios, que a sciencia proclama, e que impressos já na consciencia da opinião publica, se converteram n'uma necessidade, cuja satisfação ella imperiosamente exige?

Entre esses principios porém o que mais radicado está na convicção geral, o que mais afaga as esperanças, dos que ainda sinceramente crêem no futuro, é o principio da liberdade do commercio, principio justo como a lei da egualdade, cuja expressão elle é, sublimo como o pensamento que lhe deu o ser — a liberdade.

Por isso tambem, quando deixar de ser uma aspiração, para se tornar uma realidade, quando essa idéa incarnar no código das nações civilisadas, ter-se-ha escripto a mais brilhante pagina da historia moderna. *Proclamar a liberdade commercial, é proclamar tambem a paz universal; estabelecê-la, é ligar entre si, pelos vinculos do interesse reciproco, todos os povos do mundo*; exclamava Cobden, o protagonista d'esse pomposo drama, de que acaba de ser theatro a Inglaterra; o orador que pela viveza da linguagem, pelo colorido do estylo, pela nervosa argumentação de seus discursos, tanto contribuiu para o completo triumpho da celebre Liga contra a lei dos cereaes — (*anti — corn — law — league*).

É que Cobden comprehendêra bem as tendencias e espirito da época. O trecho que apresentamos, não é uma asserção vaga do illustre orador, é antes uma sentença sublime devida ao estudo philosophico da sociedade actual.

As nações livres, como que partindo o cinto de ferro, que as algemava, e opprimia, apresentam-se hoje com toda a energia da sua força, mostrando ás nações barbaras o que póde a liberdade. Com o orgulho da superioridade offerecem, ainda assim, o abraço fraterno em vez do repudio fatal. É o predominio da civilisação sobre a barbaria d'outras eras. Roma, a cidade por excellencia, não fazia tanto; offerecia a paz, apontando orgulhosa para a massa de suas legiões. Queria a centralisação, era esse o seu pensamento politico; mas a centralisação pelo predominio da força, a unidade pelos vinculos do respeito e do terror.

O proprio systema de colonisação era ape-

nas, para os politicos d'esse tempo, o meio de fazer alastrar, pelo sólo estrangeiro, as raizes d'essa arvore immensa, que tantos povos cobria já com sua sombra.

Pensavam, entroncando assim raças diversas, fazer predominar, pelos laços de sangue o pensamento d'unidade.

A idéa era altamente politica; faltava porém a Roma o conhecer, que os vinculos de parentesco, são, entre povos distinctos, laços que pouco prendem. As nações, como o individuo, emancipam-se da auctoridade tutelar, uma vez que pelo seu desinvolvimento cheguem a ter consciencia de sua propria força.

Roma desconheceu esta verdade; a politica de hoje reconhece-a, e proclama-a como um principio salutar. Quer-se a centralisação, sob o predominio da liberdade; a unidade, pelos vinculos do interesse reciproco; a emancipação, pelos foros do trabalho livre.

O *panem et circenses*, a mais odiosa das maximas dos antigos *contemporisadores* politicos, esqueceu-se hoje; como tambem o principio barbaro, que fazia considerar inimigas duas nações distinctas, pelo simples facto de sua diversa nacionalidade.

A verdadeira philosophia prégando a egualdade entre os homens, abolindo a realza do privilegio, e a distincção vergonhosa das raças, tende a fazer de cada povo, uma só e mesma familia; de nações diversas, uma só e mesma nação.

É esta a lei da egualdade, que se traduz, no mundo politico, pela egualdade formal, no mundo economico pela liberdade de commercio.

(Continúa.)

Sebastião José de Carvalho.

PAGINAS DE VIDA INTIMA (1).

AO MEU AMIGO JOSÉ BENSABAT.

Tinha eu outr'ora na minha infancia, meu cara Bensabat, um velho amigo que amava muito, e cujos cabellos brancos inspiravam respeito e veneração; sua imagem, nas horas vagas da solidão e da melancholia, nos amargos instantes do padecer e da angustia,

(1) Havendo cessado a publicação das *Paginas de vida intima* no jornal — Instituto, por motivos ponderados por mim, e que é ocioso agora referir, resolvi-me a cumprir a promessa que então havia feito, de dar remate a este meu trabalho litterario; o que agora faço, aproveitando este ensejo, em que a Revista Academica, torna a ver a luz do dia, para dar testemunho dos desejos ardentes e nunca desmentidos, de progresso e instrucção, que brotam nos animos da mocidade Academica.

Alexandre Meyrelles.

erguia-se deante de mim risonha e pura, e parecia apontar-me para o futuro e para Deus.

A fronte espaçosa e larga, os olhos cheios de fogo, o garbo majestoso, davam a sua phisionomia um aspecto verdadeiramente sollemne; era uma d'essas almas de rija tempera, por onde não havia ainda passado nem o tufão das tempestades humanas, nem o halito impuro das paixões violentas.

Ahi, n'essa terra (1) em que nascemos, e cujo nome só por si é um padrão glorioso que ha de durar em quanto durarem os negros penhascos que a cercam, vira elle apenas accenderem-se ás labaredas do incendio que havia d'abrazar depois o nosso bello paiz; saudára com enthusiasmo o futuro risonho que parecia erguer-se para a patria, e exultára de contentamento, ao lembrar-se de que o ferrete da oppressão fa finalmente ser riscado da frente dos que tinham direitos a invocar no banquete de homens livres.

Quantas vezes não achára regado com lagrimas o campo lavrado pelo braço robusto do operario Açoriano? Como se lhe não confrangia de dôr o coração, quando assentado sobre algum elevado cabeço, das immensas campinas, que cultivava, extendia os olhos pelo horizonte dos mares, e via ao longe despontar um navio, que se dizia transportar para as regiões da America, homens, mulheres e crianças, para alli serem vendidas n'um bazar infame!!

N'esse dia voltava triste e pensativo para casa, mas esperando sempre que o futuro trouxesse dias mais risonhos.

Todavia o tempo, esse cavalleiro incansavel, que nunca pára, veiu em breve ceifar as flores que elle cultivava com tanto desvelo e amor; e assim como a vaga que varre as areias da praia, apagou na frente do ancião a aureola de suas mais viçosas esperanças.

Vi-o quando a descrença lavrára em sua alma sulcos tão profundos, como os que deixa na terra o ferro do arado, e conheci que a perversidade dos homens havia lançado n'aquelle terreno, outr'ora cheio de seiva e exuberante de vida, a semente destruidora da duvida.

As minhas crenças não eram, comtudo, como as d'elle. Amava com muita fé, com muito ardor; e esse amor profundo, immenso, absorvia por assim dizer todo o meu ser. Detestava a duvida, porque a reputava uma enfermidade moral, que devora a intelligen-

cia e suffoca todas essas nobres aspirações, que encaminham o espirito para Deus.

Era a elle que deviam ser offerecidas estas paginas. Quando emprehendi este trabalho, lembrei-me sempre com prazer, de que as vistas d'esse amigo generoso se fixariam um dia sobre os caracteres escriptos pela mão do mancebo, que elle amava estremosamente, e a quem dava muitas vezes o nome de filho.

Não o quiz Deus assim. Paixões de homens, que não crêem na generosidade dos affectos humanos, ergueram entre mim e elle uma barreira, e poderam destruir n'um instante o que os annos não haviam podido fazer até alli.

Ao velho amigo, que amava como filho, succedeu porém outro, mas joven, e que amo agora como irmão.

É a ti, meu caro Bensabat, que pertence por tanto esta dadiva da amizade. Os laços que nos unem, são os de uma sincera e profunda estima. Filhos de religiões differentes, o Deus que tu adoras, é tambem o Deus de meus páes. Irmãos em fim pela patria, hemos-lhe votado todas as forças da nossa intelligencia, para um dia lhe grangearmos engrandecimento e poder: nossos esforços hão de convergir sempre para esse ponto, porque nosso coração bate unisono e alegre, só ao pronunciar o doce nome do rochedo batido das vagas, que chamam com razão o rochedo da liberdade.

Sim, sejamos d'ella, e só d'ella, porque a patria encerra todos os sentimentos humanos, mesmo os mais deliciosos; é a mulher que amamos com todo o fogo do amor, com todo o fervor das crenças juvenis; é a cruz que se ergue nos campanarios das aldéas, e nas torres das cidades; é o lar domestico em que repousámos a cabeça nos dias da infancia; é o templo onde ajoelhamos, é o cemiterio onde jazem os ossos de nossos irmãos.

Alexandre Meyrelles.

I.

A partida.

Adieu, adieu! my native shore
Fades o' er the water blue.
The night-winds sigh, the breakers roar
And shrieks the wild seam-ew.
Yon sun that sets upon the sea
We follow in his flight;
Farewell awhile to him and thee,
My native Land—Good Night!

LORD BYRON

Navega no Oceano, meu lindo brigue S. Bernardo, com as tuas velas de fino linho,

(1) Angra do Heroismo.

com as tuas cordas tão delgadas, com os teus mastros de rico cedro, aparelhados nos estaleiros da Figueira, onde nasceste á claridade suave d'um dia de verão. Espreguiça teu liso costado na superficie azulada das vagas, que te cercam para te acalentarem no seu ninho de brancos folhos d'escuma: a tormenta, que te ha de rasgar os pannos e quebrar os mastros, ainda está longe. Dorme socegado, meu bello navio, á luz das estrellas, que allumiam o firmamento. As pallidas tintas, que vestem aquella parte do horizonte, escondida entre duas nuvens, apagaram-se com os ultimos raios do sol. É a hora do remanso. Ouvem-se vozes confusas, que augmentam, diminuem, recrescem e finalmente morrem no silencio. O horizonte está bordado de nuvemzinhas diaphanas, côr da espuma dos mares.

Deixamos assim atrás de nós as montanhas do archipelago, que se erguem, como sombras gigantescas, no meio do Atlantico.

Apenas se divizava ao longe um vulto negro, que se debruçava nos rochedos, devassando o seio das nuvens, com seu capacete de bronze, com seus braços de ferro extendidos para o mar, com a cortina azul de mil oiteiros, que fecham seu largo horizonte. Era o cadaver d'um velho castello dos Açores.

As oscillações, que faz o navio n'aquelle chão limpido e sereno, dão a esta scena um character languido e triste. Poucos minutos depois o leme era amarrado a um cabo; e os balanços cessaram. Tudo dormia, menos o homem do quarto, que murmurava uma canção maritima do cabo da Boa Esperança. Ouvia-se porém de vez em quando um pequeno rumor, que um observador mais attento tomaria por gemido mal contido. Agoiro ou presentimento, aquelle gemido parecia vir banhado em lagrimas.

Ao pé d'uma lampada, a arder no fundo da camara, está um joven, pallido, mudo, tristemente immovel. São negros seus cabellos. Seu olhar brilha n'um d'esses pensamentos, que lançam faiscas. Sua voz era doce: mas o franzido da sobrancelha indicava alguma cousa de singular e inexplicavel.

Absorto em profundo pensar, a cabeça pendia-lhe sobre o peito, agitado d'um tremor convulsivo. Um simples movimento dos labios é muitas vezes signal de paixões ardentes. Ergueu-se poucos momentos depois, e subiu á amurada do navio. Perguntei-lhe a causa de seu soffrimento. Estremeceu, quando viu que alguém o observava.

Depois, approximando-se de mim com gesto admirado:— Pois não sabeis, me disse elle, o que são as aguas, que reflectem o raio do sol, que se levanta nos rochedos da patria: o que é deixar o berço natalicio, e a sancta mulher, que nos embalou nos braços, como filho de suas entranhas e de sua alma? Vêdes além, continuou, aquelle ponto sombrio no espaço? É o paiz dos meus amores de menino, dos folguedos da minha infancia. Aquellas cintas escuras, que de vez em quando surgem no céu, são as minhas montanhas, cercadas de musgo e verdura. As nuvens negras, que passam ao longe, sacudidas talvez pelo vento da tempestade, são os frondosos pinheiros, que corôam a casa em que nasci. E ainda me perguntaes o que eu faço aqui, a estas horas, quando a vaga, a que succede a vaga, não tarda a arrojarnos para longe d'aquella terra da patria?

E, dizendo estas palavras, virou-me as costas, com os olhos sempre cravados no horizonte. Debalde quiz ter com elle uma explicação, foi insensivel a tudo. No dia seguinte, quando me levantei, perguntei-lhe se estava já restabelecido do seu pesadello: respondeu-me com um leve sorriso. Encostado a um cabo do navio, divertia-se a vêr a onda despedaçar-se n'aquelle fragil lenho, fabricado por mãos dos homens contra a furia dos elementos.

Cinco dias porém eram passados, desde que tinhamos perdido de vista as costas do archipelago. O norte começava a encrespar a superficie das aguas, e as ondas espreguiçando-se na prôa do navio, reflectiam, a espaços, nas toalhas d'escuma a luz indecisa dos céus. Nunca me hão d'esquecer aquellas noites do Atlantico. Uma tarde fui encontrar o joven açoriano adormecido á prôa do navio.

Atravéz do véu de muda tristeza, que lhe escurecia a fronte, divagava-lhe nos labios um rizo de contentamento; em sonhos, ou desenhada no vapor do crepusculo, sorria-lhe talvez a patria.

Desde a scena da partida não nos tinhamos ainda encontrado, ou fosse por elle andar desviado de mim, ou por desleixo meu em o procurar. Sou naturalmente brusco e sombrio. Com tudo amo a juventude, que me recorda os dias mais felizes da minha vida.

D'esta vez, porém, quando o joven acordou, fui sentar-me a seu lado.

—Vejo, que ainda não perdestes o costu-

me de dormir ao murmurio das vagas, lhe disse eu, dando á minha voz uma inflexão doce e suave, e procurando afagar o affecto sublime e ardente do joven pelo seu bello paiz.

— Assim é, me respondeu elle, que, quando inclino a cabeça para ver perpassar as ondas, recorda-me a fortaleza, que está de frente da Candelaia; e que, semelhante a um cão raivoso, que mostra os dentes ao inimigo, que o vem atacar, deita para o mar dez enormes bôccas de fogo. Se a visseis de longe, toda borrifada d'escuma, com sua artilheria de polido bronze, dissereis, que ou zombava dos elementos, ou se mirava ufana no espelho das aguas, para admirar seus enfeites n'aquella costa bravia. Por isso a nobre fortaleza é sempre saudada pelos habitantes da costa, pelos vivos dos pescadores, quando a avistam do alto mar, pequeno ponto negro no meio de seus dous penedos.

— Visto isso, lhe respondi, a vossa infancia passou assim desaparecida e ignorada ao pé d'essa fortaleza? E a vossa familia não vivia ahi tambem?

— Meu pae n'esse tempo achava-se ausente, victima da guerra civil, que então assolava nossa infeliz patria. Lembra-me ouvir dizer a minha mãe, que elle andára muitos dias errante e fugitivo; que fôra depois uma noite arrastado para o castello de **, e quarenta dias depois deportado para Inglaterra. Eu tinha pouco mais de dous annos. A revolução deixava-me órphão de pae; e eu fui crescendo no collo de minha mãe, mal sabendo as dôres que curtia aquelle nobre e generoso coração. Só depois me lembrou, que nunca lhe vi nos labios um sorriso; sempre terna, sempre affavel e meiga, mas nunca alegre.

— Certamente pertenceis a alguma das primeiras familias do archipelago?

— A minha familia, me respondeu, é um tronco partido d'esses Tavoras, que foram a morrer no patibulo por crime de rebellião, ou por causa dos amores da marquezia de Tavora, como quer um velho, que temos em nossa casa, e que sabe muitas d'essas historias interessantes de cavalleiros. Minha mãe pertencia a esta infeliz familia; mas como houve um decreto, que proscreeu para sempre esse nome, foi elle desaparecendo pouco a pouco, e converteu-se n'outro não menos nobre, segundo diz o bom do meu criado velho. Com tudo nos primeiros annos de seu casamento meu pae prohibiu, que se falasse

em Tavoras; porque pertencia a outra familia. Depois, quando elle emigrou, minha mãe, que sempre conservou amor aos de sua linhagem, contava-nos as scenas que precederam a morte dos Tavoras. E não achæes que tinha razão?

— Sem duvida, lhe respondi; porque elles morreram innocentes do crime, que lhes imputaram. Hoje acredita-se, que os tiros foram mui de proposito encommendados pelo proprio marquez de Pombal, que fiel ao seu proposito d'anniquilar a nobreza, não queria deixar em pé uma só corôa de conde.

— Mas se os Tavoras não erão criminosos, por que motivo os mandaram matar?

— Foi porque o marquez era um terrivel inimigo de nobres e cavalleiros. Um dia sabereis, que vastos e immensos projectos concebêra a alma d'este grande ministro; que se tivessem havido mais dous homens como elle, Portugal, essa pequena lingua de terra, collocada na extremidade da Europa, seria ainda uma das primeiras nações do Occidente. Com tudo este facto da morte dos Tavoras foi uma nódoa, de que, dizem, o marquez se envergonhava nos ultimos annos da sua vida.

— E com razão, accrescentou o joven, pois que mal tinham feito aquellas pobres senhoras, cujos membros foram esquartejados pela mão do algoz no meio dos gritos ferozes da populaça (1)? E a scena da prisão, em que, abusando-se dos mysterios da religião, propinaram veneno aos Tavoras ajoelhados? Nunca vos contaram isso? E depois, quando o marquez de Pombal soube que a filha da marquezia de Tavora, que elle queria salvar, fôra realmente envenenada, como não ficou enfurecido? Isto não foi com tudo obstaculo para se erguer no dia seguinte na praça de Belém, um cadafalso, a que assistiu a côrte com todo o esplendor, e o marquez com semblante impassivel e severo.

— Os homens são sempre assim (respon-di eu, encantado da viveza e intelligencia do joven): uma vez no poder esquecem-se da virtude e da honra, e só dão ouvidos ás suas paixões. Mas deixemos esta negra historia,

(1) Na historia das Revoluções de Portugal pelo Abbade Vertot, e que foi depois continuada por Luiz de Boisgelin, se acha circumstanciadamente descripta a historia do supplicio dos Tavoras. O duque d'Aveiro soffreu o supplicio horrivel da roda, pela primeira vez usado em Portugal, e transplantado de França; o marquez de Tavora, seus dous filhos, sua mulher, e o conde d'Atouguia foram degolados. Conservaram geralmente até ao ultimo suspiro uma firmeza heroica, e um sangue frio inalteravel.

e dizei-me o destino, que pretendeis seguir, terminada a nossa viagem: vindes só, ou vem convosco mais alguém?

— Em minha companhia vem mais dous irmãos e um criado velho, que ha de acompanhar-nos até ao Havre de Grace. Devemos aproveitar a safda do brigue Rosa do Téjo, a elle fazer-se de véla por todo o mez que vem. Meu pae, que durante a emigração percorreu quasi toda a Europa, escolheu na Belgica um collegio de jesuitas, onde pretende educar-nos.

— De jesuitas!... Pois vosso pae não teve medo de confiar a vossa educação a uns homens, que dizem ser tão máus e hypocritas?

— É verdade que tambem tenho ouvido algum mal d'esses padres; mas bem sabeis que elles foram perseguidos e expulsos, porque eram os amigos e confidentes (1) dos

(1) Entre os factos de que abunda a nossa historia, condemnados talvez a nunca ser devidamente apreciados, nem julgados, é sem duvida este, que deu causa á morte dos Tavoras. A imaginação e a politica, o espirito de familia e a religião, combinaram-se para fazer d'este triste episodio, ou uma d'essas vinganças terriveis, que deslustram um reinado, por mais brilhante que elle seja; ou um d'esses actos rigorosos, mas energeticos e necessarios, que salvam muitas vezes um throno ou uma dynastia. Não faltou tambem, quem involvesse os jesuitas n'este fatal negocio; e, sem remontar a outras causas, viu-se nas provas arranjadas pelo marquez de Pombal, que sabemos era empenhado em derrubar não só a nobreza, mas aquella sociedade, cujo poder na America, na Asia, e na Europa, tomava então dimensões gigantescas, um documento irrefragavel da cumplicidade dos jesuitas na conjuração contra a vida do rei.

Quizeramos porém nós, que prezámos primeiro que tudo a verdade, e rejeitámos com indignação esse principio, de que tantas vezes se tem feito alarde, mesmo n'este seculo de progresso e illustração, *que todos os meios são bons, com tanto que se consigam os fins*, que antes de se lançar o odioso d'um crime ou sobre um homem, ou sobre uma corporação, se investigassem primeiro os artigos do processo e se ouvissem os accusados; que se folheassem as paginas da historia d'aquelle tempo, e meditando depois no remanso do gabinete, se proferisse então a sentença. Não o fizeram porém assim os nossos sabios e profundos pensadores; que, cerrando os ouvidos aos gritos do réo, que invocava o seu direito de legitima defesa, sentenciaram-no sem provas; e deram, quanto a nós, um signal evidente da ignorancia e má fé.

Não se julgue porém, que pretendemos votar-nos a um trabalho, para a execução do qual, confessamos, são sobremaneira escassas as nossas forças: limitamo-nos aqui tão sómente a protestar contra a sentença, que envolveu os jesuitas no mesmo processo dos Tavoras. Mas os jesuitas eram os confessores dos Tavoras! Que significa porém isso para o caso em questão? Não o eram elles tambem de muitas outras familias nobres, que não se acharam involvidas na conjuração?

Parece-nos, que, procurando mais longe a causa d'esse odio da nobreza, que no reinado de D. José I. subiu ao seu maior auge, se poderiam apanhar os fios d'este mal-aventurado processo. Porque não seria a sentença, que no reinado de D. João V. expulsou muitos nobres para o interior do reino, a principal causa d'esse odio? Para quem vê os factos através do prisma das preocupações;

Tavoras... Mas que vos parece? São elles tão máus, como dizem?

— Máus e hypocritas, lhe respondi, são os que atiram uma pedra ao rosto de seus irmãos, que se elevaram á altura da sua missão; que creram na grandeza do genero humano, e na providencia de Deus; que ergueram os olhos para um horizonte tão vasto como o seu coração, onde foram plantar a cruz, sublimes de coragem, de fé e dedicação. Com tudo sempre direi, que, entre os membros d'esta sociedade poderosa, homens houve, que ultrapassaram a medida; por isso o cedro gigante, batido pelos golpes repetidos das gerações, que agitava a vaga da revolução, estalou com horrivel fragor. Deixai porém passar esta geração inquieta e ardente; e a sociedade de Jesus ha de continuar a sua obra de regeneração.

Já mesmo os encontrareis, não só na Belgica, mas na França, na Allemanha, na Inglaterra, na America, na Asia, por quasi todo o mundo; e n'esse mesmo Portugal, aonde vamos aportar, não ha muitos tempos, que uma colonia de jesuitas, extranhos a luctas de partidos, envergonhava por sua ardente caridade e zelo apostolico a tibieza e corrupção do clero nacional. O pensamento de vosso pae parece-me acertado.

Ides porém entrar n'um mundo novo, em que o vosso coração tem de ser assaltado por violentas paixões. Ao vosso lado não estará já a carinhosa mãe, que vos acompanhou nos dias felizes da infancia: encontrareis mancebos, que vos dirão, com o rizo nos labios, palavras doces e affectuosas; mas attentae bem, que n'essas palavras lisongeiras está muitas vezes encoberto um negro veneno. Escolhei d'entre elles um, ou quando muito dous, a quem confiareis os segredos de vosso coração. Amestrado nas longas horas d'intima agonia, acostumado a devorar a soberba dos homens, conheço os arcanos d'esse mundo, em que ides entrar, bello de can-

para quem não sabe o que é este longo e penosissimo trabalho de escrever a historia, isto não passará d'uma méra supposição, que desaparece diante do facto nú, palpitante, incontestavel, e comprovado talvez por documentos authenticos.

Mas, os que, como um grande escriptor do nosso paiz, sacrificam a longas e áridas investigações todas as faculdades do espirito, quasi todas as horas da vida, para darem á sua patria uma historia sincera e verdadeira, esses nunca reputarão infructuoso qualquer trabalho, por mais pequeno, que seja, nenhuma supposição, por mais estranha que pareça. Não nos temos em conta de historiador: apontamos simplesmente um facto, que nos parece poder explicar a catastrophe, que levou os Tavoras ao patibulo e a nenhuma parte, que n'ella tomaram os jesuitas.

dura e d'esperança. Quando chegardes a França, deveis fazer um pequeno jornal dos successos da vossa vida; e podeis escrever-me de vez em quando. Vêde em mim um homem, que nunca atraiçou a confiança d'um amigo. Espero porém encontrar-vos em Lisboa mais vezes.

O joven, enternecido, apertou-me a mão, e separámo-nos. Dous dias depois, da verga d'um mastro, o gageiro descobriu terra. Uma massa informe e escura ergueu-se então do meio das vagas; lá nos extremos do horizonte vimos depois os cerros escaldados do cabo da Roca.

Estreito, comprido e irregular, o cabo offerece a cabeça nua, e os flancos descobertos aos assaltos de uma furiosa corrente.

Coberto de uma herva curta e espessa, o promontorio vem pouco a pouco minguando, até converter-se n'uma pequena lingua de terra.

Deisavam-se os vôos, ora rapidos, ora vagarosos, das aves aquaticas, que, poisando ao pé umas das outras, nos pareciam ao longe, soldados em ordem de batalha.

N'aquella aspera penedia o mar balouçava-se, e precipitava-se com um estrondo semelhante ao rebombar do trovão, e as vagas, elevando-se em golfadas d'escuma, formavam um contraste sublime e grandioso.

A alvorada começava a repintar a terra. O vento soprava rijo das bandas do norte. Poucas horas depois os marinheiros gritavam, batendo as palmas:— Lisboa! Lisboa!

E o navio entrava o porto, soberbo, como a aguia nos campos do céu. (Continúa).

Alexandre Meyrelles.

ROMANCES.

REDGAUNTLET.

CARTA PRIMEIRA.

Darsie Latimer à Alan Fairford.

Cur me querelis exanimas tuis? — Porque me ensurdeces com tuas choradeiras? O accento de tristeza, com que te despediste de mim em *Noble-House*, ao montar no teu lazarento cavallo d'aluguel para regressares aos teus estudos de direito, ainda resôa a meus ouvidos. Parecia dizer: Feliz magano! tu podes correr á vontade por montes e vales, pretender todo e qualquer objecto curio-

so, que se te offereça, desistir d'elle, quando te não agrada; não assim eu, teu veterano, tanto na idade, como na sciencia, que tenho, n'esta brilhante estação, de voltar ao meu quarto estreito e aos meus livros boforentos.

Era este, se me não engano, o sentido das reflexões, com que tu entristecestes a nossa derradeira garrafa de Bordéos, nem posso interpretar de outro modo teus melancolicos adeuses.

E por que ha de isto ser assim, Alan? porque não estás tu agora assentado defronte de mim n'esta estalagem do rei Jorge, com os calcanhares sobre o guarda fogo, e com esse teu rosto magistral, onde começam de desaparecer as rugas á medida, que te acode ao espirito algum dito chistoso? Porque razão, quando encho o meu copo de vinho, não posso eu passar-te a garrafa a exclamar: « agora tu, Alan. » Porque não comprehende Alan Fairford a amisade n'um scutido tão verdadeiro como Darsi Latimer, e não quer que se ponham nossas bolsas em commum, do mesmo modo que nossos sentimentos?

Bem sabes que sou sósinho no mundo; o tutor, cujas cartas me annunciam uma immensa fortuna, que deve pertencer-me, logo que tenha completado vinte e cinco annos, é a minha unica protecção. Sabes tambem que o meu rendimento annual satisfaz mui largamente as minhas necessidades; e todavia, tu, que és um traidor á causa da amisade, privas-me da tua companhia e condemnas-te a privações, com medo que minhas excursions vagabundas me custem mais alguns guinéos! É por contemplação á minha bolsa, ou por satisfazer o teu orgulho? Não é isto tão absurdo como desarrazoado, qualquer que seja o motivo? porque, certifico-te, que tenho e terei mais do que é mister para nós ambos. O proprio e methodico Samuel Griffiths d'Ironmonger-Lane, Guil-Hall em Londres, cuja carta me chega tão pontual, como o dia do trimestre, enviou-me, como já te disse, dobrada mezada para este vigessimo segundo anniversario de meu nascimento, assegurando-me, em sua linguagem concisa, que a somma seria dobrada nos annos seguintes, até que eu entre na posse de meus bens. É mister ainda, que me abstenha de visitar a Inglaterra, até expirarem os meus vinte e cinco annos. Por em quanto recomendam-me que não faça pesquisa alguma á cerca da minha familia.

Se me não recordasse de minha pobre

mãe, quando estava de lucto pesado, e que nunca se ria, senão quando olhava para mim, e ainda era um sorriso fraco e doloroso, como o sol quando scintilla através d'uma nuvem d'abril; se suas feições e nobres maneiras, não repellissem semelhante suspeita, julgar-me-ia filho d'algun director da companhia das Indias, d'algun rico burguez, que possuísse mais dinheiro do que honra, d'algun libertino hypocrita, que, ás escondidas, quizesse educar e enriquecer um ente, de cuja existencia se envergonhava. Mas, como já te tenho dicto, ainda me lembro de minha mãe, e tenho a certeza, como a de que existo, que nem a propria sombra de deshonra se pôde ligar a tudo, que lhe diz respeito. Todavia, sou rico e só: por que razão o meu unico amigo escrupuliza de participar das minhas riquezas?

Não és tu realmente o meu unico amigo? não tens por ventura adquirido o direito de possuires parte dos meus bens? Quando troquei a solidão da casa paterna pelo tumulto do collegio de *High School*, quando fui apupado por causa do meu accento do sul; salgado com neve como um porco de Inglaterra, e estendido n'um lameiro, recebendo o epitheto de *morcella Saxonica*, quem com bons argumentos e melhores murros ainda, ouzou arvorar-se meu defensor? Foi Alan Fairford. Quem me socou devéras, quando transportei para os bancos da pequena republica, a minha arrogancia de filho unico, e conjunctamente com uma pessima indole? Foste tu tambem, Alan. E quem me ensinou a atirar ao alvo, a sapatear, e a dançar na corda bamba? Ainda foste tu, Alan. Se me tornei o orgulho das escholas e o terror dos mercadores na passagem d'*High School*, foi sob o teu patrocínio, e se não foras tu, ter-me-ia contentado com passar humildemente pela porta *Cowgate* (1) sem trepar por ella acima, e nunca teria visto o *Kittle-Nine Steps* de tão perto, como da tapada de *Bareford*. Ensinaste-me a defender os fracos, a não poupar os fortes, a não trazer nada das escholas, a portar-me como homem, a obedecer á terrivel ordem d'um *pande manum*, e a supportar a dôr das ferulas sem pastenejar, como estudante resolvido a não mudar de systema.

(1) Trepar pela porta *Cowgate*, sobre tudo em tempo de neve, era um dos divertimentos predilectos dos estudantes do collegio d'*High-School*, porque offercia uma posição inacessivel d'onde se podia impunemente arrojear bolas de neve sobre os que passavam. A porta já hoje não existe, e provavelmente o maior numero dos combatentes tambem desapareceu.

Em fim, antes de ter conhecimento contigo, não sabia nada. O mesmo foi na Universidade. Quanto a minha preguiça parecia ser incorrigivel, o teu exemplo e exhortações excitaram-me a tentar um esforço, e abriam-me o caminho dos gozos intellectuaes. Fizeste de mim um historiador, um metaphisico (*invicta Minerva*), até mesmo me tornaste um advogado tão distincto como tu és. Sim, Alan, foi para não me separar da tua companhia, que passei um anno fastidioso a estudar direito patrio, e um outro mais fastidioso ainda a estudar direito civil. E não existe ainda o meu caderno d'apontamentos, cheio de caricaturas dos professores e dos condiscipulos, para prova dos grandes progressos que fiz? Até ao dia de hoje andámos junctos, e para dizer a verdade, unicamente com o fim de seguirmos a mesma carreira. Mas eu já não posso acompanhar-te, Alan. Palavra d'honra, quizera antes ser um d'esses engenhosos mercadores, que da outra banda do pateo roubam o pequeno mestre *Jacques*, vendendo-lhe piões, pélas, voadores e raquetas, do que algum dos confrades de toga comprida, impondo aos simples camponeses com sonoras citações de leis.

Abstem-te de ler isto a teu digno pae; julgo que elle préza muito a minha companhia n'uma tarde de sabbado, mas penso que a reputa inutil em outro qualquer dia da semana. E desconfio que é este o motivo da tua obstinação em recusares n'uma tão deliciosa estação, o fazeres comigo uma digressão pelos condados do sul. Sei que o digno *gentleman* não me perdôa o meu estouvamento em deixar Edimburgo antes do *ponto*; ou talvez que me veja assim com tão máos olhos por causa da minha carencia absoluta, não digo já d'antepassados, mas de progenitores. Considera-me como um ser isolado n'este mundo, Alan, e de feito não se engana; e é a razão por que não quer que te prendas a mim, que não tenho a reclamar interesse algum na grande familia do genero humano.

Não supponhas que me esqueço do que lhe devo, por me ter concedido licença para residir quatro annos debaixo das suas telhas: não são menores para com elle as minhas obrigações, antes pelo contrario, sobem de ponto, se é verdade, que nunca me amou cordealmente. Elle está tambem escandalizado de eu não querer, ou não poder ser homem de leis, e pelo que te diz respeito, considera a minha pouca inclinação para esta carreira, como *pessimi exempli*, no seu modo de fallar.

Mas elle não deve recear, que um rapaz tão forte, como tu és, possa ser influenciado por um arbusto tão fraco como eu, e que se curva ao sopro de todos os ventos.

Tu, continúa a duvidar com Dirleton, e a resolver as tuas duvidas com Stewart (1) até que chegue o dia em que has de pronunciar o famoso discurso *more soluto* na ponta do banco, e em que com a cabeça descoberta, has de jurar defender as liberdades e privilegios do collegio da justiça, em que a toga negra ha de cobrir teus hombros, em que te has de tornar tão apto como qualquer outro membro da faculdade *para accusar ou defender*. Apresentar-me-hei então em campo, Alan, n'um papel que teu proprio pae ha de confessar servir-te mais do que se eu attingisse contigo o alvo brilhante de teus estudos legislativos. Finalmente, já que não posso ser advogado, estou resolvido a ser cliente, especie de personagem, sem o qual um processo seria cousa tão ridicula, como um caso hypothetico. Sim, estou resolvido a fazer-te ganhar os teus primeiros honorarios. Póde-se facilmente intentar um processo, tenho certeza d'isso; sair bem d'elle, é que ás vezes é cousa difficilima. Ora, tendo eu teu pae por meu procurador, e a ti, que és tão lido em jurisprudencia, por meu advogado, e tendo de mais a mais o respeitavel mestre Samuel Griffiths por detraz de mim, estou certo que algumas sessões não hão de esgotar o meu reforço. Em fim apresentar-me-hei na audiencia, ainda quando me seja preciso commetter *um delicto*, ou pelo menos *um quasi delicto*. Já vês que os escriptos de Erskine e as lições de Wallace (2) não ficaram de todo baldadas para mim.

Eis aqui realmente uma longa serie de charrices, e todavia, Alan, no fundo, não estou completamente satisfeito. Incomoda-me a idéa de meu isolamento, e a minha solidão é tanto mais penosa, quanto me parece privativa da minha pessoa. N'um paiz, onde todos têm um circulo de parentela, que se estende até ao sexto gráu, pelo menos, sou eu um individuo isolado, conhecendo apenas um ente, cujo coração fere as mesmas pulsações, que o meu. Se fôra condemnado a ganhar o pão de cada dia, parece-me que não faria tanto caso d'esta privação. As relações entre o senhor e o servo, seriam pelo menos um laço, que me prenderia ao resto dos homens;

(1) Jurisconsulto Escossez.

(2) Erskine jurisconsulto, e Wallace professor em Edimburgo.

realmente a independencia do meu character parece augmentar ainda a singularidade da minha posição. Vejo-me no mundo, como um estrangeiro n'um café mui frequentado; entro, peço os refrescos de que hei mister, pago a despesa, e ninguem mais se lembra de mim, depois que o criado pronunciou a palavra sacramental de — obrigado, meu senhor. Eu sei que teu bom pae chamaria a isto ser ingrato aos beneficios de Deus e perguntar-me-ia de que natureza seriam as minhas queixas, se me visse obrigado a acalmar a cólera do estalajadeiro, por ter consummido o que não podia pagar. Não posso realmente explicar isto; mas com quanto se offereça a meu espirito esta mui razoavel reflexão, e que não possa deixar de confessar, que 400 libras esterlinas de pensão annual, de que até ao presente tenho gozado, e que acabam de ser dobradas, e além d'isto, alguns extraordinarios que não metto em conta, não seja cousa em extremo agradável; todavia não se me daria de ceder de bom grado a metade, só para dar o nome de pae a teu pae, ainda quando elle houvesse de reprehender-me, por causa da minha preguiça, a todas as horas do dia, e para te chamar meu irmão, ainda mesmo que o merecimento d'esse meu irmão houvesse de escurecer o meu.

Uma idéa confusa, mas que não é de todo inverosimil, muitas vezes se offerece ao meu espirito, e é que teu pae sabe acerca do meu nascimento e condição real, mais do que está disposto a dizer. Parece-me pouco provavel, que me deixassem em Edimburgo, sem outra recommendação além do pagamento regular da minha despesa diaria ao velho M... d'High School.

De tudo quanto posso recordar-me, anterior a esse tempo, como já te disse, é da indulgencia excessiva de minha mãe, bem como das minhas exigencias verdadeiramente tyrannicas.

Lembra-me ainda de como ella suspirava amargamente procurando debalde socegar-me, quando eu, com todo o despotismo d'uma creança creada com muito mimo, berrava como dez bezerros por uma cousa que ella não me podia dar.

Morreu, essa mãe tão boa e tão mal recompensada! Ainda me recordo das figuras alongadas, do quarto escuro, das tinturas pretas, da mysteriosa impressão que produziu no meu espirito o carro funebre, os coches de lucto, e da difficuldade que expe-

rimentava em conciliar tudo isto com o desapparecimento de minha mãe.

Creio que, antes d'este acontecimento, nunca tinha formado uma idéa da morte, e que até nunca ouvira fallar d'este termo necessario a toda a existencia.

As primeiras relações que tive com ella, roubaram-me toda a minha familia, porque me deixaram sem mãe.

Depois d'este acontecimento um ecclesiastico de certo respeitavel, nossa unica visita, foi meu guia e companheiro n'uma viagem d'uma extensão consideravel; fui depois não sei como nem porque, confiado aos cuidados d'um homem idoso, que o substitui e com quem terminei a minha viagem á Escocia; — eis em resumo todas as minhas recordações.

Repito esta pequena historia, como já cem vezes a repeti, unicamente para ver se posso tirar d'ella alguns esclarecimentos.

Applica por tanto o teu espirito penetrante, o teu genio d'advogado a esta missão; trabalha na minha historia, como se tivesses de coordenar os estúpidos arrazoados d'um cliente muito tapado e bronco, com o fim de harmonisar os factos e as circumstancias, e serás não o meu Appollo, — *quid tibi cum lyra?* — mas o meu lord Stair (1).

No entanto eu já me despi da minha melancholia, das minhas negras visões, só em ter lançado mão d'este assumpto para a minha carta. Vou por tanto conversar com Robin, o cavallo ruço; o maroto já me conhece, e rincha quando me vê assomar á porta da estrebaria.

O cavallo preto que tu montavas hontem, promette ser um admiravel servidor, e trota tão facilmente com Sam e com a mala, como trotaria contigo e a tua jurisprudencia. Sam promette ser um domestico activo, porque o tem sido até ao presente. Prova de curto espaço, dirás tu. Elle attribue ás más companhias suas primeiras faltas. *As pessoas que elle frequentava na cavallariça eram sem duvida mui seductoras.* Sustenta que nunca se descuidou de tractar do cavallo, porque teria, diz elle, preferido antes não jantar. E eu dou-lhe credito, porque os costados e o pello de Robin não offerecem prova do contrario.

Todavia, como elle não ha de encontrar sanctos nas estalagens que frequentarmos, e como muitas vezes a cevada se converte em cerveja, eu não perderei de vista mestre Sam. O imbecil! Se não houvesse abusado do meu

bom genio, eu teria podido conversar com elle, para exercitar a lingua, quando pelo contrario preciso de o conservar a distancia.

Lembras-te do que me disse um dia a este respeito Mr. Fairford? «Que não convinha ao filho de meu pae o fallar assim ao filho do pae de Sam.» Perguntei-te o que teu pae podia saber á cerca do meu, e tu respondeste-me — tanto quanto sabe do de Sam; é uma expressão proverbial.

Esta explicação não me satisfaz, apesar de que, com certeza, não posso dizer o porquê. Mas volto outra vez a este assumpto esteril e esgotado.

Não te admires se entro de novo n'este campo de conjecturas, tantas vezes percorrido e explorado. Não conheço nada que seja nem tão inutil, nem tão ridiculo, nem tão desprezível, como enfastiar com vãs-lamurias os ouvidos dos nossos amigos.

Queria poder prometter-te que as minhas cartas hão de ser tão interessantes, quanto é certo, que estou resolvido a escrevel-as compridas, e a enviar-as com regularidade.

Nós temos uma superioridade sobre os pares d'amigos famosos na antiguidade: David e Jonathas, Oreste e Pyladas, Damon e Pithias. Apesar de que para estes ultimos em particular, uma carta pela posta seria cousa em extremo util; elles nunca tiveram correspondencia, porque provavelmente não sabiam escrever, e certamente não tinham nem posta, nem faculdade de franquear as cartas para se trocarem suas expressões reciprocas, em quanto que nós, graças ao sello que te deu um nobre par (1), e que podemos, fechando-o com cuidado e abrindo-o com cautela, fazer passar mil e mil vezes, escaparemos aos direitos de posta de Sua Majestade, todo o tempo que durar a minha digressão.

Por tanto, Alan, exulta de alegria.

Quantas cartas te não passo a escrever, sem omittir nada de tudo quanto póde reunir de divertido e curioso a interessante digressão que vou emprehender.

Só o que estipulo contigo é que não hão de ser communicadas ao *Scotch Magazine*, porque supposto tenhas o costume de cumprimentar-me d'um modo mui pouco gracioso á cerca dos meus triumphos no mais ligeiro ramo de litteratura, á custa da minha capacidade nas materias mais graves da jurisprudencia, eu nunca serei tão atrevido que

(1) Os membros do parlamento tem porte franco para as suas correspondencias.

(1) Celebre juriscousulto Escossez.

pretenda entrar sob o frontespicio que o sábio Rudiman abriu tão caritativamente aos acolytos das Musas. — *Vale, sis memor mei.*

D. L.

P. S. — Dirige as tuas cartas ao escriptorio da posta. Eu darei ordem para me serem pontualmente entregues.

Recebemos uma collecção de poesias francezas, que promettemos publicar; todavia sentimos que a excessiva modestia de seu auctor não consentisse, que lhe soubessemos, do nome, nem ao menos as iniciaes: a poesia que abaixo transcrevemos merecia sem dúvida um throno mais subido, aonde a gloria se assentasse ao lado da sua irmã predilecta — a immortalidade.

POESIA.

AU PONT SUSPENDU DE PORTO.

Pont gracieux suspendu dans l'espace!
 Tu fûs créé pour le plaisir des yeux,
 Et chaque jour à celui qui te passe
 Tu dois donner un souvenir des cieux!
 Presque lancé entre le ciel et l'onde!
 Charmant travail qui fixe le regard,
 Tu fais songer que le maître du monde
 A l'homme un jour a révélé son art!
 Tu réunis à jamais les deux rives
 Que le beau fleuve avait presqu'exilé
 Comme l'amour joint deux âmes captives!
 Que trop long temps le sort a séparé!!
 Mais, jamais tes attraits ne pourront me séduire
 Mon âme avec tristesse admire ta beauté,
 Car, hélas! je le sais tu ne peux me conduire
 Où ma pensée habite, où mon coeur est resté!

Porto, 8 d'Abril de 1853.



ADEOS,

NO ALBUM DO MEU AMIGO

F. S. N. Pousão.

Meiga florinha do prado
 Offrece em calix rosado
 Ao ingrato insecto alado,
 Nectarios perfumes seus
 Gosa e foge a mariposa,
 Mas olhae... doudinha a rosa,
 Baloçando-se chorosa
 Ainda lh'envia um *adeos*.

Sobre o prado, sobre o monte,
 Rei altivo do horizonte,
 Nobre o cypreste ergue a fronte
 Soberbo mirando os céos,
 Mas se uma aura na passagem
 Vem affagar-lhe a ramagem,
 Elle, — curvando a plumagem,
 Lhe tributa um grato *adeos*.

Se deixando o porto amigo,
 Onde gosou paz e abrigo,
 Corre a não sorrindo ao p'rigo
 A devassar escarcéos,
 Do horizonte mesmo á beira,
 Lá tremula uma bandeira,
 É que á praia hospitaleira
 Ella envia extremo *adeos*.

Tal no triste apartamento
 No derradeiro momento,
 D'amisade o sentimento
 Ninguem o traduz... só Deus!
 Cala a voz, mas na saudade
 D'esse abraço d'amisade,
 Na convulsão, n'anciedade
 Vae o mais sentido *adeos*.

Tu que da amisade a rosa,
 Guardaste sempre viçosa,
 Guarda em memoria saudosa,
 Estes pobres versos meus.
 Se ao paterno sancto abrigo
 Meu coração vai contigo,
 Tu, lembra d'um teu amigo
 O leal sincero *adeos*.

T. A. Ribeiro.

NOITES D'OUTOMNO.

I.

D'onde vindes, brandas auras,
 Que accendeu ha pouco o estio,
 Cujos sópro o inverno frio
 Inda não arrefeceu?
 D'onde vindes, baças nuvens,
 Que passaes por sobre a lua,
 Qual o mar passa e fluctua
 Pela rocha no escarceu?

De correr cessae um pouco,
 Brandas auras, doces brisas!
 Parae, fórmas indecisas,
 Que os espaços percorreis!
 Oh! dizei-me d'onde vindes:

Vindes lá da minha terra,
Que minha alma toda encerra,
Que me dáes — que me trazeis ?

Talvez auras perpassasseis
Inda ha pouco uma janella,
Onde minha amante bella
Suspirava com paixão ;
E talvez consigo diga
Que é sósinha na saudade . . .
Oh ! mal sabe que anciedade,
Que tristezas cá não vão !

Talvez, nuvens, enlutasse
Vossa sombra tenebrosa
O astro bello que saudosa
Ella olhava a meditar ;
E talvez cresse aziago
Vosso manto tão escuro ;
Vendo a luz de seu futuro
Com as sombras pelejar.

Se é assim, volvei ó brisas
A aspirar-lhe nos ouvidos ;
E dizei-lhe que gemidos
De saudades são os meus !
Ide, ó nuvens, para longe,
E brilhante a lua diga,
Que um porvir ditoso abriga
Nosso amor contra escarceus.

II.

La bella creatura bianco vestita.

DANTE.

É assim que tu és bella,
Elevando o rosto mudo
Sobre os montes, quando tudo
É silencio sepulchral !
Vens tão tarde, amiga lua !
Vae a noite em mais de meio,
E pareces ter receio
De transpôr co'a luz o val ?

És qual virgem que amorosa,
Prometteu menos modesta
Ao amante, ir á floresta,
Para um beijo só lhe dar :
Só um beijo . . . não é culpa . . .
Mas hesita e não se apressa
A cumprir sua promessa ;
Vem callada e de vagar.

Eu tambem ha já bem tempo
Que ancioso te esperava,

E as mil côres contemplava —
Por que o céu passando vae,
Té que a orla do horizonte
Vem franjar tua luz viva,
E que a sombra fugitiva
Quasi toda em fim se esvae.

Mas é só por estas horas,
Meiga lua, que eu te espero ;
Entre as nuvens ver-te quero
Pura e candida surgir :
Como antigo cavalleiro
N'uma gothica janella
Queria a sua bella
Entre os vidros ver sorrir.

Não te espero quando, ó lua,
Tu vens ver morrer o dia,
E inda os montes allumia
Do astro-rei a extrema luz.
Tu então me causas tédio,
Tua luz é-me importuna,
Tua face, então mais bruna,
Como agora não seduz.

Não, se á luz do dia junctas
Tua luz, de ti não gosto :
Julgo ver um puro rosto
Em festiva bacanal.
Mas agora — assim és bella,
Como a virgem de ar risonho
Que apparece em casto sonho
A travéz de alvo sendal.

(Continúa.)

J. S. da S. Ferraz.

UMA VIAGEM AO FAYAL.

Fragmento.

Ha momentos na vida em que o homem,
entregue ás expansões do coração, se esquece do mundo e das misérias que o cercam.

Habitado a traduzir no intimo d'alma os sentimentos que o inspiram, é immenso o prazer que experimenta ao reproduzir as agradaveis impressões do passado.

Depois d'uma longa ausencia, tornei a ver finalmente o céu da patria, que outro não ha mais bello no mundo.

N'um soberbo dia de Maio, eram quatro horas da tarde, estava de véla para os Açores.

Passeava pensativo sobre a tolda do navio, quando um panorama delicioso me attrahiu de repente a attenção ; — eram as margens

do Têjo, — eram esses edificios grandiosos, que se elevam altivos sobre o mar, — eram esses jardins viçosos e cheios de vida: — era, n'uma palavra, a majestosa Lisboa, theatro de tão variadas scenas, mas sempre risonha e bella, como o rio, em que a sua imagem se reflecte.

Ao lançar a vista sobre esta cidade, afomoseada pelos trabalhos prodigiosos da arte, lembrei-me do Ministro de D. José I, cuja memoria ha de durar em quanto existir Portugal. Lembrei-me com dôr pungente de que já havíamos occupado um lugar respeitavel na lista das nações.

Pareceu-me ver sobre as ondas o quadro triste d'uma esquadra, conduzindo a seu bordo um monarcha indolente, que acabava de abandonar o reino aos estrangeiros, e ia procurar refugio em dominios longinquos. As aguias francezas fluctuavam orgulhosas e radiantes no castello de S. Jorge! Também me não esqueceu o valor patriótico de Gomes Freire, victima d'uma conspiração contra a regencia.

O escuro manto da noite começava a desdobrar-se no firmamento, e a cidade a desaparecer, quando me recolhi ao meu beliche, depois de reflectir um pouco nas glorias do passado e na árida mesquinhez do presente.

Vinte e sete dias depois, passados a maior parte d'elles em contemplar a majestade do Oceano, que se estende illimitado nas profundezas do abysmo, — ouvi uma voz, que bradava em altos gritos — Terra! Terra! — Nunca voz alguma me pareceu tão suave e harmoniosa. Entregue apenas a um ligeiro somno, que só assim o permittia um balanço contínuo, levantei-me sobresaltado, corri ao convés do navio, senti que me tocavam levemente no hombro, — era um marinheiro, que descobrindo a muito custo as fórmas da ilha do Pico, pedia-me alviças. — Nunca as tinha dado de tão bom grado, como na presente occasião. Na manhã do seguinte dia, seriam sete horas, estávamos no canal de S. Jorge, que separa esta ilha da do Pico. — Veiu depois a noite. O céu puro e sereno, a lua scintilando no mar em listras prateadas, occultava com perfidia a borrasca, que desabou mais tarde. As estrellas sumiram-se de repente cobertas pelo véu da tempestade, o scintillar da lua foi substituído pelo escuro das trévas, e uma trovoadá acompanhada de innumeros relampagos, acabou de coroar este lugubre espectáculo.

A noite foi tempestuosa e violenta, mas em recompensa succedeu-lhe um dia claro e lindo; e o cabeça do Pico, ordinariamente envolto em estensas nuvens, desenhava-se agora perfeitamente no horizonte. Mais um dia de calmaria veio demorar a viagem no canal de S. Jorge.

Toda a minha attenção, o meu viver, a minha existencia, iam concentrar-se n'um objecto dos mais caros ao homem; elevado pelo sentimento mais puro ao sublime da felicidade, uma só idéa me occupava a mente — a idéa suprema da patria. Do outro lado do Pico, occulta pela elevação d'este, existia outra ilha; era impossivel vê-la, e todavia separava-nos uma curta extensão de mar; carecia d'uma coragem superior para suportar esta separação.

Ao cair da tarde, o céu começava de escurecer; a chuva caía em abundancia, e o vento, tornando-se favoravel, veio-nos trazer uma esperança.

No dia seguinte, ao despontar d'aurora, começávamos a ver distinctamente a ponta da Esplamaca; ás oito horas fundeávamos na bahia da Horta.

Foi então que experimentei mil sensações diversas. . . . Essa vida da infancia, que agora me parecia um sonho, esses dias de ventura, que tinham decorrido mais velozes que o pensamento, eram para mim objecto da mais grata recordação.

O encantador aspecto d'uma comprida linha de casas, na maior parte elegantes, entremeiadas por algumas torres de modesta apparencia; o grande numero de quintas e pomares de laranjeiras, exhalando sempre mil aromas em torno de si; os alcantilados rochedos, que poderosos subjugam o furor das vagas; esses contrastes que a natureza a cada passo apresenta debaixo de mil fórmas diversas, prendem e enleiam o espirito na muda contemplação de tantas maravilhas!

Qual arrogante e bem-talhada nau, que se recosta com languidez sobre as ondas, brandamente agitadas pela brisa, assim se me affigurava a patria querida do meu nascimento. . . .

Foi depois de ter gosado essas horas de prazer, infindo em que o homem, d'um jacto, eleva a alma ás sublimes regiões do deileite, que pude comprehender em toda a sua extensão, o pensamento de Chateaubriand: « *C'est lorsque nous sommes éloignés de notre pays, que nous sentons surtout l'instinct qui nous y rattache.* »

Antes porém de descrever algumas scenas doces e pacificas da vida nos Açores, remontarei, n'um breve e rapido esboço, aos primeiros tempos da historia açoriana.

Todos sabem que a morte de D. Fernando trouxe consigo graves questões de successão, e que foi D. João, Mestre d'Aviz, auxiliado pelo Condestavel, quem alcançou a victoria, depois da celebre batalha d'Aljubarrota contra os hespanhões.

Firme no throno, occupou-se das grandes emprezas, e Ceuta, refúgio de piratas africanos, caíu aos golpes da sua espada.

Esta conquista veiu animar as expedições maritimas. O infante D. Henrique, apaixonado pelo progresso da navegação, cheio de enthusiasmo patriótico, bastante conhecedor das sciencias mathematicas, para a época em que vivia, renunciou ao matrimonio, e na extremidade meridional do reino, juncto ao promontorio de Sagres só cuidou nos meios de levar a effeito planos, que a sua elevada intelligencia havia traçado. O estudo da Geographia foi a mira de seus esforços. — Tomando por companheiros homens sabios e illustrados, retirou-se ao seu palacio, para melhor deliberar sobre o destino futuro da navegação. Os grandes cabedaes, que constituíam sua fortuna, serviram-lhe para premiar aquelles que se dedicavam com ardor ás descobertas da costa d'Africa.

A origem da descoberta dos Açores está por tanto associada a esta gloriosa quadra de expedições e de conquistas, e o nome do infante D. Henrique symbolisa todo esse grande movimento maritimo do seculo quinze n'esta parte occidental da Europa. Seu génio emprehendedor e atrevido transpõe os mares, e Gonçalo Velho Cabral, mandado por elle, inceta o caminho da navegação açoriana, com a descoberta da ilha de Sancta Maria a dezoito leguas de distancia da hoje opulenta ilha de S. Miguel. Mais tarde é descoberta a ilha Terceira, que constituiu depois a sede do Archipelago Açoriano.

E será certo que os primeiros colonos aportados á ilha do Corvo, encontraram n'ella uma estatua, que chamava os viajantes áquelle ponto, quando anhelassem pela proximidade da terra? Já alguém affirmou, que a vista d'este colosso tivera uma parte muito importante na descoberta immortal de Christovam Colombo. A fabula, companheira inseparavel da origem das nações, seria talvez a base d'uma tradição similhante.

As ilhas dos Açores, de natureza vulcani-

ca, tem experimentado frequentes vezes as consequencias deploraveis d'um terremoto. Não ha decorrido muito tempo, que os jornaes de S. Miguel, nos apresentavam uma serie de acontecimentos d'estes, bastante notaveis.

Á vista mesmo do que temos presenciado e ouvido, não se passa um só verão nos Açores, em que se não dê este facto em maior ou menor escala. Os edificios, bem como o socego de seus pacificos moradores, resentem-se ás vezes d'estes terriveis flagellos.

São porém tantos e tão variados os bens com que a mão liberal da Providencia enriqueceu o sólo açoriano, que nunca lhe tem faltado habitadores, mesmo nos logares mais sujeitos a essas convulsões da natureza.

Ha paizes, que collocados em sitios amenos, possuem qualidades privilegiadas, que o Omnipotente não quiz prodigalizar a todos, mas que apenas reservou para alguns.

Essas campinas sempre verdes, essas céaras vecejantes, esses prados melancholicos e cheios de poesia, n'uma palavra a belleza sem igual, que offerece o climia dos Açores, não tem inveja a qualquer d'essas famosas paysagens da Andaluzia, nem aos decantados Tempes da formosa Italia.

Ao perfume suave d'uma atmosphera quazi unica, no centro d'uma natureza tão meiga, quem não achará lenitivo ás affecções moraes, quem, no ultimo occaso da vida, não encontrará um alento e uma esperanza?

Ha organizações porém tão débeis e franzinas, que definham ali mesmo, onde a vida é tão bella e aprazivel.

Que seductoras idéas me não corriam pela mente, ao ver essa longa enfiada de collinas, ornadas de faias sempre verdes, que o proprio calôr do estio de balde tentaria murchar.

Que valem esses prazeres mentidos, essas festas ruidosas, esse fausto brilhante, que pisa continuamente as ruas de Lisboa, comparados com o socego ineffavel da vida passada nos Açores.

É ao correr da tarde, n'um dos mais deliciosos sitios da cidade. Qual odalisca orgulhosa, que se reclina com moleza em seu coxim de brocado, cuidadosamente guardada por atalaias fieis, — a cidade da Horta recosta-se sobre uma cadeia de pequenas montanhas defendida ao Norte e ao Sul pelos dois montes Guia e Esplamaca, fechando estes a vasta enseada, que fórma a bahia. A cidade jaz mergulhada no mais profundo silencio. Apenas se percebe, a espaços, o leve susurro

da aragem, sacudindo brandamente as folhas do arvoredo. O mar parece tranquillo, e só a viração do norte agita dôcemente a superficie das aguas.

Grande numero d'embarcações atravessam continuamente o canal, e cruzam-se em diferentes direcções. A bahia da Horta está ricamente guarnecida d'uma alluvião de navios baléiros, quazi todos de grande lote e magnificamente construidos, que ora fundeiam para refrescos, ora velejam contiguos ás bordas do horizonte, assimilando-se a um bando d'aves, que enfraquecidas pelos seus excessivos vôos, nas regiões do espaço, vem procurar alimento nos socculentos fructos de um bem cultivado campo.

A esta paisagem encantadora faltam comtudo as graciosas nymphas cujos meigos olhares despertam o amor e a poesia. É que a maior parte das fayalenses foram além gosar na ilha fronteira a liberdade doce e suave, que lhes permite a estação. Alli na frescura de um elegante desalinho, ora sentadas sobre a relva, ora suspensas sobre as pontas dos escarpados rochedos, parecem esperar de seus adoradores o culto que ainda ninguem soube negar-lhes.

Mas como deixar aquelle interessante Pico, no chamado tempo das *vendimas*, em que a verdura das parras se enrosca nos negros penhascos da ilha, em que a vista pitoresca e o perfume de delicados vergeis, enfeitam os sentidos e extaziam a alma.

Ao longo das quintas, as vagas, involvendo-se em turbilhões d'espuma, vem quebrar-se sobre as areias da praia, e a cidade ao pôr do sol, reflectindo mil côres, parece um oasis no meio do deserto.

(Continúa).
M. A. Guerra.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores. — Quando em 1849 sahio das fileiras academicas um grito de compaixão, em favor d'aquelles de nossos irmãos, que os reveses da fortuna collocassem na dura necessidade de interromper seus estudos, esse grito proferido primeiro por um mancebo da ilha da Madeira, repetido depois por muitos outros, deu origem á fundação d'uma sociedade, que se intitulou *Sociedade Philantropico-Academica*.

Em breve redigidos e publicados os estatutos, em que a sabedoria se mostra a par da prudencia e da caridade, a Sociedade, poderosamente fecundada pela seiva gene-

rosa de muitos mancebos, e pela coadjuvação d'alguns professores da Universidade, que de bom grado vieram associar-se a esta civilisadora empresa, viu augmentar seus recursos e teve a grata consolação de principiar a prestar mui valiosos soccorros.

Com tudo, fraca em seus principios, mal poderia talvez prolongar sua existencia, se não fosse a avultada esmola com que a dotou a munificencia real. Triste fragilidade porém das cousas humanas! Aquella que ha pouco vimos passar deante de nós, com todo o brilho e majestade da terra, e que estendendo a mão á mocidade academica, que a saudava, lhe dizia: Ide, filhos da Patria, até que um dia, columnas do meu throno, possais engrandecer-o e abrihantal-o — hoje dorme o derradeiro somno em S. Vicente de Fóra! Mas a memoria dos Reis, quando é associada a actos de beneficencia, fica gravada no bronze, como uma recordação eterna.

O estado actual da sociedade não é com tudo tão li-songeiro, como desejavamos. Com grandes difficuldades tiveram de lutar todas as Direcções passadas, e a parte que coube á actual Direcção não foi talvez menor.

Do mappa estatistico, que o digno Thesoureiro da Sociedade enviou á Direcção da Revista, se pôde deprender a verdade d'esta nossa asserção. Felizmente, com o apparecimento d'este jornal, resurge outra vez o amor pelas cousas academicas, que ha muitos annos yemos quasi em completo esquecimento, sendo para notar que a imprensa periodica de Coimbra ainda não reservasse um só artigo para recommendar a conservação d'esta Sociedade.

Graças porém ao generoso impulso de muitos mancebos, tem augmentado ha dias consideravelmente o numero dos socios.

Sem nos querermos arrogar a missão de avaliadores do merito dos outros, e sem fazer offensa aos que continuamente se affadigam em promover com a esmola e com a palavra o melhoramento da Sociedade, seja-nos licito mencionar aqui alguns nomes.

São no primeiro anno juridico os meus amigos José de Menezes Toste, Francisco Pereira Lopes de Bettencourt, e Augusto Soares Franco; Antonio Ayres de Gouvêa, no segundo; Manoel Alves Guerra, no terceiro; José Tibério de Robredo, no quarto; Camillo Candido Maria da Silva, no quinto. Na faculdade de Theologia Manoel Bernardo de Sousa Ennes, e João Manoel Cardoso Napoleos. E em Philosophia e Mathematica, Ernesto do Canto, Francisco Ricardo Botelho, Joaquim José Coelho, e José Coelho da Gama e Abreu.

A Revista d'ora em diante deverá consagrar uma de suas columnas, para tractar dos meios de dar a esla Sociedade mais desenvolvimento. A creação d'um hospital e d'um cemiterio academico é de extrema necessidade.

Appellaremos por tanto para essa mocidade philantropica, que hoje nos ouve, e dir-lhe-hemos, — séde uma sentinella vigilante d'esse thesouro que vos foi confiado, evangelisae o credo social n'esta terra, onde o orgulho, o egoismo e a corrupção lançaram raizes tão profundas, e dae finalmente ao paiz, que confia em vós, um exemplo vivo e moralizador de quanto presaes o principio de associação, que vos reuniu, em roda d'este triplice paladium de *liberdade, egualdade e fraternidade*.

Rogo-lhes, Srs. Redactores, o favor de publicarem na Revista Academica esta minha correspondencia, pelo que lhes ficará muito obrigado o seu

Collega e amigo
Alexandre Meyrelles.

Coimbra, 12 de Dezembro de 1853.

MAPPA do movimento da receita e despesa da Sociedade Philantropico-Academica, desde o 1.º de Fevereiro até 30 d'Outubro de 1853.

RECEITA.	
Saldo effectivo no ultimo de Janeiro.....	403\$945
Mensalidades.....	122\$345
Productos do bazar.....	54\$760
Emprestimos recebidos.....	56\$185
Somma.....	637\$235

DESPESA.	
Mezadas.....	134\$400
Matriculas, empréstimos, despesas com o expediente, e outras.....	224\$820
	359\$220
Saldo effectivo em 30 d'Outubro.....	278\$015
Somma.....	637\$235

Coimbra 30 d'Outubro de 1853.

O Thesoureiro, Francisco Fernandes Costa.

LIBERDADE DE COMMERCIO.

II.

A liberdade de commercio tem sido olhada as mais das vezes sob o duplicado ponto de vista economico e politico.

É porém de notar, que os argumentos mais graves que contra ella se produzem, partem sempre do lado d'aquelles, que a encaram sob o ponto de vista politico, com quanto muitos d'estes, e a maior parte, abraçam em theoria o principio a que depois recusam o dominio da realidade. A par d'este facto citaremos outro não menos significativo: a liberdade de commercio é geralmente acceita pelos economistas como o legitimo corollario de todos os principios economicos.

Ambos estes factos, a nosso ver, depõem bastante em abono do principio que sustentamos.

Quando uma idéa qualquer se impõe por tal fórma á convicção geral, é que a verdade lhe imprimiu o selo que todos guardam e respeitam.

Dir-nos-hão porém: se esses mesmos que applaudem a liberdade de commercio como principio, são os primeiros a contestar-lhe a realidade possivel como facto, se dizeis que em sciencias sociaes a applicação é tudo (1), como podeis por ventura ver na homenagem, que traiçoeiramente vos prestam ao vosso principio o testemunho authentico de sua verdade? Dizei antes, que a sciencia que professaes é uma chimera, por isso mesmo que o legitimo corollario de seus principios é uma creação abstracta, engenhosa talvez, mas estéril, mas inutil, como a sciencia que a perfilha. Comprometteis a vossa causa. Se no enthusiasmo com que abraçam o vosso principio vêdes a verdade impondo-se á convicção geral, por que razão nos milhares de argumentos de vossos antagonistas não vêdes mais que o desdouro de tantas intelligencias, confusas e desvairadas, porque não pensam como a vossa?

Pondo de parte uma maior energia de pensamento, e talvez tambem uma maior vehemencia d'expressão, contrafazendo-se hypocritamente n'uma disfarçada ironia, a objecção seria esta.

Acceitamol-a como tal.

Na solução d'esse problema — a liberdade de commercio — está com effeito empenhada

(1) Vid. pag. 6 do 1.º numero.

a existencia da Economia Politica; pensamos convosco. — Provae-nos, que esse problema é insolúvel (que a liberdade de commercio é uma chimera) e dir-vos-hemos com Proudhon (1), que não consideramos sciencia esse complexo de theorias decoradas ha perto d'um seculo com o rótulo pomposo, mas official, de sciencia.

Cautela porém! Se nos responderdes com o argumento da objecção, se nos repetirdes que o testemunho de milhares de opiniões val para vós o rigor d'uma demonstração, nada vos concederemos, porque nada tereis provado.

Se, continuando n'uma mais rigorosa analyse, nos apontardes as razões em que cada uma d'essas opiniões se estriba, se nos indicardes os factos em que seus auctores as apoiam, se trazendo a campo a estatística, recorrerdes á estrategia de pôr a coberto d'algarismos os argumentos em que menos confiardes, nada ainda vos concederemos, porque vos negamos o direito de navegardes por essa esteira.

Precisemos a questão. Quereis saber porque se combate o principio da liberdade de commercio, porque o combateis vós, porque o combatem aquelles mesmos, que desertam de nossas fileiras para se alistarem sob o pendão de vossa cohorte — transfugas que o fulgor da victoria trará ainda ao nosso campo chejos de enthusiasmo, mas pungidos de remorso?

A razão é facil; é porque se desconhece a distancia que vaé da concepção d'um principio á sua realização na sociedade, distancia immensa, sempre difficil de transpôr. Difficil, dizemos, porque os elementos d'essa sociedade que ha de reagir sempre contra a nova acção, que se lhe quer imprimir, teem, se não de ser substituidos por outros, ao menos de passar por tantas e taes modificações, successivas sim, mas por tal fórma morosas, que por mais valente e robusto que fosse o imperio d'essa acção havia de quebrar primeiro contra a força dos obstaculos, que vencer-lhes inopinadamente a resistencia.

O homem, ennobrecido por Deus com o privilegio do genio, pôde, pela descoberta d'um principio, dotar a sociedade com mais uma aspiração, lançando na historia do progresso humano os primeiros traços de mais uma pagina gloriosa; mas o que nunca po-

(1) Proudhon, Contradictions économiques.

derá o genio, nem mesmo o mais transcendente, o que nunca conseguirá a intelligencia, nem mesmo a mais activa e creadora, é fazer com que a idéa, robustecida pelo viver de muitos seculos, ceda d'improviso o campo a um principio novo; é fazer com que as instituições, a que essa idéa deu o ser, com que os monumentos em que essa idéa se traduziu, baqueiem como os muros de Jericho, ao simples clangor da trombeta fatidica.

As revoluções, tanto no mundo moral, como no mundo physico, não são obra do acaso, para que as improvise o momento.

Preparam-nas a combinação de elementos heterogeneos, a acção e reacção de forças contrarias, de interesses antinomicos, actuando-se no tempo e no espaço.

É isto porém o que parecem desconhecer os antagonistas da liberdade de commercio. Tomando de cada um dos interesses, que o novo principio vai deslocar, o ponto de partida para dissertações sentimentaes, sobrecarregam-nas de argumentos, tirados de circumstancias, que aliás não desconhecemos, mas de que não podemos, nem devemos tomar conta.

Que nos importa com effeito, que um ou outro facto, que uma ou outra instituição se insurja contra o principio que a razão applaude como justo, e que a sciencia reconhece por verdadeiro?

Ouvimos as imprecações, que os apologistas do *statu quo* desprendem dos labios no accesso de zelo pharisaico pela causa que advogam. Prezamol-as, porém, mais que o seu silencio. — Se o principio da liberdade de commercio lhes não merecesse os apódos biliosos d'uma ira concentrada, desconfiaríamos sempre, ou que esse principio era a sanctificação do seu credo social, e então rejeitáramol-o, ou que a consciencia dos detractores da liberdade de commercio teria hypocritamente adormecido, e então muito mais desconfiaríamos d'essa hypocrisia, que das imprecações desafogadas, com que dão largas á sua ira.

A applicação d'um principio novo, cumpre confessal-o, tem necessariamente de ser dolorosa para os interesses que vai ferir, e que pelo proprio instincto de conservação hão de necessariamente reagir contra a força que os supplanta.

A conservação (1) é a primeira das neces-

(1) Falando da conservação do homem não a restringimos apenas á propria vida, primeira e principal das condições para o conseguimento do seu fim; mas com-

preensões que Deus imprimiu na consciencia do homem, porque sem ella a perfectibilidade, que é tambem a primeira das leis que Deus lhe marcou, seria impossivel.

Acima, porém, dos interesses particulares estão os interesses geraes; superior á conservação d'alguns está a salvação de todos.

Que não venham pois argumentar-nos com especialidades, contra a generalidade do principio que proclamamos; á luz dos principios rigorosos da sciencia a individualidade desapparece sempre.

A Economia Politica tem por base, como todas as sciencias, certos elementos constitutivos, certa somma de principios geraes, que lhe marcam o centro na periphèria de seu desinvolvimento progressivo. É por esses principios que se devem aferir todas as questões, que depois se ventilarem no dominio d'essa sciencia.

Algumas ha porém, que em mais de um campo poderão ter logar e cabimento, de que mais d'uma sciencia poderá tractar, sem que por esse facto nenhuma d'ellas abdique os seus fóros de sciencia livre e independente.

A liberdade de commercio, e em geral todas as questões economicas, com quanto olhadas theoreticamente, sejam do dominio exclusivo da Economia Politica, têm depois, logo que se considerem pelo lado práctico, de se sujeitar a modificações relativas ás diversas circumstancias de tempo e de logar: circumstancias que a Economia Politica propriamente desconhece, e que todavia fazem objecto especial d'uma outra sciencia — a Politica.

Mas dever-se-ha seguir d'ahi, que se rejeite como principio de pura abstracção a theoria que a sciencia formúla absolutamente? Será a politica como sciencia o crisol porque hajam de passar todas as theorias das sciencias sociaes?

Sêl-o-ha talvez; mas quando, desprendendo-se de considerações acanhadas, se elevar ás idéas d'ordem e harmonia universal.

Em quanto assim não for, a liberdade de commercio será para nós, como principio, o symbolo de regeneração social; será mais uma aspiração grandiosa do progresso, mas aspiração que convém robustecer, demonstrando á face da sciencia economica o que é, e o que val esse principio; e á face da phi-

prehendemos n'esse termo todas as outras condições de desinvolvimento, que elle poderá ter adquirido, e cuja propriedade zelará tanto ou mais talvez, que a propria vida.

losophia da historia, o que significa essa aspiração, quando é a sciencia que a dicta, e o sentimento universal que a applaude.

Serão estes os pontos que faremos por desinvolver.

Cumpré porém marcar mais precisamente qual o campo que de direito nos pertence.

A questão da liberdade de commercio, dissemos nós, tem sido olhada as mais das vezes sob o duplicado ponto de vista economico e politico.

Nós examinal-a-hemos tão sómente sob o primeiro d'esses dous pontos de vista; e considerada d'esse modo, por mui encontradas que sejam as opiniões sobre a solução d'esse problema social, corre-nos a obrigação de as pesar devidamente, aferindo-as sem distincção de escola, sem preferéncia de systema, pelos rigorosos principios da sciencia economica.

Considerada, porém, sob o ponto de vista politico, é claro, pelo que levamos dicto, que a apreciação dos argumentos, que sob tal fórma se nos apresentarem, não importa para nós, mesmo quando hajamos de os combater, a restricta obrigação de transpormos a méta que a sciencia nos marcou.

Sabemos que as sciencias sociaes, com quanto ligadas pelos laços d'uma affinidade proxima, reconhecem entre si as raias d'uma nacionalidade diversa.

Não seremos pois nós quem lh'as desconhecamos.

O que fora desculpavel, quando as sciencias sociaes seguiam uma marcha irregular e indecisa, devida ao impulso que lhes imprimiu a revolução philosophica do seculo passado, não o é hoje de certo, quando a independéncia reciproca de cada uma d'essas sciencias é o primeiro dos fructos, que ellas colheram de tão celebre, como benéfica revolução.

(Continúa.)
Sebastião José de Carvalho.

FRAGMENTO.

A lua espreita curiosa pela fenda d'uma nuvem; ao longe, muito ao longe, vê-se o horizonte franjado por uma longa fimbria de prata; as torrentes gemem docemente por entre as rochas, que lhes estorvam a passagem, e a sua voz melancolica resôa na espessura dos bosques, como o som d'um órgão em distancia; as flores dormem tranquiilas

no seu calice virente; os rouquinos cantam em gorgeios divinos algumas novas strophes d'um rimance d'amor; os homens, uns dormem socegados e com a consciencia immaculada n'um leito de rosas, outros estorcem-se dolorosamente n'um leito d'espinhos, porque o remorso os corrôe, implacavel como o abutre de Prometheu; e eu, Beatriz, eu, condemnado talvez á sorte fatal de Werther, passo uma noite d'insomnia, desfolhando petala por petala a flor mimosa da esperanza!

Esta dôr, que me devora como a lava, empallidece minhas faces; dos meus olhos encovados nas orbitas foge o somno, porque no coração dois sentimentos oppostos luctam n'um duello de morte.

Mulher, que és tu senão mentira? És inconstante e voluvel como a borboleta do prado, adejando sempre de folha em folha, de ramo em ramo, de flor em flor!

Beatriz! Tu és mais formosa que uma virgem de Rafael, mais seductora que uma *hourí* do paraiso de Mahomet; mas a tua alma é negra como a propria traição; e eu, que a supuz tão candida como a d'um anjo, tão pura como a brisa, que ao nascer da aurora sopra do norte!

Mas quem poderá agrilhoar o coração, e dizer-lhe—não ames—, contemplando aquelles fios d'ouro, que lh'exornam a fronte, aquelles olhos d'um azul celeste, que fazem lembrar os genios celebrados nos cantos populares dos povos do norte, aquella pelle lascivamente assetinada, aquelles dentes tão alvos e tão subtilmente fendidos, aquella seio d'alabastro em suaves ondulações, aquella cintura delicada, amoldada a um elegante vestido de gaze verde, aquella corpo flexivel como o ramo do salgueiro das viçosas margens do Mondego?

Não vêdes aquelle rosto angelico, ora melancolico como uma elegia de Lamartine, ora risonho como um idylho de Gessner?

Maldição! A flor que veceja louça e se espanija ridente aos raios vivificadores do sol de primavera, occulta traiçoeira na sua corolla perfumada o veneno mais subtil!

Essas desgraçadas que vagueiam de noite pelas ruas, esmolando o escasso preço da sua honra, mendigando o obolo infamante da prostituição, conhece-as o mundo e estampa-lhes na fronte o ferrete odioso e indelevel da ignominia e do opprobrio.

Mas vós, que alimentaes o odio no coração e a mentira nos labios, porque sabeis occultar as ulceras debaixo do manto hypocri-

ta das *conveniencias sociaes*, immolaes impunemente a crença e o amor d'um mancebo nas aras do orgulho, arrastáel-o sem piedade, por uma vaidade estulta, a um abysmo de desespero e de ruina!

E a sociedade vê um *Stenio*, como o pintou George Sand, recalcar a paixão com o vozear da orgia, abafar o sentimento com os gemidos lubricos das baccantes, e passa, e sorri indifferente, sem se lembrar que é mais uma alma votada a Satanáz!

Beatriz! Beatriz!. . . Fizeste-me molhar a penna em fel; mas se soubesses quanto eu soffro, perdoavas-me.

Olha: fulgiu-me a esperança no horizonte da vida, mas passou rapida como um pensamento de Deus n'uma alma contaminada pela corrupção do seculo.

As minhas illusões, que o amanhecer risonho da vida aljofarava com as pérolas da ventura, sacudiu-as nas suas azas o tufão da desesperança. E agora, com um passado que detesto, com um presente que me tortura, com um futuro que receio, sinto ás vezes um pensamento do inferno roçar-me a mente em delirio, e lembro-me de quebrar os grilhões, que me prendem á vida, mas não posso — fallece-me a coragem, — e succumbo extenuado depois d'este reluctar íntimo entre o desespero e a morte, depois d'esta agonia plangente, que me estala uma por uma as fibras do coração.

Mas para que hei de eu tentar contra a vida, Beatriz, se ainda te amo tanto? Queres saber? Quando á hora mystica do crepúsculo ouço a brisa da tarde cieciar, suave como o respirar da innocencia, por entre a garça da campina, supponho ouvir a tua voz repetindo-me em segredo um juramento de eterno amor; quando, á noite, contemplo as estrellas que seintillam trémulas no firmamento, affigura-se-me vêr os teus olhos fitos nos meus, cheios de sentimento e d'esperança; quando me acho debaixo d'esses carvalhos annosos, onde dissemos um ao outro meigas fallas d'amor, parece-me, que tudo o que me cerca pronuncia respeitoso o teu nome, e brado em alta voz — Beatriz, eu te amo, — e os echos dos valles repetem melancolicamente — eu te amo.

Uma das noites passadas lá estava eu encolado tristemente n'um meditar íntimo e acerbo sobre a vida.

Para uns é a vida serena e limpida como a superficie de lago em tardes d'estio reflectindo o azul claro do céu, aprazivel como o

esmaltado da campina, o cambiante das flores em extenso e variegado jardim.

Para outros é tumultuosa e agitada como a superficie encapellada do mesmo lago em dias de medonha procella, carregada e sombria como esses panoramas de desolação e nudez, que a natureza offerece ás vezes á nossa contemplação, por um contraste que talvez encante as almas robustas, mas que sem duvida atterra as organizações débeis.

Uns recebem em partilha a taça da felicidade, outros o calice da amargura.

Para aquelles o passado, o presente e o futuro resumem-se n'uma palavra magica — ventura. A sua vida é um idyllio.

Para estes não! A sua vida é toda um horto d'agonia! O homem, que a fatalidade comprehende n'este numero, volve os olhos para o passado, e dá um profundo suspiro, um suspiro de magoa e de saudade — pára no presente, e contempla-o immovel de braços cruzados sobre o peito, como o indeciso viandante, que n'uma encruzilhada ignora a senda, que deve seguir — pretende levantar com mão ousada o mysterioso véu do futuro, e deixa escapar dos labios convulsos um grito medonho; como o despertar d'um homem nas bordas d'um abysmo insondavel! A sua vida é um poema de Byron.

Estas pungentes reflexões me occupavam a mente, quando ouvi, como que saíndo do seio da floresta, os sons docemente melancolicos d'uma harpa. Estremeci.

A lua girava preguiçosa no firmamento cravejado d'estrellas. Fitei os olhos n'ella, e senti coar-me nas veias a voluptuosidade da harmonia.

O genio da noite continuava dedilhando as cordas da harpa, e os sons, espalhando-se pelos valles, rumorejando pelas coroas dos pinheiros, iam diminuindo gradualmente, até morrerem languidos no espaço.

E sabes, Beatriz, pensei que Deus escolhêra aquelle momento para lá do alto do seu throno, abençoar a nossa união — e surria contente, antevendo já um porvir todo d'amor e de ventura, quando um mocho, occulto nas ruinas do templo vizinho, deu um vôo, e cortou os ares, soltando agoureiro um pio lúgubre.

N'este instante a harpa calou-se, uma nuvem empanou a lua, e eu, Beatriz, caí fulminado com o agouro fatal e pavoroso.

Foi uma ligeira syncope.

Em breve recobrei os sentidos. A nature-

za operou inopinadamente uma reacção tão subita como a vertigem que eu acabava de soffrer.

Era a scena em harmonia com o drama.

Uma chuva miuda, açoutada pelas lufadas do vento sul, começou de fustigar-me as faces.

Procuréi um lugar aonde me acolhesse. O lampear d'um raio fez-me descobrir n'aquelle ermo as ruínas do templo e do mosteiro, donde o mocho tinha ha pouco desprendido o vôo.

Com repugnancia dirigí para lá meus passos. A chuva engrossava, e as gottas, caindo ruidosamente sobre a folhagem do arvoredó, atterravam-me, como se foram rugidos de feras!

O vento, susurrando ao longe nos pinhaes, similhava ao recitativo funebre, psalmodiado a meia voz, juncto ao leito do enfermo, na hora extrema do passamento.

Entrei no templo. Aquellas grossas muralhas, solidamente reunidas e cimentadas pelo zelo e piedade de tantos seculos, tinham sido quasi demolidas pelo camartelo da politica.

No campanario falta o sino que reunia os monjes para orarem ao Eterno; nas gothicas arcadas da immensa crasta não sôam as vozes lugubres do bronze; nas altas abobadas não reboam os canticos religiosos; o vasto côro está deserto; o órgão emmudeceu; ninguém vem hoje offerecer n'este recinto, outr'ora sagrado, o sacrificio incruento da hostia; do thuribulo do levitha não sobem para o céu columnas d'incenso; os mortos dormem tranquilllos em suas campas; apenas o vento ruge ás vezes iracundo no atrio, ou passa sibilando pela porta sempre patente da entrada.

Sentado sobre o capitel d'uma columna tombada, exclamei:

Quanto mais felizes não são os que agora dormem o somno eterno debaixo d'estas lazes estreitas selladas para sempre pela mão inflexivel da morte!

Ha momentos na vida do homem, disse um poeta, que resumem a eternidade n'um minuto e o infinito n'uma sensação.

E poderei eu dizer outro tanto; eu, que ainda não colhi uma só flor entre tantos abroghos, que na senda espinhosa da vida me tem lacerado?!

Sim... Eu quero o tumulo, porque o tumulo é a paz.

Que importa ao cadaver gelado, que os vermes o corrôam, se além da campa está um Deus todo d'amor para acolher benigno

a alma d'aquelle que a dôr expeliu do mundo?

Insensato, que julguei a sociedade tão pura com o meu coração, que ousei, pobre dos bens da terra, aspirar á filha do opulento, orgulhosa com o seu ouro, fabricado com as lagrimas de milhares de infelizes.

Eu te amaldiçôo, mulher, que me envenenaste a existencia, quando ella me sorria mais fagueira e esplendida.

Eu conheço, Beatriz, que o sôpro das angustias me vae extinguindo pouco a pouco a flama da vida.

Folga descuidada lá nos salões dourados de teus paes; ri-te, e escarnece do homem que te offertou um amor sem limites, que eu desço á campa murmurando um anathema sobre o cynismo da sociedade em que nasci, e onde se mercadeja vilmente com os affectos mais puros, com os sentimentos mais nobres, que Deus plantou no coração.....

Torres e Almeida.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

I.

Aristoteles foi um homem universal, e as suas palavras eram dogmas.

O mestre d'Alexandre, a par dos dotes litterarios que o ennobreceram, e que a posteridade pôde avaliar pelos fragmentos dos seus escriptos, possuia tambem não menos avultados conhecimentos sobre as sciencias physicas, a cujo estudo se entregava com pertinaz assiduidade, e fervoroso empenho. Em mais ou menos subido gráu, não é este o unico exemplo que a antiguidade nos offerece de homens de semelhante esphera. Crêmos, porém, que esses philosophos cuja memoria as posteriores gerações acataram respeitosa, não eram dotados de mais feliz intelligencia do que os homens da epocha actual. — É que era tão resumido, n'esses antigos tempos, o quadro de todas as sciencias, que não era impossivel, nem difficil talvez, comprehender uma só cabeça todos os humanos conhecimentos.

Não é hoje assim — e um homem universal é absolutamente impossivel. É por isso tambem que as maiores intelligencias dos seculos modernos teem dirigido as suas lucturações para o estudo das especialidades. Ehrenberg passa annos inteiros debruçado

sobre o microscópio; Bichat, verdadeiro martyr da sciencia, não larga o escalpello, e só abandona com a vida os seus estudos anatomicos; Arago e Gay-Lussac, aliás versadissimos em todos os ramos das sciencias naturaes, estudam com especial predilecção, aquelle a astronomia, este a chymica e as leis dos corpos gazosos. É d'este modo que a área dos conhecimentos humanos se tem dilatado progressivamente, e as sciencias se tem elevado ao ponto em que as hoje vemos, e que não houveram attingido sem os esforços isolados, mas convergentes dos grandes homens d'este seculo.

Por outra parte é incontestavel tambem a natural aptidão para estudos especiaes, revelada ou não por manifestações organicas: e se á natureza junctarmos a educação e mil circumstancias diversas, por sem duvida poderemos ter a verdade das vocações. E este principio, sancionado já pela antiguidade, vem ainda em favor da proficiencia e necessidade dos estudos especiaes. *Non omnes possumus omnia.*

E assim é. Mal póde applicar-se ás sciencias d'observação o que nasceu para divagar em imaginosas concepções do espirito; e aquelle, a que a natureza concedeu uma feliz memoria, negando-lhe superior atilamento, irá melhor applicando-se ás sciencias positivas, do que se aspirar a resolver os problemas difficeis da mathematica.

A verdade do principio não obriga porém á subserviencia. Em objectos d'esta ordem a demasiada austeridade tem tambem inconvenientes. As sciencias, como as nações n'um mappa geographico, tem muitos pontos de contacto, multiplas relações. É difficiloso, se não impossivel ás vezes, prescrever bem os limites d'uma sciencia, e determinar rigorosamente os factos que pertencem a esta ou aquella. As sciencias, e ainda as artes, ajudam-se mutuamente; e o conhecimento d'uma facilita o estudo das outras, quando não é uma condição indispensavel para dar o primeiro passo n'esse estudo.

O conhecimento das mathematicas puras é d'absoluta necessidade para o estudo da mechanica e astronomia. O pintor deve saber anatomia e botanica, e ao anatomico e botanico é util o desenho. O physico deve aprender a escala musical, e o musico não deve ignorar os principios elementares da acustica.

É por esta razão sem duvida que em todos os paizes se tem estabelecido escolas

publicas em que se ensinam todas as disciplinas, que devem figurar como elementos d'uma boa educação litteraria, e como preparatorios indispensaveis para os estudos superiores. É com este fim tambem que foram creados os nossos lyceus, e especialmente para ministrarem aos alumnos os conhecimentos necessarios para cursarem as aulas superiores da nossa Universidade.

II. Estarão porém os nossos lyceus regularizados de maneira, que satisfaçam ás necessidades, que reclama o estado actual da civilisação? Certamente não.

Primeiramente por menos necessarias, dispensaveis talvez, havemos algumas das disciplinas hoje lidas nos lyceus, ao passo que outras se omittem com manifesto prejuizo dos alumnos; — terminam muitos a sua carreira litteraria, sem alguns conhecimentos exigidos pelo estado da epocha actual; além de que a difficuldade e aridez d'algumas d'essas disciplinas de verá de guardar-se para edades mais adiantadas.

Importa pois escolher outras materias mais ao alcance da grande maioria, se não da totalidade dos alumnos dos lyceus, por via de regra, demasiadamente novos para poderem entregar-se a serios e profundos estudos.

As cadeiras estabelecidas actualmente são: Philosophia Racional e Moral, Rhetorica, Historia e Geographia, Arithmetica e Geometria, Grammatica Latina e Latinidade, e em fim as linguas Hebraica e Grega, e algumas das modernas.

Não negando absolutamente a importancia de qualquer d'estas disciplinas, é certo que, afóra o estudo das linguas, da historia e geographia, pouco ou nenhum proveito de todas as outras colhem os alumnos, ainda os mais applicados; e mormente do estudo da rhetorica e philosophia racional.

Eu bem sei que não faltarão classicos severos, que hão-de alcunhar a proposição de arrojada, heretica talvez.

Mas não é assim. A eloquencia precedeu a rhetorica: o primeiro poema é mais antigo do que as poeticas, e os homens raciocinaram antes de haver a dialectica. Demosthenes não aprendeu em Quintiliano, Homero não leu Horacio, e Euclides foi mais logico do que todos os que se chamaram taes. Hoje acontece o mesmo. Camões e Victor Hugo nasceram poetas; Mirabeau e Lamar-

tine são mais eloquentes do que os mestres que lhes ensinaram a rhetorica.

Exemplos quotidianos confirmam esta verdade. O homem dos tropos e figuras, o rhetorico, fará um discurso regrado, com exordio, narração e epilogo; mas promove o boçêjo irresistivelmente, e será remedio infallivel contra a insómnia mais pertinaz. As excepções, por pouco numerosas, vem confirmar a regra.

Não se cuide, porém, que a natureza se deva tudo; muito pôde tambem a arte: — mas é preciso estudal-a em idade, e circumstancias congruentes.

O alumno de onze annos dá as definições de tudo com rigoroso escrupulo; mas se lhe pedirem um exemplo, repete o do compendio. Regeitae este, e a sua loquacidade converter-se-ha em mudêz embaraçosa. Fazeilhe a mesma pergunta por palavras differentes, responderá cousas diversas. Se lhe falha a memoria, repete do principio, como repete a oração que aprendeu ao sair do berço. Em fim, quando naturalmente emprega uma palavra, por vezes mais propria que a do compendio, emenda-se a si mesmo, e emittê textualmente a expressão auctorizada.

É certo que muito pôde concorrer para isto a má direcção dos professores. Aquelle que preferir a lição papagueada, com bonitas mas alheas expressões, ás phrases menos alindadas, mas proprias do discipulo, não sabe nem deve ensinar. Mas é tambem certo que nem tudo está na mão do mestre: nem este pôde remediar absolutamente o que é proprio do verdor dos annos, da falta d'applicação, ou pouca capacidade do discipulo.

É preciso, pois, attender a todas as circumstancias na escolha das disciplinas que hão de ensinar-se, e não principiar pelo mais util, se não pelo que mais accomodado for á capacidade dos alumnos.

É por isso que julgámos muito mais conveniente guardar o estudo da Rhetorica, da Logica e Methaphysica para cursos especiaes de Litteratura e Philosophia, comprehendidos no ensino superior. O estudo da Logica principalmente, não pôde hoje reduzir-se a um compendio de cincoenta paginas, cujas definições se repetem de cór n'um exame de cinco minutos. Este estudo exige livros de maiores ensanchas, outras edades e mais diuturnidade.

O estudo da philosophia transcendente é tambem inutil, impossivel até, sem um certo grau de desvolvimento da parte dos alumnos.

Subjeitar, logo ao principio, uma intelligencia formada apenas, ao que a sciencia offerece de mais espinhoso e difficil, é o mesmo, conforme diz Balmès, que começar o desvolvimento physico pelos exercicios mais violentos da gymnastica. Além de que é preciso não dar ás opiniões dos philosophos uma importância demasiada: não são elles, como observa o citado auctor, os unicos representantes legitimos da razão. A originalidade é muitas vezes o idolo em cujas aras sacrificam o bom senso: e da multiplicidade e contradicção dos systemas sae triumphante o scepticismo.

Não é assim nas sciencias naturaes. Lavoisier, com a demonstração irrecusavel da experiencia, negou o phlogistico, descobrindo o oxigenio — e a sua theoria foi confirmada. Galileu demonstrou o pêso do ar e o movimento da terra, — e a terra move-se, e é pesado o ar. Newton descobriu a lei geral da attração — e a attração é um facto.

A fórma e a linguagem da moderna philosophia é sobre tudo repugnante; e a moda, influindo nas altas regiões da sciencia, obriga a exprimir o pensamento mais trivial por um modo verdadeiramente apocalypticico (1).

Salvae, pois, o pequeno estudante dos Lyceus do abysmo da metaphysica, aonde os systemas se multiplicam, e o chaos reina por toda a parte. Não lhe ensineis, aos doze annos, essa algaravia scientifica, que elle não pôde comprehendê. Deixae-o fallar a lingua portugueza, e que possa ler Camões sem dicionario. Não lhe digaes que o *espaço e tempo* são condicções subjectivas do *eu*, e que nenhuma vareda pôde conduzir-nos ás altas verdades da philosophia (2): que muitos tem por falsidade o que para outros passa por sem duvida: que este affirma, aquelle nega a mesma cousa. Não lh'o digaes — que a sua intelligencia, cedendo á tortura das contradicções, ha-de vacillar e perder-se. Não lh'o

(1) Les philosophes allemands ont philosophé si longtemps entre eux seuls, que peu à peu ils ont banni de leurs idées et de leur langage les formes universellement intelligibles, et en son venus à prendre, pour mesure du talent philosophique, le degré d'éloignement de la manière commune de penser et de s'exprimer...

Ils ont renoncé à se rendre intelligibles aux autres nations, s'habituant à se considérer comme les élus de la philosophie... Une incapacité absolue de s'exprimer avec clarté est regardée comme le signe du talent et de l'inspiration philosophique.

É o proprio Schelling que acabámos de citar. Depois d'isto não é preciso dizer mais: repetiremos sómente com o auctor d'onde extrahimos estas linhas, referindo-se ao mesmo Schelling — *Mutato nomine, de te fabula ista narratur*.

(2) Hegel e a Phil. Allemã. A. Ott. pag. 54.

digaes—que essa linguagem vae confundil-o, fazendo-o descrever da sciencia, e suscitando-lhe o aborrecimento do estudo.

E a moral? A moral não se aprende de cór nos cathecismos escolasticos. Ensinae-a, se a quereis fazer comprehender no Genio do Christianismo, nos Martyres, no Telémaco, e em Paulo e Virginia. Lêde Chateaubriand, Fénelon, e Bernardin de Saint-Pierre. Não a demonstreiis, mas persuadi-a; porque a moral bebe-se com o leite da mãe, aprende-se n'estes livros, apura-se nos exemplos da familia, robustece-se nas boas companhias, e practica-se em fim por obedecer aos dictames da propria consciencia.

III.

A logica escolastica é inteiramente dispensavel (1). A logica natural suppre todas as necessidades. O talento não applica minuciosamente as regras da dialectica, mas descobre sem demora o vicio d'uma demonstração. Sem essa dialectica, estamos vendo todos os dias que se podem comprehender as abstracções da analyse transcendente, nas mathematicas puras, e as applicações mais difficeis, nas sciencias de observação; ao mesmo tempo que a mais simples proposição de geometria embaraça muitas vezes o estudante, cuja memoria está obstruida com os multiplicados preceitos da logica. Elle dirá sem difficuldade o principio fundamental em que assentam as leis sylogisticas: *duas cousas eguaes a uma terceira, são entre si eguaes tambem.* — Mas reduzi o syllogismo á sua mais simples expressão: $a = b$, $b = c$; perguntae qual é essa terceira cousa; — e ouvireis um disparate.

Se multiplicaes os estudos preparatorios como meio de desinvolvimento, ensinae pois a geometria; porque, ensinando-a, os alumnos aprenderão a logica, logica a mais rigorosa de quantas poderdes imaginar, e alcançarão, no discurso se não eloquencia, pelo menos clareza e precisão.

N'esses livros escolasticos, diz-se que o que bem se concebe, claramente se exprime; e Genuense reconhece a inutilidade de muitas das suas regras para os que são versados na geometria, e nas demonstrações da mathematica.

(1) Tout le monde raisonne, . . . Sans art nous distinguons le vrai du faux, le sophisme de l'argument qui conclut. . . Les dialecticiens, eux mêmes, ont-ils toujours les règles de la logique sous les yeux?

Philosophia Fundamental. — Tradução de Maucci (Edouard).

É pelos elementos d'estas sciencias que deve pois começar a instrucção secundaria, depois o estudo das linguas, e, quando muito, da historia e geographia. Estas disciplinas, até certo ponto, quasi unicamente dependentes da memoria, são por isso mais accomodadas á tenra idade dos alumnos. Mas depois, sigam-se no estudo a chymica e physica experimental, e os differentes ramos da historia natural, ate onde o permittirem as circumstancias dos ouvintes.

A falta de conhecimentos d'esta ordem, ainda nas pessoas da mais elevada cathegoria, é, entre nos, tão geral e verdadeira, quanto prejudicial e vergonhosa.

O negociante, ou abastado proprietario, que emprega as machinas a vapor, cujo serviço o inriquece, não tem a mais pequena idéa da causa de tão extraordinarios effeitos.

O alto funcionario, que lê uma participação official, communicada pelo telegrapho electrico, ignora completamente a natureza d'este agente.

Discutem finalmente famosos antropologistas sobre os instinctos, faculdades, e sensibilidade humana; mas ignoram as leis da organização, a importancia do systema nervoso e as suas iminentes funções.

Será porque o estudo das sciencias naturaes é mais arido e difficil? Serão menos uteis as leis que nos revellam a formação do raio e das nuveus, do que as leis do Digesto, ou as subtilizas dos casuistas? Não é, nem são.

Se não é dado ao homem descortinar todos os mysterios da natureza, nem por isso a contemplação dos seus maravilhosos phenomenos, e o conhecimento das leis geraes por que se rege o mundo material, offerecem menos attractivos ou menos utilidade.

Unido mysteriosamente ao organismo, o espirito soffre quando padece o corpo, a intelligencia enfraquece quando os órgãos se debilitam, succede muitas vezes o delirio a ligeiras alterações organicas. A morte, como diz um grande naturalista, é o triumpho absoluto das leis physicas sobre todas as leis vitas. Não será, pois, sobre todos proveitoso, necessario até, o conhecimento d'essas leis physicas?

IV.

Lançaê um rapido olhar sobre a vastidão dos continentes, ou a immensidade dos mares, ou a magnificencia e firmamento. Acompanhae o naturalista ao pincaro das montanhas, á planura dos vales, juncto á cratera

dos yulcões. Vêde a impetuosidade das torrentes e catadupas, contemplaê as côres do Iris, e admiraê o esplendor dos astros. Subi, como Gay-Lussac, em magestosa ascensão até á região das nuvens, e vereis, sobranceiro a ellas, todas as maravilhas da natureza.

Mas nem tanto é preciso; a cada passo topareis com objectos que prenderão a vossa attenção. Visitae sómente os campos e collinas da vossa aldêa: ahi achareis ainda muito para ver e admirar, e que o naturalista vê e admira tambem, mas que elle comprehende e vós ignoraes. Deixae os jardins e fabricas grandiosas das cidades, cujos ornatos e symetria vos desviam a attenção. Segui, nos prados, o vôo flexuoso da borboleta, que adeja de flor em flor, esmaltando com o brilho das suas côres esses tapêtes de verdura. Pensaes talvez que a sua vida passou sempre entre as boninas do campo, e por ventura lhe invejaes a sorte e a vivacidade dos movimentos. — É porque não sabeis que a mariposa morre ao sol posto, e nasce poucas horas antes.

N'esse verme, cuja vista vos repugna, e na chrysalida que julgaes sem vida, prevê já o naturalista o futuro destino da borboleta que vos encanta, e cuja origem ignoraes.

Aqui, pela inspecção d'um pouco de marfim, elle advinha a índole e costumes do animal desconhecido a que pertencia. Além de pára com uma concha petrificada — algarismo com que a mão do Creator datou nas entranhas da terra uma época notavel do mundo. Elle sabe como o cedro collossal, que já foi mais rasteiro do que a relva que pizaes, subiu e cresceu de pequena cellula até ás dimensões de gigante. Em fim, no *malme-quer*, que tantas vezes consultaes á cerca dos vossos amores, vêdes apenas uma flor aonde elle descobre mil.

¿Não tem assim o que estuda a natureza mil gócos especiaes, de que os outros estão privados? ¿Não é para elle uma preciosidade o objecto aparentemente mais insignificante? Não será pois sobre todos agradável esse estudo?

Nem todos porém hão de applicar-se ás sciencias naturaes com exclusivo empenho; mas é preciso tambem que os seus elementos não sejam inteiramente ignorados, como hoje acontece, por via de regra, em quasi todas as classes. Hoje que todos salam em *fomento* e melhoramentos materiaes, é vergonha até não possuir algumas idéas sobre muitos pontos theoricos, em que assentam os importan-

tes descobrimentos da época hodierna. É por isso que indicámos a direcção dos estudos secundarios n'este sentido, como meio adequado para remover, em parte ao menos, tamanho inconveniente.

É esta, crêmos nós, a verdadeira e mais elevada missão da imprensa litteraria. Já que não ha interesses creados para os que se habilitam com os cursos superiores de philosophia e mathematica — o que fôra optimo meio de fazer subir a frequencia n'esses cursos, e propagar o conhecimento dos differentes ramos d'aquellas sciencias — pelo menos haja nos lyceus algumas cadeiras, em que se lêam os seus primeiros elementos.

Nem obsta a difficuldade d'estas sciencias; dos seus rudimentos pelo menos. Em vista das pezadas regras quintilianas, e dos preceitos austeros da logica, será muito mais facil fazer distinguir as folhas simples das compostas, os estames e pistillos d'uma flor, e demonstrar o pezô do ar, ou a reflexão dos raios calorificos.

Além d'isso o que se aprende n'essas escholas classicas, de côr quasi sempre, esquece-se passado um dia. Mas a memoria seria menos infiel, quando os alumnos, em vez de dormitarem nos bancos, vissem a luz da *harmonica chimica*, as côres variadas dos *precipitados*, ou a faisca da machina electrica.

Em comparação dos estudos classicos, hoje adoptados, mais facil e agradável para os alumnos, e mais util inquestionavelmente, é pois o estudo, se não profundo, pelo menos elementar, dos differentes ramos da Historia Natural, da Chymica e Physica experimental; — além d'isso accommodado tambem ás edades dos ouvintes, e finalmente mais em harmonia com o estado da actual civilização.

Continuaremos ainda, desinvolvendo mais d'espaco alguns pontos, que, n'este artigo, apenas indicámos.

A. A. Giraldez.

UMA HORA DE MEDITAÇÃO

OFFERECIDA A *****

I.

O homem, apparecendo na face da terra, bafejado pelo sopro da vida, que a Providencia lhe marcara no degráu mais elevado da criação, é actuado nas variadas determinações do seu proceder pelas diversas influencias, que vão lentamente estabelecendo um

dominio imperioso sobre as suas acções, a despeito das sublimes theorias das escholas philosophicas, que, com tanto afan quanto enthusiasmo, preconizam da cuspide do seu throno inviolavel, como Moysés do alto do Synai, os principios absolutos e imprescriptiveis da independenciã e liberdade humanas.

Quando lêmos tranquilos no livro da nossa fria consciencia; quando, guiados por um raio da intelligencia infinita de Deus, prescrutamos audaciosamente os escusos arcanos da organização moral do homem, não podemos deixar de duvidar da omnipotencia da razão; nem podemos enthronizal-a como força unica, suprema e reguladora de todos os actos da nossa vida.

Desconhecer que ha principios mysteriosos, que soberanamente influem sobre nós; negar o magico influxo dos sentimentos do coração, nem eu o quero, nem mesmo que o quizera, o pøderia fazer. Porque vejo diante de mim, desenhado com traços bem sensiveis, o quadro do que realmente sòmos; porque vejo, n'esse quadro, feita pedaços a aureola deslumbrante do orgulho do homem; porque vejo, n'esse quadro, avultando imperturbavel a imagem tremenda da verdade, apontando para as pequenezes do homem, quando despe os trajos emprestados, com que se pavonêa pela terra, e se ostenta vaidoso, empunhando o ridiculo sceptro da força e da vontade.

II. Celebrando a sua entrada no mundo com vagidos dolorosos, que arrancados pelo instincto parecem uma precoce e pungente accusação a essa sociedade, que o colhe, como cordeiro em fraco redil, em grilhões retemperados na mais crua escravidão, os primeiros sons que o homem articula, as palavras que primeiro balbucia, no descuidoso vegetar d'uma vida amesquinhada, é para bradar que soffre! Pranto e soffrimento são o cruento baptismo, são a sua iniciação nos mysterios tenebrosos d'um viver todo martyrio!

Entregue aos influxos horoscopicos da sua boa ou má estrella, passa os primeiros annos da obscura existencia, repartidos entre os mimos pueris d'uma familia carinhosa, e as occupações automaticas da educação litteraria e scientifica, confiada de ordinario a summidades officiaes, já gastas nas tortuosas veredas d'uma vida temulenta e licenciosa.

— Para elle apenas então existem em germen as elevadas virtudes, os affectos generosos, que a mão de Deus plantára no coração do homem.

Chega a quadra romanesca da vida, toca a idade turbulenta da juventude: é então que, fragil baixel, ora soçobrando nos abysmos da tormenta, ora elevando-se no dorso acuminoso d'uma onda alterosa; debil flor, ora açoitada pela furia de horrisono furacão, ora erguendo as verdes sepalas de seu calix cambiante aos raios animadores do sol do meio dia; pomba innocente, ora acoçada pelas garras de abutre insaciavel, ora acolhendose triumphante ao asylo inviolavel de seu ninho protector: é então, que brota da sua alma a graciosa florescencia da mais robusta vegetação. É então que aquelle oásis luxuriante irradia viridente nas mais delieadas evoluções. É então que aquelle jardim de poesia exhala em torno de si os aromas suaves das inspirações mais innocentes.

— Mas é então que uma lucta sangrenta vem cravar o seu negro estandarte nas intimas fibrillas do coração.

É a lucta da alma com o corpo. É a lucta do espirito com a materia. É a lucta frenetica do amor — é a vehemencia dos affectos — são as dôres excruciantes d'um sentimento exagerado — illidindo-se fatalmente nos escolhos perigosos d'um cynismo revoltante.

É a educação mal dirigida, e a intelligencia pervertida, e a bruteza, e a ignorancia, revelam então as suas grosseiras tendencias, e esforçam-se por embotar na alma do homem a espiritalidade das suas nobres affeições. Então tambem o fogo dos sentidos pretende crestar as faculdades do espirito. Então tambem as potencias da natureza conjuram as forças do organismo, e n'um transe momentoso, desesperado, querem atrophiar a sensibilidade do coração.

É n'este duello de morte, ou sobrevive a alma, ou triumpho o corpo!

III. E a vida da alma é o amor!

Então o homem sente-se impellido por uma vaga tempestuosa, para uma vertiginosa voragem, em que tem talvez de se sumir. Então sente minar-lhe o peito uma lava ardente de sentimentos novos, confusos e turbulentos. Então o homem vê levantada deante de

si a estatua majestosa da virgem, angelicamente sorrindo, e apontando no peito, que arfa descompassado, as pulsações tumultuosas do coração. Então o homem, fuzilantes os olhos com as tormentas do espirito, vê balbuciados pelos labios da mulher, rubros pelo pudor da innocencia, o mote solemnê d'um futuro enebriante!!!

Fé e crenças, ambição e gloria, razão e intelligencia — tudo então se resume para elle n'uma só palavra — esperança!

E a esperança é a mais nobre crença do coração. E a esperança é um raio de luz, em que o homem vê Deus através das distancias infinitas, que o separam d'elle. E a esperança é a vida phantastica, que eleva o homem acima das pequenezes da terra. E a esperança é a idéa sublime, que consubstancia o homem com a Divindade. E a esperança é o sentimento grandioso em que o homem aspira para as mysticas regiões dos anjos. E a esperança é Deus, é o amor, é a mulher...

Mulher! palavra de terror e sympatia; de attracção e repulsão; de confiança e de receios! Palavra, que ora enxuga, n'um instante, com um sorriso, as lagrimas vertidas por toda a vida, ora recrudescê impiedosa os tormentos, em que a alma do homem vae penando. Palavra, que resume finalmente todas as paixões, que tumultuam, ora sinistras e medonhas, ora radiantes e fagueiras.

IV.

É bello; é realizar na terra o supremo bem que o homem póde anhelar; quando solta as azas ao phantasiar indefinido da sua ardente imaginação; quando vê correr ledos e amenos os dias e as noites, passar e perpassar os momentos vaporosos d'um prazer inefavel; quando sente desferir n'uns labios, afogueados pelas chamas do amor, os sons harmonicos, que traduzem do coração maviosos sorrisos, que lhe embriagam os sentidos; quando encontra os seus olhos, faiscantes de prazer, com os languidos olhos da mulher, reflectindo no seu brilho os delicados affectos da sua alma; quando, n'um transportê effluvio, ergue a sua frente, radiante de orgulho, e desanuviada das negras trevas da desconfiança, em presença da mulher, que repete, em todo o esplendor da sua majestade, os juramentos solemnês, que nunca foram mentidos.

É negro e medonho ver lacerar uma a uma as fibras do coração; ver rasgar pagina

por pagina o livro doirado, em que o homem escreveu todo um futuro de esperanças; ver desmoronar pedra por pedra o edificio grandioso em que o homem dispendiára todas as forças da sua vida; ver abatido o altar, em que offerecera em holocausto as mais ternas affeições da sua alma; ver resequida, dispersa e rojada pelo lodo da traição, a corôa radiosa, com que o homem laureára a fronte ennobrecida da mulher a quem amára; ver feito pedaços o idolo que incensára com recendentes perfumes de fanatica adoração; ver ennegrecido todo o horizonte da sua vida; ver-se aguilhoado pelo remorso de não ter pago, com uma deslealdade, á mulher que estremecêra; ver-se finalmente apodado pelo riso satânico d'uma turba desenfreada, a quem a mulher aponta, em estridentes gargalhadas, como victima miseravel de seus extravagantes caprichos!!!

Então a mulher, cobrindo em todo o brilho do seu majest. V. só vive pela intelligencia e pelo amor. Rebelde, nos accessos

Quando, no remanso silencioso da noite, abro as paginas do livro da vida; quando n'um rapido relancear do pensamento, figuro, como que agglomeradas n'um vasto panorama, todas as phases do viver social; quando vejo d'um lado os caprichos injustificaveis, as vaidades pueris, os desvarios da intelligencia, a phantasia repastando-se locamente n'um delirante devanear; quando vejo a prostituição dos mais nobres sentimentos da moralidade; quando vejo alardear ostentosamente o scepticismo como norma da vida; quando vejo a mesquinhez da intriga tomar na terra o lugar, que só compete á lealdade, ao cavalheirismo, á probidade; quando vejo finalmente a mulher, sentada no seu throno de rainha do mundo, laureada pelo cortejo aparentemente brilhante de quantas ridiculas trivialidades teem sido preconizadas pelos typos desmoralizados, que a depravação social tem corroido até á molecula mais intima do corpo — então não posso deixar de abençoar o homem que aborrecê a sociedade; que encara com desconfiança e frieza, que mede, com olhar meticoloso e calculado, essa pura criação da Divindade — a mulher, — centro poderoso e sympatíco, em roda do qual todo o machinismo das paixões sociaes gira fatalmente, como em roda do sol se movem os planetas, por leis tão necessarias e constantes, que não é dado ao poder do homem modificar.

Quando, n'uma rapida abstracção do meu

espírito, me elevo acima da terra, e encaro Deus como manancial perenne do verdadeiro amor; quando prendo no viver innocente dos anjos a mulhier, que Deus mandára á terra para convencer o homem que fôra por aquelle typo, que elle moldára na mente eterna os entes increados, que entõam hymnos de gloria, que cantam em sentidas endeixas a sublime poesia do amor, que dedilham em redor do seu throno resplendente o alaúde sonoro, que lhes eleva o espirito ao sentimento do bello, extasiando-lhes, n'um rapto sublime, todo o poder da sua essencia divina; quando vejo depois o homem como que embevecido n'um extatiço contemplar, como que desprendido da terra, elevar-se pela imaginação á adoração d'aquella, que não é mais que o reflexo de todas as maravilhas de Deus, então não posso deixar de crer na mulhier, porque creio em Deus, porque creio em mim mesmo!

Então a mulhier, sobresaindo em todo o brilho da sua majestade, só vive pela intelligencia e pelo amor. Repelle, nos accessos solemnes da sua dignidade, a taça de veneno, que a sociedade lhe offerta. Aspira para o homem como o representante de Deus na terra. Crê convicta na triadé mysteriosa de Deus, homem, e amor. Eleva-se como um anjo, nas azas da innocencia, acima dos vícios da terra.

E o homem, nos deliriosos transportes de poetico enthusiasmo, estremece então a mulhier, que arvôra o symbolo sacrosanto d'uma vida toda venturas. — E ama-a. — E jura guardal-a no sacrário inviolavel da sua alma, como lá guarda a pureza das suas crenças; como lá guarda o sentimento de familia; como lá guarda a fé em Deus; como lá guarda a amizade pelos homiens, como lá guarda o amor da liberdade.

Mas quando o corpo triumpho, a vida do homem é medonha!

D'um lado ergue-se irosa a imagem lascivá dos gozos materiaes, e nos esgares asquerosos de seus olhos enturyados, ulcêra o coração da virgem com o negro presentimento d'uma infamia imminente. E ella, terrificada pelo aspecto sinistro da morte, véla o rosto com o manto da innocencia, abraça-se com a cruz da sua redempção, volve os olhos aos céos e brada no ardor das suas crenças — soccorro, meu Deus

D'outro lado ergue-se o quadro vultoso das ambições humanas, e as riquezas da terra, e as vaidosas pretenções d'uma elevada posição social, e a gloria ephemera d'um renome; muitas vezes embaciado pelas mais torpes acções, figuram ahi com o falso brilho das flammias do inferno; e a mulhier jaz calcada nos traços sombrios do quadro, como desprezível pedestal, sobre que o homem quer encastellar os phantasmas vaporosos do seu escandecido imaginar.

Então a mulhier é apenas para o homem um elemento material, que só entra, nas lubricações phantasiadas dos seus voluptuosos pensamentos, como odalisca libidinosa no harem do Grão-Senhor.

Então a mulhier não é o elo da cadeia que prende o homem á Divindade. Não é a commissionada de Deus cá na terra. Não é uma parte integrante da existencia moral do homem. Não é o amor e a intelligencia personificados em angelicas fórmas. Não é o verbo de Deus annunciando ao mundo as sacrosantas leis da fraternidade humana.

A mulhier é então uma cousa. É um triste instrumento d'impudicos prazeres. É o remorso. É a maldicção. É a sentença da condenação do homem, escripta em caracteres de fogo, na fronte tiszada do réprobo, pelo dedo inflexível da justiça do Senhor!

VII.

Passa a quadra imaginosa das illusões; vem depois nas asperas fragosidades da vida o negro desengano, trazendo em cada dobra do seu manto um pungente remorso, que era va, como ponta acuminada de punhal; em cada fibra do coração do homem, um agudo espinho, como salario bem merecido dos rastos de lagrimas e de sangue, que arrancou da mulhier, no seu viajar doidejante pelo mundo.

É então que o tigre, manso como o cordeiro, volve os olhos para Deus. É então que chama, em sons plangentes de clamoroso sentimento, pela mulhier, que até alli esquecêra, no lidar vertiginoso d'uma torpe libertinagem. É então que, presentindo o castigo do céo, desprende os vãos da terra, amaldicção o passado em nome do futuro, e tenta retemperar no baptismo do amor a alma, até alli ensurdecida aos sentidos lamentos da sua victima resignada.

É este o viver do homem, n'este eden delicioso, a que dão o nome de terra!

Que folgue e ria o rei da criação, quando levanta entusiasticos *hosanas* ao sentimento e á razão!

Que folgue e ria o rei da criação, quando nivela os sentimentos da sua alma pelos instinctos brutaes dos outros seres da natureza!

VIII.

Mas em frente das feras, nutridas pela peste do cynismo, erguem-se os privilegiados da terra, sobranceiros e altivos, como outra a cruz de Christo nos campos da Palestina.

São os homens para quem o amor é uma crença. São os homens para quem a mulher é a religião do céu, annunciada á terra pelos mellicos sons de divino alaúde.

Para estes a mulher é a vara magica, que faz mover o homem ao impulso grandioso de arrojados sentimentos. Para estes a mulher é o talisman poderoso, que protege o homem nas perigosas evoluções d'uma vida toda espinhos. Para estes a mulher é a estrella da manhã, que allumia ao homem todo o horizonte da sua vida, como o suspirado pharol allumia ao marinheiro o porto de salvação, que o vae subtrahir ao furor da tempestade.

A vida é então uma sublime abstracção, em que as leis do sentimento são o evangelho sacrosanto, onde o homem vae sorver o nectar delicioso, que lhe embriaga os sentidos, n'um delirioso anhelar. A vida é então um aspirar continuo para o engrandecimento da mulher.

As altas concepções da intelligência, os calculos phantasiados, nas profundas meditações, os fructos espinhosos, colhidos no campo da sciencia, da gloria, e dos combates, são os florões resplendentes da corôa de diamantes, com que o homem cinge a fronte da mulher a quem adora.

O homem só então vive pelo amor e para o amor, pela mulher e para a mulher, pelo sentimento e para o sentimento.

E em troca de tantos sacrificios, dispendidos por toda a vida, o homem só pede uma palavra: só exige da mulher, que não faça tombar o astro, que o guia, nos sonhos fogosos da sua mente illuminada.

J. A. Santos e Silva.

Epitre à ***

Ne me demandes pas de beaux vers sur la gloire
Je ne le puis, enfant! cherches un plus grand talent
Ma muse toute en pleurs, rappellé la mémoire
De tout ce que j'ai aimé, absent, mort ou vivant!
Il me sera plus doux, cher enfant, de te dire
Ce que je ressentis en te pressant la main,
Que chanter des héros qu'à peine je sais lire
Qu'on célèbre aujourd'hui, qu'on oubliera demain!
Toi! qui de mon exil fût la première aurore!
Le premier doux rayon qui réchauffa mon cœur
J'aime à te répéter... Je veux te dire encore
Que ta vue à l'instant fit taire ma douleur!
Tu fus comme l'anneau d'une chaîne brisée
Renouant pour nous deux le présent au passé
Les jours de ton jeune âge à l'heure fortunée
Qui nous réunissait sans l'avoir espéré.
Dès que tu m'apparus, tes yeux et ton sourire
Me rendirent l'enfant que j'avais tant aimé!
Sur ton front noble et fier ma tendresse sût lire
Ce que ton cœur contient d'honneur, de loyauté!
La douleur a gravé dans ce cœur trop sensible
Le constant souvenir des malheurs du passé...
Où tu perdis hélas! dans un moment terrible
Une mère! une sœur... que la mort a fauché!...
Oh souviens toi toujours! de ces âmes si belles!
Qui furent les soutiens de tes pas chancelants...
Elles vivent au sein des splendeurs éternelles
Et suivent les progrès de tes rares talents!
C'est encor leur amour qui bien souvent t'inspire
Ces généreux élans qui sortent de ton cœur!
Et quand dans ton sommeil un ange vient sourire
C'est ta mère qui veille, ami, sur ton bonheur!...
Viens donc cher orphelin! viens quand ma voix t'appelle
Toi! l'enfant que mon cœur n'a jamais oublié!
Prends ta place au foyer, range-toi sous mon aile
Tes frères et tes sœurs l'en offrent la moitié...
Jadis, j'eus deux enfants! trop parfaits pour la terre!...
Et, sur leur front brillait la marque des élus!
L'un a fait mon bonheur! consolé ma misère
Sa beauté rayonnait de ses douces vertus!
Son nom vivra toujours! et son ombre chérie
M'entoure comme un voile, inaperçu de tous...
Son souvenir remplit les heures de ma vie,
Et, comme un ange hélas! Je l'invoque à genoux!
L'autre fut pour nos cœurs comme un songe ineffable!
Qui enivre nos sens! que l'aube voit finir!
En passant, il laissa sa trace ineffaçable!
Puis... au ciel s'envola! pour ne plus revenir!...
S'il vivait!... il aurait ton regard et ton âge!
La foi, qui de ton âme épure les ardeurs...
De cet archange! enfant, rends moi la chère image,
Sois mon fils bien aimé!... rends la joie à nos cœurs!...

Porto, 10 Novembre 1853.

SAUDADES.

Aqui, juncto do Mondego,
Sob os salgueiros sentado,
Vou contar minhas saudades
À corrente, ao bosque, ao prado.

Vou, que os échos, que escutaram
D'Ignez os tristes amores,
Talvez leyem aos do Têjo
Uma só das minhas dôres.

Quando a aragem docemente,
Com mui branda viração,
Vem por entre os arvoredos
Beijar as folhas no chão;

Quando as aves madas, tristes,
Sem a meiga voz soltar,
Pelas balseiras fechadas
Vem um abrigo buscar ;

Quando á serra sobranceira
Alveja a frente nevada ;
Quando ao longe, muito ao longe,
Pastoril frauta é tocada ;

Que saudades vem n'essa hora
Sobre minh'alma pousar !
Que saudades ! ai ! nem d'ellas
Posso á corrente falar.

E depois, mais tarde, quando
Assomando ao horizonte
Vem a lua pouco a pouco,
A surgir detraz d'um monte.

E quando o céu se recama,
D'estrellas, que não tem fim,
Umás côr d'oiro fulgentes,
Outras, de prata, e marfim ;

Quando a voz d'ignota virgem,
Com agreste vibração,
Modulando tristes queixas,
Vem quebrar a solidão ;

Que saudades vem nessa hora
Sobre minha alma pousar,
Saudades de que nem posso
Sómente ao bosque falar.

Se estas aguas, estes freixos,
Tem seductora lindeza,
Se a negra sombra da serra
Tem majestade e grandeza !

Se a brisa canta seus hymnos,
Se o abrasado arrebol
Desce do céu ás alturas.
Ás horas do pôr do sol !

Se em longa fila os salgueiros
Lançam as folhas no chão ;
Se também elles murmuram
Saudosa triste canção ;

Se a doce voz da donzella
Vem o silencio quebrar ;
Se vem o mocho mais tarde
Lúgubre pio soltar ;

Se a candidez das estrellas
Vem juncto á lua fulgir ;
Se entre toda essa tristeza
Os céos parecem sorrir :

Porque será que em minh'alma
Vem as saudades pousar,

E que uma lagrima triste
Vem pelas faces rolar ? !

Ai ! . . . Porque ? . . . Tenho saudade
D'outras aguas, d'outras flores,
Do cicio d'outra aragem,
D'outro vale, d'outros pastores.

Porque tudo me recorda
Outro canto, outra harmonia,
D'outra serra, d'outro outeiro,
Que tem mais melancholia.

Tenho saudades do tecto
Sob o qual vivem os meus !
Saudades da minha terra !
Saudades d'aquelles céos !

Do som da pobre sineta
Das trindades da manhã,
Do cypreste que dá sombra
Ás cinzas de minha irmã.

Inda tenho uma saudade,
Que jámais hei de deixar ;
Mas essa nem mesmo os anjos
Podem siquer soletrar.

Coimbra, 12 de Dezembro de 1853.

J. G. de Barros e Cunha.

PASSADO E PRESENTE.

Triste mortal, que suspira,
Sempre o futuro abraçar . . .
Pobre pó ! . . . constante gyra
Até na lousa findar ! . . .
Vaguêa ao grão da sorte,
Quer louco sorrir da morte,
Passando a vida a chorar ! . . .
Como á flor vão os insectos,
Assim ao pobre os affectos
Lhe vão a vida roubar.

Ora sorri descuidado
Do seu incerto porvir,
Ora deslembra o passado
D'amor fagueiro a fulgir :
Descanta em seu alaúde
Mil grinaldas de virtude,
Cingindo a frente á mulher ;
Depois sceptico lhe brada
Que por ella foi calcada
Toda a crença do seu crer.

Folga então de ver imperios
A morrer d'esforços vão,
Calca aos pés nos cemiterios
As cinzas de seus irmãos ;
Das illusões nos destróços,

A sua alma nos seus ossos
 Julga o pobre ver findar,
 E das aguas do baptismo
 Elle ri, porque o cynismo
 Lhe vem o nada apontar.

Mal haja a louca vaidade
 De não ter já coração,
 De descreer da eternidade,
 De crer Deus uma illusão!
 Por vaidades, por loucuras,
 A c'róa das desventuras,
 Eu já na frente cravei;
 Era força que brilhasse
 Um astro que despertasse
 D'alto Deus a sancta lei.

E surgiu, lindo e brilhante,
 No brilhantismo do céo;
 D'aquella noite constante
 Formosa aurora rompeu;
 Morreram trévas passadas,
 As crenças desmoronadas
 Vi uma a uma voltar;
 A vida eterna com ella
 No gozo da minha estrella
 Deus eterno me ha de dar.

Quem me déra a nobre lyra,
 Do Petrarcha a descantar!
 Minha mente me delira
 Por ser o Dante a cantar;
 Porque então, em noite amena,
 Da soidão á voz serena
 Já meus cantos junctar;
 A virgem d'amor a palma
 Já dar, qual a minha alma
 Á sua alma fui casar.

Dar-lhe o beijo, que o poeta
 Sem crime pôde offertar;
 E como Deus ao propheta
 Mil venturas lhe fadar.
 Seu olhar de luz immensa
 Me deu vida como crença
 Ao mundo Christo legou;
 Deus lhe deu amor intenso,
 Como o seu poder immenso,
 Que nas soidões estampou.

Vem, donzella, no deserto
 Juncto a meu peito sorrir;
 Meu futuro vago... incerto...
 Vem d'amor todo cingir...
 Fujámos!... Se a sociedade,
 Ou por loucura, ou vaidade,
 Desdenha, sorrí d'amor,
 Cumpre, virgem, meus desejos:

Vem trocar pelos teus beijos

As c'róas da minha dôr.

Dezembro 1853.

F. Soares Franco Junior.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

II.

Lisboa.

Quando has de ser quem foste, oh terra de
 D. João I?

A. HERCULANO — *Monge de Cister.*

Arrebatado por uma brisa deliciosa, o S.
 Bernardo ía deixando atraz de si as torres
 do Bugio e S. Julião.

— A nossa direita prolongava-se n'uma lon-
 ga enfiada de casas alvacentas uma pequena
 povoação de pescadores, cujas embarcações,
 mais ligeiras que o vento, se cruzavam em
 differentes direcções.

É um espectáculo soberbo, quando os pri-
 meiros raios do sol alumiam as cumiadas das
 montanhas, ver, como a cidade despiendo seu
 manto de vapores, majestosa como uma fa-
 da, grande como um gigante, se mostra de
 repente aos olhos deslumbrados dos que vem
 demandar repouso em seus muros.

— Vêdes aquella embarcação, que avança ar-
 rogante pela barra dentro, e que lá vai fun-
 dar defronte da torre de Belém? É um va-
 por que a soberba Albion manda alli com
 ordens superiores á Soberana de Portugal.
 Além desinqueta e altiva, a bandeira france-
 za fluctua nos ares, invejosa talvez do imperio,
 que a sua rival soube alcançar nas Hes-
 panhas.

— Avistámos depois as vidraças do convento
 dos Jeronymos, onde os raios do sol batiam
 com brilhante reflexo.

— Cingida d'um largo manto de verdura,
 cercada de palacios magnificos, Lisboa não
 parece a capital d'um pequeno povo, mas a
 cabeça d'um vasto imperio. Viam-se ao lon-
 ge os mastros de muitos navios mercantes, e
 de dez ou doze vasos de guerra. Defronte do
 palacio de Belém estavam ancoradas duas
 náus inglezas. Entrando depois no quadro,
 divisa-se a estatua de D. José I, n'uma das
 mais bellas praças da Europa. Mas a illusão
 não dura muito, e esse corpo gigante toma
 bem depressa as dimensões de pygmeu.

— Ah! não! já não é essa Lisboa formosa,
 dormindo voluptuosamente nas aguas do seu
 rio, ou mirando-se altiva, como uma rainha;

é a Lisboa mercenaria e corrupta, que se arrasta no lodo, sorrindo aos insultos, que lhe atiram ás faces. A desgraçada revê n'um pensamento devorador, n'uma synthese atroz, seu longo e glorioso passado, seu triste e negro futuro. Pela alta noite de seu viver de seculos, lá lhe desponha por vezes um rapido reflexo d'alegria.

Mas que importa isso, depois que, esmagada debaixo do peso dos tributos, dilacerada pelas luctas de bandos civis, prostituida ás paixões desregradas dos grandes, trocou os seus loiros de mil batalhas por um pobre ramalhete de flores?!

Engolfado n'estas cogitações dolorosas, estendi os olhos para o firmamento, aonde nem uma só nuvem corria. Pelas faces senti depois deslizar uma lagrima. Férvida e ardente foi a oração que murmurei, antes de pisar essa nobre terra de Portugal.

Um dia, pensava eu comigo mesmo, esses enredos ambiciosos serão desmascarados á face do povo; correremos todos a rodear os pendões da independencia da patria; e ao grito d'essa guerra sancta esta nação-cadaver ha de resurgir de seu negro sepulchro.

Mal pensava eu, que não estava longe a hora, em que se abriria para este maldado paiz uma longa carreira de desventuras.

Ao desembarcar no terreiro do Paço despedi-me do meu joven companheiro de viagem. Os acontecimentos, que se seguiram, embaraçaram-me de o tornar a ver tão cedo, como desejava. Soube depois, que morava n'uma hospedaria ingleza na rua de S. Francisco.

O adeus melancholico do joven, no momento em que ia deixar a terra natal, não se me riscava da lembrança. Sua alma innocente e pura derramava na minha, já crestada pelas tempestades do espirito, suas mais sanctas aspirações, suas crenças fervorosas em Deus e no futuro; e eu, homem solitario e triste, habituado a sentar-me sobre ruinas, ou sobre a pedra dos sepulchros, sentira outra vez a esperança esaldar-me a fronte, como nos bellos dias da minha juventude.

A resolução e energia das almas fortes e apaixonadas revelava-se-lhe nas feições. Crença, embalada ao som das tormentas da costa, não seria um sopro de vento, que a deitaria no chão, mesmo assim fraca, debil, e apenas na infancia da vida. Aquella imaginação de onze annos creára-se no meio de scenas terriveis e majestosas. Mas o que tinha um poder immenso para elle, o que era capaz de o

fazer curvar, como o ramo d'uma arvore, quando das bandas do norte surge um golpe de vento, que derriba tudo, era a saúdade que o affligia, que o opprimia d'amores, por sua mãe.

Porque não estava alli, me dizia elle muitas vezes, a companheira de seus brincos da infancia — a sua Margarida? o anjo, que Deus tinha posto a seu lado para lhe sorrir na aurora de seus primeiros dias? Quantas vezes não passearam junctos na praia? Quantas noites se não assentaram nos torreões da Candelaria, a admirar a belleza do céu, o brilho das estrellas, e os esplendores do mar? Não tinham elles junctos abençoado o nome de Deus n'aquelles momentos d'ingenua fé e sublime adoração?

Na noite da minha chegada fui visitar o meu nobre amigo o conde de ***. Sabia que elle era o alvo de grandes e poderosos inimigos; e desejava ouvir o seu juizo á cerca d'esse estado d'oscillação e de crise, que infundia tão graves receios pela segurança do throno e da liberdade. Sinceramente affeçoado ao governo representativo, sempre deplorei essa cegueira dos partidos, dos que trocam a paz d'um povo livre pelo tumultuar das praças publicas. Parecia-me, que aos sanguinolentos combates da guerra civil, e aos desastres e perdas, que d'ahi tinham resultado, devia succeder uma longa paz, que reanimasse a industria e a agricultura abatidas, que assentassem em fim o edificio das liberdades publicas sobre bases solidas e estáveis.

O conde estava só quando entrei.

Conversámos largo tempo, primeiro sobre recordações do exilio, depois sobre a revolução, que se dizia imminente.

— Julgaes, me disse elle, que em o povo se acostumando a gritar nas praças, como um furioso, será facil depois reprimir-lhe as iras, ou deter-lhe a carreira, se um dia elle se lembrar de pôr as mãos n'esse throno, que levantámos sobre a ponta de nossas espadas?

— Creio, lhe respondi, que á similhaça da nação franceza, a mania das revoluções o ha de arrojara ao campo da guerra civil, a esse campo maldicto, que priva a patria de seus filhos mais queridos. Vergonha porém aos que accendem o brandão da discordia, quando as cinzas dos que morreram ainda estão quentes; quando o lucto cobre ainda o rosto das viúvas e dos orphãos!

Mas que querem esses homens, continuou elle? repetir as luctas do povo e da realeza, que fizeram de Luiz XVI um martyr? inau-

gurar aqui o governo republicano, quando não é possível quebrar as cadeias, que nos prendem a esse passado da monarchia, sempre forte, robusto e glorioso, que fez de Portugal uma das primeiras nações da Europa?

— Se é verdade o que hoje tenho ouvido, a revolução conta com algumas cabeças que lhe tornarão facil o triumpho.

— E quem são esses miseraveis conspiradores?

— Ha entre elles almas inflammadas do mais sancto patriotismo, e que acreditam sinceramente nas promessas dos chefes; o mais não vale a pena que se lhes dê esse nome. Ávidos de dinheiro e de empregos, pensam que o estado lhes deve riquezas e poderio, uns porque andaram ali alguns mezes com as armas ao hombro, outros porque visitaram as margens do Tamisa e do Sena, em quanto nós affrontavamos nos campos de batalha as balas inimigas.

— Covardes! replicou elle.

E seguiu-se depois uma longa pausa.

Conheci que não era este ensejo para longas prácticas. Despedi-me desejando-lhe uma noite socegada e tranquillã. Negra ia porém a noite. Os mil lampeões da cidade brilhavam nas trevas, como diamantes; e o brado das sentinellas do velho castello de S. Jorge resoava na praia, triste, sombrio e lúgubre, como o canto d'uma ave d'agoiro. E quem áquellas horas visse Lisboa, recostada nas aguas do seu rio, como uma donzella pensativa e triste, sentiria um d'esses apêrtos de coração, que gelam o sangue nas veias.

Ouviram-se dez badaladas, sonoras e melancolicas.

Vêdes aquelle monumento, que se ergue no meio da cidade, como o esquite d'um morto? É a velha cathedral de Affonso Henriques. Sete seculos lhe passaram já pela cabeça. O grito d'Allah ressoou primeiro nos seus muros de pedra; mas veio depois a espada dos guerreiros de Christo, arrazando muros, assolando cidades, e decepando cabeças. E a bandeira christã se erguera triumphante no alto de suas torres. Então as suas columnas se vestiram de flores, seus altares de loiros: todos os dias vinham pregar-se-lhe nos doirados tectos bandeiras conquistadas sobre o inimigo á ponta da espada. Era um viver de glorias e de pompas, como não tem havido, nem ha de haver. Mas agora, em lugar de festas e alegres canticos, sua oração do dia e da noite é um *dies irae* sombrio, implacavel e terrivel...

A essa hora agitavam-se em roda do velho templo vultos de homens, escuros, negros, e horrendos. Um murmurio de vozes, que se interpellavam, que se interrompiam, que se enfureciam; e um tinir d'armas, que a luz dos lampeões ás vezes atraçoava...

Que singular mysterio seria aquelle?...

O sino da cathedral bateu outra vez, compassado e triste; era meia noite. Então aquelles vultos dispersaram-se á voz de um homem. E ouviu-se depois uma infernal vozeria, que espantava e atroava tudo. Batalhões armados apoderavam-se das posições mais fortes da cidade. O Terreiro do Paço via trinta mil cabeças moverem-se no seu vasto recinto, como espigas n'um campo de seâras. Uma selva de lanças e baionetas guarnecia todas as ruas.

Sabeis o que aquillo significava em phrase moderna, pomposa, suave, elegante e harmoniosa?... Uma revolução!

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

UMA VIAGEM AO FAYAL.

Fragmentos.

Continuado da pag. 20.

Pela tarde, o sol, transpondo os alcantãs das serras, desce afogueado para as bandas do mar, e vae dourar com seus ultimos reflexos os edificios da cidade.

Com os pés n'um tapete de musgo, respirando a frescura dos rochedos, e o ar balsamico das flores, a ilha parecia-me um jardim phantastico, todo luxuriante de vegetação, e recamado de mil pomos de oiro, que deslumbram a vista.....

Era n'um domingo. A natureza, que parecia ter-se esmerado além do costume, apresentava-se ainda mais risonha e prasenteira; os passarinhos, saltando e voando doidejantes d'um a outro ramo de copado arvoredado, symbolisavam a candida innocencia dos anjos, casando o seu doce trinar com os exaltados canticos dos filhos do povo. Os sinos parochias chamavam á oração, e os camponezes entravam respeitosos o atrio d'um templo. Cheguei no momento em que o padre subia ao pulpito. Era um homem de cabellos brancos e de nobre aspecto. Seu discurso tinha por objecto as vãs esperanças dos homens, que collocaram seu futuro nas cousas da terra, e que não contaram para regular sua vida com os decretos da Providencia. Lamentava a cega presumpção

da creatura, que não póde comprehender nem as causas nem os motivos dos mais simples acontecimentos; que nada sabe do passado nem do futuro.

E todavia, accrescentava elle, que é a vida para que deis tão grande importancia ás suas mais sérias vecissitudes? Que é a pobreza? A desgraça? A morte? Senão pequenos accidentes na immensidade dos seculos, que vos pertencem? Provas necessarias d'uma alma mal fortalecida pela fé, ou condições irrevogaveis da ordem universal, esses accidentes, que indignam vosso orgulho, que mortificam vossa constancia, devem concorrer talvez no plano sublime da criação ao complexo de sua maravilhosa harmonia.

As palavras do sacerdote, echoing pelas abóbadas do templo, inculciam veneração e respeito.

Continuando a minha digressão cheguei ao bello sitio dos Flamengos. — É uma d'essas paisagens ricas de fórma, de gosto, e de elegancia. São torrentes que descem das montanhas, e que mixturam seu ruído severo e majestoso ao susurro da folhagem; são mil vozes cantando os segredos da criação; é a poesia dos campos em todo o seu brilho, em toda a sua luz.

Depois de atravessar uma ponte arruinada, subi uma íngreme ladeira, para gosar d'um ponto mais elevado toda a perspectiva da scena.

Grupos de colinas em fórma de amphitheatro coroavam um pequeno mas formoso valle, e as casas brancas de neve, graciosamente dispersas, faziam realçar o verde escuro dos campos.

Frondosas ramadas enchiam de pompa este delicioso Eden, e as flores, cingindo-o do mais vivo matiz, acabavam um panorama, que seria egual mas nunca inferior a tantos outros, que traçara o pincel artistico d'um Horacio Vernet.

Descançando á sombra d'um velho castanheiro, n'uma completa abstracção d'espírito, cuidou ver em pavilhão ornado de sumptuosos relevos e ricas bordaduras, a rainha d'aquelles logares, a fada de tantos prodigios — a Natureza.

O camponez açoriano é intrepido, affavel e hospitaleiro. Como todos os povos insulanos, mede altivo a immensidade dos mares, e mui poucos são os que não trocam o socego doce e pacifico da vida campestre, ou pelo viver arriscado dos combates, ou pelos atrevidos azares da vida maritima.

Quando D. Sebastião, de infausta memoria, foi sepultar nos areaes d'África a gloria das quinaz portuguezas, acompanhava-o uma phalange de açorianos, que lá ficaram mortos ou captivos, como outros que nunca mais voltaram á patria.

O habitante dos Açores é religioso de coração. Mencionarei especialmente as festas do Espirito Sancto, que allí se celebram com grande pompa e solemnidade. Resentem-se talvez das fórmas do paganismo, mas a honestidade dos fins apaga inteiramente a singularidade dos meios.

O domingo do Espirito Sancto é, inquestionavelmente, o dia mais solemne do anno.

N'um pequeno edificio chamado o *theatro*, procede-se á eleição do *imperador* da festa, no meio de estrepitosos foguetes; as danças succedem-se ás danças; e o novo *imperador*, seguido d'uma côrte de *foliões*, dirige-se a sua casa, aonde o espera um lauto e esplendido banquete.

N'esse dia as lagrimas do pobre são enchugadas pela caridade dos ricos; fóra as muitas esmolos, que o *imperador* liberalisa, repartem-se alguns milhares de pães pelas familias necessitadas. São porém os pequenos proprietarios quem mais concorrem com seus modicos haveres para esta obra de beneficencia.

Acontece nos Açores o mesmo que em toda a parte, em que a grande propriedade se alongou pelo sólo; as classes baixas tendem a succudir o jugo que as opprime, e a elevarem-se depois pelo trabalho e pela industria a condições de maior prosperidade.

Mas é preciso que os governos auxiliem essa tendencia, aliás seria tentar o impossivel.

Assim nos Açores a propriedade do sólo pertence exclusivamente aos morgados. Os morgados são os *Lords* das ilhas.

Mollemente recostados em seus sofás, lo-cupletam-se com as fadigas do operario, cuja substancia devoram sem dó nem piedade.

Ignorando todos os processos agronomicos, e encastellados na myope vaidade de seus velhos pergaminhos, sem se importarem com as revoluções que todos os dias se operam no mundo economico, definham no abatimento, e preparam a sua ruina futura, porque o braço, que lhes cultiva a terra, irá fecundar outros terrenos na America, para onde afflue todos os annos a povoação açoriana.

Este mal carece porém de prompto remedio. E julgámos n'esta questão estar empe-

nhada a sorte de uma das mais importantes provincias portuguezas. Já alguns Deputados no Parlamento propozeram, como remedio, a obolição dos vinculos.

A cultura do tabaco seria tambem por ventura outro meio de elevado alcance, e que occuparia os braços, que a emigração nos rouba todos os annos.

Mas é tempo de deixar a minha bella ilha e de partir para o continente, até que um dia volte de novo e para sempre repousar na terra em que nasci.

Este fragmento que ahi deixo escripto, é um traço fugitivo de impressões que então lancei no papel; são folhas dispersas de dois dias da minha vida, passados alegremente em descuidoso remanço, placidos e suaves, como o raio da lua que alumia as serras do meu paiz.

E se o passado me surri ainda ao entrever as nuvens do futuro, porque não hei de eu offerecer-lhe um tributo de saudade e d'amor?

M. A. Guerra.

TYPOS POPULARES.

A REGATEIRA DE COIMBRA.

D'entre os diferentes typos, em que avulta a nossa sociedade, nenhum por certo merece ser estudado com preferencia ao da regateira da praça. De todos os typos conhecidos, a regateira é o mais saliente pelos recursos naturaes que possui, pela sua residencia constante nos logares mais publicos da cidade, e pelo mysterio em que parece envolta a sua vida complexa e contradictoria.

Mais popular que o carvoeiro da serra, de quem sempre zomba nos seus momentos de folgança, a regateira excede muito em originalidade o barbeiro das sanefas verdes. Tão versada, como este, nas leituras *rançosas* do *Carlos Magno*, tem ás vezes acalorados debates com elle sobre pontos intrincados da *Historia da Carochinha*. É n'estes momentos de enthusiasmo que a regateira desinvolve todos os seus recursos oratorios; e se nem sempre deixa convencido o seu tenaz adversario, mais de uma vez acontece, n'um improvisado digno d'um deputado da maioria, deixal-o confundido e pasmado, sem poder retorquir-lhe.

Nas crises mais melindrosas da sociedade nunca faltou a regateira. Testemunha ocular de todos os acontecimentos que se passam na rua, porque ahi é a sua casa, a regateira toma logo parte n'elles. Se é uma revolução popular

que se agita, entra irremediavelmente n'ella, e torna-se tribuno furioso. Á falta de polvora e balla, servem-lhe ás pedras da rua. A regateira apedreja os aristocratas, e fala ás turbas. Com o enthusiasmo de proletario, não lhe esquece nunca que está privada dos seus direitos politicos, e torna-se um terrivel amotinador. A regateira é essencialmente democrata, e tem pesadellos horriveis quando sonha com a sua emancipação. Não póde levar á paciencia, porque tem consciencia do que vale, que os homens lhe usurpassem todos os direitos, e reduzissem a mulher quasi á condição de escrava. A regateira é humanitaria por indole e observação; repelle com nobre orgulho uma esmola, mas quer o direito ao trabalho. Conhece a mesquinhez do salario, e por instincto acha imperfeita a philosophia do direito, que julga responsavel por todas as suas consequencias. Quer ter um talher no banquete social; condemna, sem saber, a theoria immoral de Malthus, e exige a realisacão do seu sonho doirado — a emancipação da mulher.

Por uma consequencia logica d'estes principios, a regateira é muito condoída dos males alheios. Se um *garoto* por acaso quebra a cabeça a alguem, ou se succede na praça qualquer outro desastre, ella toma logo o partido do mais fraco, apresentando contra o agressor os mais fortes argumentos de fraseologia *chula*, não esquecendo uma grande dóse de insultos, acompanhada dos mais injuriosos nomes da sua giria. Como todas as suas obrigações e cuidados se resumem em *vender na rua*, ella, substituto nato do juiz de paz, interpõe logo o seu juizo em qualquer desordem, inculca o seu valimento, e em columna cerrada com as companheiras, muitas vezes chega a espulsar do seu territorio algum turbulento, principalmente se elle é da aldéa.

Algumas vezes tambem a regateira tem furiosas altercações com as companheiras; é quando alguma se esquece do preceito democratico da egualdade, e que compra só para si algum genero, que as outras não teem; porque a regateira (sublime contradicção da sua vida!) a par dos principios que defende em theoria, costuma na practica fazer de vez em quando o seu monopolio. É interessante então ver como todas as que não entraram no negocio combatem a desgraçada, que ousou profanar os sanctos preceitos. É bello ver como esta defende com os principios da Economia Politica o contracto que ultimou. E depois, esgotadas as razões, lá se chega por fim ao insulto; vem então todos os actos licitos e illicitos de que

ellas tem noticia; não fica nada por dizer; e quando Deus quer é ainda o sócco, este terrível argumento, que vem terminar a pendencia, que o interesse offendido suscitára. É uma guerra terrível a que tem logar por estas causas. Arranham-se, mordem-se, beliscam-se, arrancam o cabello umas ás outras; dão tractos horriveis á sua victima.

Quando a questão chega a estes pontos, o *tertius luit* é o pobre administrador do concelho, a quem ellas não largam um momento, contando as suas queixas, e pedindo vingança. Algumas, as mais sabias, já não procuram a administração. Tem cabal conhecimento dos artigos da reforma judiciaria, e arranjam logo uma policia. É então o juiz de direito que tem de aturar as consequencias d'aquella pendencia, que ordinariamente termina pagando-se as custas a meio.

A regateira é essencialmente murmuradora; não lhe escapa a mais leve fragilidade humana; sabe de cór a vida de todas as raparigas da cidade; lamenta o infortunio d'uma, tem inveja da posição d'outra, e só d'uma cousa se considera feliz, — é quando á noite váe passar em colloquios amorosos, a vida que a outras tem criticado. Preguiçosa por indole, a regateira, acabados os seus entretenimentos diurnos de má lingua, váe á noite aquecer-se á chaminé, acocorada com a cabeça entre os joelhos, ou enroscar-se n'alguma esteira, por ventura de palha, mas que os tractos cazeiros transformaram em massa informe e sem nome. Companhia inseparavel da sua róca, não para fiar, mas para improvisar de trabalhadeira, por *esquecimento* imperdoavel nunca tracta de a vestir de novo; e se no fim do anno lhe virdes algumas téas, estae certos que nem um fio foi por ella arranjado: comprou-as, porque a regateira faz consistir o seu thesoiro em téas e cordões.

Nos domingos e dias de festa é que a regateira apresenta o seu luxo; é verdade que algumas vezes vel-a-heis sem meias mettida n'uns tamancos de dimensões consideraveis; mas sem o classico cordão d'ouro ao pescoço, e sem as inseparaveis argolas nas orelhas, nunca ella apparece em dias de festa.

A regateira é doida por café; café de todas as qualidades, tomado a espaços de meia, ou quando muito uma hora. Por isso tambem os botequineiros nunca dizem mal das regateiras: seria escandalisar o seu melhor freguez; e um botequineiro sabe guardar as conveniencias da sua profissão. Quem observar a regateira á tarde, ha de admirar-se ao vêr a enorme quantidade de vezes que ella leva um caneco á bóca. Dir-

se-hia que a regateira arrebeta de sêde, e haveria receio de que a sua vida terminasse por algum caso de hydropisia. Pois não é assim: o liquido que tão frequente ella sorve, é vinho, — porque para a tarde a regateira, vendo diminuido o concurso dos freguezes, é que começa a pensar na sua triste sorte, e á imitação de seus irmãos proletarios, vae esquecer na embriaguez o desgosto da sua mal aventurada posição.

A maior picardia que podiam fazer a infeliz regateira, foi mandarem-na levantar da praça ao meio dia nos domingos e dias sanctos. Darnou-se, desesperou-se, definiu, e por conselho provavel do compadre barbeiro, requereu á camara para ficar até á uma hora da tarde. É esta a hora a que finda a ultima missa na egreja de S. Thiago, e a regateira ficaria para sempre inconsolavel se a privassem do divertimento de dizer mal de todas as pessoas que saem da egreja, e lhe tirassem a garantia d'esta analyse, que é a sua vida.

Rigorosa executora do decalogo, vel-a-heis comprar por tres o que depois vende por excessivo preço; e se indagardes as medidas pelas quaes compra, vereis que são muito maiores que aquellas por que vende. Enthusiasta do sublime, a regateira applaude com frenesi uma farça de cordel, representada *sem-saboricamente*; e, se lhe perguntardes do que mais gostou, se do drama ou da farça, responder-vos-ha innocentemente que d'esta, porque se riu, e não teve ataques de sensibilidade.

A regateira é habitante forçado dos mais immundos bêccos da cidade. Pela proximidade em que fica da praça, o Romal é quasi exclusivamente o bairro da sua habitação. Da praça ao Romal vão dois passos; e a regateira póde assim, sem risco de cafr, transportar para casa a tenda, que ao romper do dia vae logo outra vez collocar no seu logar. É por isso que a regateira é hoje opposição. Ha o projecto de fazer uma praça regular em Sancta Cruz, e a regateira tem muito amor ao seu ninho para gostar d'estas innovações.

A regateira morre como viveu. Esses pequenos haveres, fructo das suas economias, consomem-lh'os a usura do boticario, e as multiplicadas visitas do medico. Miseria na vida, miseria ainda na morte. Entre quatro paredes d'um escuro sotão deixa a existencia este ser incomprehensivel e mysterioso, que só tem por mortalha uns farrapos, que a caridade lhe ministra, e por oração as pragas das victimas da sua terrível maledicencia.

ESTUDOS HISTORICOS.

INTRODUCCÃO.

Quando se observam á luz da philosophia os caracteres fundamentaes da civilisação, o espirito concentra-se n'uma abstracção mystica, para descobrir o genio do progresso, seguindo a humanidade nas suas evoluções successivas no tempo e no espaço. Ávido de sciencia, como ebrio d'orgulho, impellido por um desejo ardente de conhecer, o homem pretende descobrir o principio latente, d'onde procedem os complicados phenomenos do mundo moral, sensivelmente revelados na marcha incessante do espirito humano, evidentemente realisados no espantoso melhoramento da sociedade moderna.

O homem aspira a conhecer tudo sem tentar explicar essa aspiração, porque a sua razão de ser, existe, como diz Pelletan, no facto de querer, e tanto basta.

Achando-se no mundo sem outra causa mais do que a propria existencia, pretende conhecer o laço mysterioso que o prende aos seres e a lei suprema do seu destino.

Colocado entre um passado aterrador e um futuro nebuloso, de que apenas começa a levantar-se uma orla; vacillante no meio do vertiginoso tumultuar d'uma epocha de transição, lança-se no campo da historia, evocando as sombras que vaguêam por entre as ruinas das velhas sociedades.

Pretende interrogar as gerações, que passaram, e achar no pó dos tumulos o verbo do passado; e a habitação dos mortos responde-lhe com o silencio do nada! Contristado pela mudez pertinaz dos tumulos, interroga a historia, como testamento unico das gerações passadas. Devora em silencio a chronica dos povos que se sumiram no meio dos cataclysmos, fugitivos como o relampago, e que cederam o passo ao espirito do futuro, encarado, como verbo regenerador, n'esse Protheu de mil formas, chamado progresso. Tomando a civilisação no berço do genero humano, segue—a passo a passo por entre as magestosas ruinas dos imperios collossaes, que dominaram o mundo, e de que apenas resta uma pagina de historia. Incaçavel Ashaverus, caminha sempre até descobrir a formula unica e progressiva, o principio eterno immutavel, permanente, o centro da acção, donde partem os raios luminosos da intelligencia. Esse principio é o progresso; lei constante é geral no portentoso caminhar da humanidade.

A sociedade, reflectindo o homem, este resumindo-a, seguem os mesmos periodos na existencia, passam pelas mesmas alternativas, até cumprirem a sua missão providencial na grande obra do progresso.

Cada geração é destinada a realizar no espaço e no tempo uma parte do principio superior que domina a humanidade—cada sociedade é o resultado do progresso anterior, e o instrumento providencial d'uma nova idéa. As nações succedem-se como legatarias d'uma herança social, adquirida á custa de gloriosos e pungentes sacrificios. Assim a Grecia é um resumo dos progressos anteriores; a successora da Persia, da India, e do Egypto. Roma, concentra os progressos do mundo antigo, e é como um abysmo lançado entre o mundo pagão e a civilisação moderna.

As sociedades reflectem sempre um principio, que as anima, que lhes dá uma individualidade na historia, para não morrerem sob o peso da impotencia e nullidade.

As sociedades sem principio, que não obedecem a uma idéa, desapparecem da terra, sem que a humanidade se recorde da sua existencia inerte e sem vida moral.

Estudar a historia das sociedades é seguir o desinvolvimento do progresso através das gerações que se succedem na realisação da grande obra humanitaria.

Observar como a lei suprema do mundo moral, como o verbo do progresso se fez carne, eis em ultima analyse a missão da historia. Lei immutavel, idéa absoluta e eterna, como a intelligencia que lhe serve de typo, o progresso não tem termo, é infinito como Deus. Traçar-lhe um limite, seria negal-o; suppôr-lhe um termo, seria o suicidio da intelligencia.

Cada sociedade, sendo o representante finito d'uma idéa infinita, cumpre a sua missão de iniciadora d'um novo progresso, e baixa ao pó dos tumulos, cedendo o logar a uma idéa nova.

Cumprido o fim, a existencia cessa, á falta d'uma razão, que a justifique; e uma nova geração vem tomar o logar que lhe compete na conquista gloriosa d'uma formula superior, e que mais se aproxime do ideal, apresentando á humanidade como uma luva de desafio, que apparece tanto mais longe, quanto mais rapido é o seu caminhar.

É esta a marcha social; foi esta a missão das sociedades passadas; é esta a missão da sociedade presente, como será a de todas as sociedades futuras.

Mas o passado será para nós apenas um

facto que existiu, e sem alcance no presente? Os nomes de Cesar, Attila, Tamerlão e Bonaparte, serão apenas phantasmas que vagueiam no campo da historia? Serão apenas recordações, vazias de interesse, sem resultado no presente?

— Será tudo passageiro na historia? A inscrição do seu templo será a decadência e o nada? Não o cremos, porque a historia não é a lenda grosseira e material dos factos — é mais: é o reflexo d'uma luz immutavel, da realisação do destino providencial, da aproximação do homem para o ideal da perfeição; é a evolução de Deus na humanidade. É certo que o Egypto, a Persia, a Grecia e Roma fogem deante de nós como sombras; os imperios devastados e mudos, as instituições esquecidas erram no espaço, como astros que fulgiram successivamente; mas as sombras de todas essas sociedades levantam-se para apparecerem no tribunal da historia, deante do juiz implacavel da philosophia.

— Acima da dissolução profunda de todos os seres, acima do involucro material e pulverulento de que se compõe o homem e as sociedades, existe um *quid* inalteravel e incorruptivel, immortal e immaterial, que revive sempre, e que sobrenada á superficie da hecatombe de todas as gerações.

— Acima d'estas fragilidades está a essencia, que anima sem se esgotar, porque é infinita como o seu auctor. A razão universal, esse principio impessoal, que é Deus na essencia, acompanha successivamente a humanidade de geração em geração, transmittindo-se, puro como a sua origem, a todas as sociedades e a todos os homens.

— Existindo virtualmente em cada individuo como em cada sociedade, segue sempre o seu desinvolvimento progressivo, a sua realisação fatal e necessaria através dos obstaculos imperiosos das circumstancias exteriores, que podem suspendel-o, mas que jamais poderão aniquilar a sua acção. Transmittido ao homem pela intelligencia, é a alampada suspensa no espaço por um elo que prende na divindade.

— Os factos não são mais do que o resultado da acção constante d'esse principio; a realisação sensivel dos planos da providencia; um degrau levantado no portico gigante do templo, cuja inscrição será *Deus e humanidade*, fundindo e reflectindo n'um brilhante complexo a unidade fundamental da essencia. A

— Herder — *Idées sur la phil. de l'hist.*
— A. Esquiros — *La vie future.*

— harmonia d'esses factos com o principio, é a ordem; o contrario é o mal, a deslocação dos elementos fundamentaes da organização humana — é a anomalia, a inversão da ordem natural, como diz Altmeyer.

— Embora exista o mal, como um facto incontestavel, não cremos, como Pierre Leroux, que seja fatal, inherente ao homem; antes cremos que procede unicamente da inversão primitiva do bem, originada pela ignorancia infantil das sociedades primarias, e que tende a aniquilar-se pelo progresso do bem.

— Assim a historia não é mais do que a revelação do espirito divino ao homem e á humanidade.

— Realisar esse principio livre e plenamente no espaço e no tempo, eis a missão d'ambos — observar o modo como a emersão do principio se realisou, eis a missão do philosopho historiador.

— Mas o homem será um instrumento cego nas mãos da Providencia, para a grande obra da civilisação?

— Não o cremos, porque teriamos de concluir pela negação do livre arbitrio.

— Embora a historia seja o espirito universal na sua effectividade completa, o homem, a quem cumpre realisar-o, é livre e espontaneo; o contrario seria negar á historia o direito de julgar o representante de uma idéa. — A humanidade é submettida a leis constantes, mas nunca fataes, porque obrigam sem coacção. As sociedades então representam uma historia, uma idéa exclusiva, como preparação para outra formula mais perfeita.

— Uma idéa só apparece no mundo por uma vez, n'um momento dado; a epocha d'um povo é passageira e rapida, como a transformação dos principios secundarios, filhos do principio geral — a *razão universal*.

— O progresso, por consequencia, não é mais do que a victoria d'um principio novo succedendo a uma idéa caduca e sem vida; a civilisação não tem sido mais do que um esforço gigante, uma lucta vigorosa e sangrenta contra os preconceitos, contra os interesses, que a nova idéa não sanctifica.

— Quando se estuda a vida social das gerações, que jazem no pó, e se lança a vista para o caminhar lento e vagaroso da civilisação, é impossivel deixar de verter uma lagrima sobre as cinzas dos martyres que exhalaram

— Altmeyer — *Phil. de l'Hist. de l'humanité.*

— Hegel *Phil. de l'hist. Ott.*

— Buchez *Introd. à la science de l'hist.*

o derradeiro suspiro, sem que affrouxasse a crença nas suas aspirações grandiosas, e crearam no progresso como o credo vivo do genero humano. O sangue é quasi sempre o baptismo regenerador das idéas, a iniciação de um novo progresso, a data d'uma civilisação.

Os interesses d'uma sociedade não são compensados nunca pelos novos principios, dizia João Jacques Rousseau. É por isso que o progresso no seu lento caminhar tem achado obstáculos, que teriam aniquilado a sua acção, quando fosse possível vencer uma idéa generosa e justa. É por isso que o primeiro ecco de reforma tem sido em todos os tempos abafado com o sangue dos apóstolos no cadafalso ou na fogueira.

As idéas novas são sempre a aniquilação d'outra idéa, e a sociedade, que ou não a comprehende, ou a escarnece, obriga Socrates a beber a cicuta, bate as palmas com entusiasmo frenetico e satanico em volta das fogueiras de João Huss, Jeronimo de Praga, Giordano Bruno. Mas o sangue d'esses martyres não mata a idéa, que é immortal; e o Concilio de Constança não previa que das cinzas ainda tepidas de João Huss renasceria a revolução grandiosa, que devia mais tarde, á voz gigantesca de Luthero, arvorar o estandarte da liberdade em frente das pretensões injustas do passado, e lançar os cimentos d'uma epocha nova.

Mas essa lucta gigante e nunca interrompida; esse esforço potente d'uma geração destinada a representar uma idéa, resume-se n'uma individualidade syntetica, representando o espirito social, a razão impessoal, por uma especie d'incarnação mystica. Os grandes homens exprimem a substancialidade do espirito na forma subjectiva, são por assim dizer, o *eu* pensante, cujo corpo existe na massa geral da humanidade.

No meio dos grandes abalos sociaes, quando as nações se revolvem pelos cimentos, ar-

rastando comsigo idéas, instituições e costumes, insurgindo-se tremendas contra a impotencia d'um principio condemnado pelas novas tendencias; quando a humanidade, agitada e impellida por uma séde devorante de mudança e progresso, pretende erguer-se como um gigante para derrocar velhos preconceitos; quando essa aspiração para o futuro rebôa como um ecco tremendo e sinistro até ás ultimas camadas, fazendo estremecer o coração dos opprimidos; quando finalmente esse ecco longinquo se tornou um brado em nome d'uma idéa, no meio d'esse tumultuoso acordar da prostração moral, ergue-se sempre um vulto superior, que se impõe magestoso ás turbas, como o verbo, que retumba na multidão. É a alma do movimento; é o pensamento de muitas intelligencias; é a vontade de muitos homens, impondo-se em nome de uma idéa commum. A multidão segue-o fascinada, atrahida por um impulso magico, arrastada pela força intima, que o domina.

O que é então que possui de sobrenatural esse homem? Que extraordinario poder é o seu, que pôde subjugar a força de milhares de homens, quando um só d'elles poderia aniquilal-o?

É que esse homem possui a *alma do movimento* — é o mandatario da Providencia, é o apóstolo d'uma idéa, que as turbas presentem indefinida e vagamente, mas que elle só pôde definir e explicar.

Esse homem é a synthese d'uma sociedade, que pensa pelo seu pensamento, que vive da sua vida, que quer pelo seu querer, que lhe põe na frente o sello do propheta, annunciando a ruina da velha Jericó.

Esse vulto sobranceiro, que domina pela palavra concisa e pelo movimento calculado; que traduz, no mover convulsivo dos labios contraídos, toda a energia de pensamento que o domina, — que deixa trasluzir n'um volver d'olhos, rapido e fuzilante, o fanatismo de uma crença, esse genio, então, symbolisa a magestade d'uma civilisação nascente, e hastêa a bandeira immortal do progresso nas ruinas da sociedade, que se esborôa em volta do seu pendão, para dar logar ao novo edificio social. Esse homem então é o genio da providencia, encarnado na personalidade humana.

O laço mysterioso e providencial, que liga essas individualidades, succedendo-se na vasta *necropole* humana a que chamam historia, revela-nos a marcha do progresso das sociedades, e as causas das revoluções humanas,

Não podemos aqui dar um completo desinvolvimento ás idéas que professamos sobre philosophia da historia, se bem que deixemos entrever o systema, que seguimos, e que servirá de baze á continuação d'estes *Estudos*.

Nem se estranhe a phraseologia philosophica em que não achamos as grandes difficuldades, que costumam horrorisar os *inimigos das abstracções*.

Depois do que ultimamente se tem escripto em França sobre philosophia, não é dado ignorar estes termos que s'esclarecem com uma pouca de reflexão. A leitura d'Wilm, Prevost, e Remusat seria talvez bastante para desvanecer o medo, que muita gente mesmo esclarecida, confessa ás obras dos philosophos d'além do Rheno.

selladas quasi sempre com o sangue dos martyres.

Estudar o genio dos reformadores, é estudar a historia da humanidade — a synthese em vez da analyse. Interrogar esses martyres do progresso; evocar do tumulto as sombras venerandas dos precursores de uma epocha nova, é um dever da posteridade, que se curva reverente diante das sinzas dos apóstolos, que não venderam por um prato de lentilhas o mandato divino, de que se achavam revestidos; que entre a vida e a morte escolheram o martyrio, preparação da immortalidade.

Embora o cinzel do artista não tenha escripto no marmore a epopêa de muitos heróes; embora as chronicas não tenham muitas vezes repetido o nome de alguns; embora os grandes do mundo não vejam n'esses vultos historicos mais do que um nome sem sentido, a historia democratica e verdadeiramente social traçará indelevelmente os seus nomes, e levantará da esquecida valla dos plebeos muitos gigantes na obra do progresso. A historia hoje é philosophica e social: tende a investigar a idéa — os nomes são apenas signaes.

É sem duvida uma das maiores glorias do seculo o ter dado á historia o seu verdadeiro character social — explicar o progresso, a aproximação da humanidade para Deus, traçar o drama sanguinolento da civilisação, embora os auctores se chamem Spartacus ou Cesar, Jacques Bonhome ou Luthero, Robespierre ou Napoleão. As estatuas e os obeliscos sumptuosos, erguidos ao genio da devastação e do crime; os mausoléos em que se occultam as cinzas dos carrascos humanitarios, dos barbaros da emancipação social começam a desmorronar-se, para dar logar á lousa modesta e simples dos martyres obscuros, que iniciaram a humanidade no austero sacerdocio da intelligencia e do progresso. A verdadeira historia segue a idéa aonde ella se encontra — é a historia philosophica, estudada nos seus representantes. É a unica verdadeira e possivel n'um seculo essencialmente democratico, tendendo a derribar as ultimas barreiras impostas á intelligencia e á acção — é a historia para o povo, a historia racional do martyrologio humano, em que o passado apparece negro e funebre, sacudindovigorosamente o jugo da tyrannia da força, e aspirando sempre á realização do ideal do progresso.

J. C. Harcourt.

RECORDAÇÃO.

A um amigo¹

I.

A ti mais, do que a ninguem, devo eu dedicar esta lembrança íntima do meu coração, assim como em nossos colloquios d'amidade te dei parte dos meus puros affectos.

Só tu conheceste o meu soffrer, só tu quizeste dar-lhe o lenetivo unico, forçando prender-me á vida pelo derradeiro élo d'esperança, que me restava ainda; por isso quero votarte a descripção d'esse canto sentido da minha lyra magoada, essas paginas sagradas da minha vida, esse alvorecer brilhante d'esperanças, esse radiar constante de mil estrellas d'amor.

Como louco, poderiam talvez stygmatisar-me os homens, se devassassem meus occultos segredos; mas estas linhas d'amor e sentimento nunca serão comprehendidas por elles: só tu as poderias dar em pasto ao scepticismo brutal das nossas éras; é este porém o segredo da minha alma, e tu... tu nunca soubeste atraíçoar.

II.

N'esta quadra viçosa da idade, em que o coração dicta a lei, e a intelligencia se curva diante das paixões, tive eu a aspiração grandiosa d'encontrar pelas carreiras do mundo, um ente em que reflectisse todo o meu amor imaginario.

Era uma noite formosa de verão, em que o perfume dos bosques, o rolar manso das agoas, o hymno do cantor das noites, formavam um cantico d'amor, era uma d'essas noites que ficam impressas na memoria, como um sonhar do paraíso; era uma noite, que o Rei do mundo tinha mandado á terra para marcar o meu destino.

Tinham decorrido duas horas depois do occaso do sol; a face da lua ostentava-se radiante, trilhando manso e manso a sua estrada d'azul, reflectindo melancolica, ora na extensão das agoas, ora na solidão das campinas; era o mundo bonançoso esocegado, como deve de ser o sorriso dos anjos; silencio d'encanto, que o homem admira, fitando os céos, como querendo penetrar até ao throno do Eterno; silencio

¹ Thomaz A. Ribeiro.

interrompido apenas pelo canto das aves nocturnas; era o momento de meditação profunda, em que o homem não sabe o que deseja, em que as estrellas do ceu; reunidas todas, lhe parecem descrever o sonho encantado do mancebo, o fulgurar brilhante dos seus pensamentos amorosos, o luzir fagueiro das suas illuzões—a mulher!

Quem me diria, meu Deus, que um instante depois estaria julgado o meu porvir?!...

III.

Um clarão se levantou das orlas do horisonte; ante essa facha de fogo fugiram as estrellas trémulas, e esconderam-se.

Era um anjo, que descendo do céu, vinha com sua luz cegar-me na terra; era um propheta de Deus, que vaticinava á minha alma um eterno amor; aspiração divina, que mal posso descrever!... Negras eram as vestes que trajava, como negros os cabellos que sobre o collo lhe pendiam; seus olhos aveludados scintillavam, como devêra de brilhar a luz ao sair das mãos de Deus nas horas da criação; sua pallida fronte tinha o sello da sublimidade e do mysterio.

Loucura, capricho, vaidade, amei com todo o vigor do meu potente sentir.

IV.

A liberdade do homem, tu o sabes, não é mais do que um sonho chimerico, para os sentimentos do coração; homem livre, teria despedaçado as algemas que ameaçavam apertar-me os pulsos; escravo, curvei-me deante do meu senhor na terra, e só pude supplicar-lhe a esmola compassiva d'um suspiro amoroso.

Mas o anjo surriu e calou.

Um ramo d'arvore murcho e secco veio cair-me aos pés, e eu estremeci, porque o accreditei o symbolo do meu porvir vazio de toda a esperança. Já tinham sido verdes aquellas folhas, como viçosas as minhas aspirações; eram agora murchas e desfeitas como a minha derradeira esperança.

E eu fiquei só, e d'aquelle anjo só me restará a imagem gravada no coração.

E eu quizera morrer então, porque sem ella me seria a vida um cahos, porque um futuro indefinido e vago me atterrava, porque vale mais ver desabar a existencia sobre um tumulo, do que sentir estalar o coração aos pés de uma mulher.

Depois affugentei aquella idéa, como se fôra um sonho mas era a morte somente o meu pensar de cada dia; mas os tempos voltavam, e eu vivia, apenas. . . .

V.

Só quem tem supportado terriveis dores moraes, é que pôde comprehender todo o refrigerio sublime da idéa de Deus! A religião em meu conforto fallava-me d'uma paz eterna; a esperança de tornar a encontrar no céu o anjo da minha guarda, era para mim um balmão consolador; o dormir aos seus pés um sono eterno, a minha ultima esperança.

Os umbraes da eternidade eram para mim um apogêo de gloria; os mysterios que não comprehendia, cria-os com a fé viva dos martyres; a morte não era para mim, como para Byron, o anniquilamento, e o nada, — era a barreira que me separava d'um ente idolatrado, era o caminho de Deus.

E eu cri e orei, e a Joelhei constricto, e trouxe resignado o calix da amargura; mas não quiz Deus guardar para a mansão dos justos a recompensa da minha crença viva; o anjo que havia fugido, appareceu, surgiu de novo: só fugira para dar força á minha crença quasi morta, para salvar a minha alma, que talvez se perdêra.

E fulgiu, e brilhou de novo, e por elle me avultariam crenças, se crenças me faltassem ainda; e nos seus olhos leria Deus, se o não tivera lido na extensão dos ceus.

VI.

E agora estas lagrimas d'amor, que me vem do coração, que te offereço repassadas d'um sentimento profundo, guarda-as, bem guardadas, dentro da tua alma; e se algum dia souberes, que aquelle anjo quer deixar-me na terra sózinho, dize-lhe, que me arranque a existencia, que sem ella é um peso inutil para mim; e que por eu não poder dar-lhe um digno presente, que não regeite ao menos a minha vida, pobre feudo que todo lhe consagro.

Dize-lhe, que Deus não creou dous amores eguaes ao meu: se assim fôra ser-lhe-hia o mundo um carcere limitado; e duas affeições indenticas, é pequeno o pensamento do homem, para que possa comprehendel-as.

F. Soares Franco Junior.

«Abaixo publicamos uma dissertação do nosso collega e amigo Santos e Silva, que nos foi dirigida pelo sr. Jeronymo José de Mello.

O illustre Professor de Physiologia, accusando a recepção d'uma carta que lhe haviamos dirigido, convidando-o a coadjuvar-nos n'esta nossa empresa litteraria, promette-nos a sua cooperação, e saúda com expressões tão benevolas e lisongeiças a apparição da REVISTA, que não nos podemos furtar ao desejo de as reproduzir aqui.

«Inspira-me confiança este 1.º numero. Não serci indifferente ao muito honroso convite, que a modestia da Redacção dictou. Em quanto não puder offerecer cabedal proprio, remetto esse da collecção por mim feita das melhores dissertações de meus alumnos, lembrado do valor e significação que n'um jornal academico devem de alcançar as distinctas produções dos filhos da Academia. A publicação d'ellas fará honra aos seus auctores, emulação nobre aos seus collegas, e gloria ao estabelecimento, em que são educados e instruidos.»

PHYSIOLOGIA.

Existem differenças caracteristicas entre vegetaes e animaes, ainda mesmo nas especies inferiores d'um e outro reino?

I.

Se ouvirmos Leibnitz predizendo nas suas inspirações philosophias, a apparição do polypo, colheriamos do entõno dogmatisante, a que arrasta o fanático convencimento d'uma doutrina, uma cadêa de proposições, em que está magistralmente sentencçada parte do ponto doutrinal, que discutimos.

«O homem prende nos outros animaes; os animaes prendem nas plantas; as plantas prendem nos fosseis. A lei de continuidade exige que todos os entes naturaes não formem senão uma cadêa em que as differentes classes, a modo d'outros tantos anneis, prendam tão estreitamente umas nas outras, que seja impossivel fixar com precisão o ponto em que qualquer d'ellas começa ou acaba; visto que todas as especies, que se col-

«locam nas regiões chamadas d'inflexão, são equivocas, e dotadas de caracteres, que igualmente pertencem ás suas vizinhas. D'este modo a existencia dos Zoophytos, ou animaes plantas, não só nada tem de monstruoso, mas é conveniente á ordem da natureza.»

O principio de continuidade tinha de tal arte fanatisado o espirito do philosopho, que admittia, por intima convicção, a existencia necessaria d'entes, que em relação a certas qualidades importantes, v. g. a nutrição e multiplicação, tanto podessem ser chamados animaes como vegetaes; individuos que derrocariam pela base a pretendida separação, perfeita e absoluta, das differentes ordens de seres que povoam o universo.

E' que Leibnitz, perscrutando audaciosamente os mysterios da natureza, e voando depois, nas azas da intelligencia ás sublimes regiões da metaphysica, esforçara-se, com a tenacidade que se funda na consciencia do proprio merito, por descubrir as leis immutaveis e constantes, com que a mão da Providencia sellara os productos da sua maravilhosa criação.

E' que o philosopho da Allamanha, presentindo a tendência irresistivel do espirito humano para o progresso indefinito da sciencia, preconisára o principio universal da unidade e simplicidade, como padrão glorioso, em que quizera registrar as lides afonosas do pensamento.

Assim como para o philosopho, que se embrenha hoje nos escusos arcanos das sciencias moraes, desaparece a contradição apparente entre a these e antithese; assim como a synthese é o laço harmonico que lhe explica a existencia da variedade na unidade; assim fôra revelado a Leibnitz, que a unidade e simplicidade são os traços essenciaes do quadro, em que se moldam os phenomenos do mundo material.

A natureza porém, que zomba muitas vezes dos trabalhos momentosos, em que o homem se contorse nos mesquinhos recursos da sua existencia finita, nem sempre se presta a demonstrar na materia, o que o homem concebêra no espirito.

O prurido insoffrivel dos methodos e sistemas aniquila-se, quazi sempre, em presença dos argumentos invenciveis dos factos; e as theorias que succedem constantemente ás theorias, chegam a introduzir, senão o cahos, pelo menos a anarchia nos campos da sciencia e da rasão.

II.

O precursor da descoberta do polypo foi contudo justificado, nas suas predicções, pelos fructuosos estudos de Trembley.

Bonnet, ferido vivamente pelo feliz *inveni* de Trembley, quiz logo transformar, n'uma escala real e material, as concepções metaphysicas de Leibnitz. Os sêres foram todos dispostos em uma linha unica, e por toda a parte continua, partindo do mais simples para o mais complicado, do mineral para o vegetal, do vegetal para o animal, e d'estes para o homem, como o ponto culminante da escala ascendente.

O principio do celebre naturalista — *natura non facit saltus* — foi levado ás extremas consequencias; em quanto que a velha theoria dos saltos, das interrupções, dos hiatos, foi vigorosamente anathematisada.

Se os principios expostos tivessem o cunho material da verdade; se a anatomia comparada não fizera progressos espantosos, desde Cuvier até Erhemberg, teriamos resolvido uma parte do nosso problema, negando a separação real entre animaes inferiores, e vegetaes inferiores, e affirmando mesmo pertinazmente a impossibilidade d'uma linha divisoria. Á outra parte da questão seria facil responder — que ninguem nos contestaria a distincção característica antre um animal superior, e um vegetal superior.

São duas as idéas principaes sobre que assenta o edificio theorico de Bonnet. A primeira é que os sêres não formam senão uma unica linha. A segunda é que esta linha é por toda a parte continua.

O estudo anatomico do sistema nervoso; os dados que nos ministra a mysteriosa trigonia da innervação, respiração, e circulação; as idéas que temos sobre secreções, são armas poderosas contra o primeiro theorema de Bonet. Em lugar d'um desvio gradual, vemos fazer-se a gradação, ora por uma ordem organica, ora por outra. E segundo consideramos uma ou outra ordem d'órgãos e funcções, assim tambem o individuo pôde collocar-se, n'um ponto mais alto ou mais baixo da escala.

O segundo theorema, a continuidade, tambem se não estêa em base mais solidamente cimentada. O illustre naturalista chama ao polypo a passagem do reino vegetal para o animal. Se nos restringiramos aqui só á consideração da simplicidade d'estructura, diriamos que o polypo é um dos individuos ani-

maes, que mais se approxima das plantas. Mas se nos quizerem dizer, que o polypo é uma especie media, equivocada, metade animal, metade vegetal, redarguiremos que o polypo é somente um animal, que sente, que se move, come, e digere; e que a sua reproducção, identica com a das plantas se encontra tambem nos individuos, cujo caracter exclusivo d'animalidade nunca foi seriamente contestado. Apresentamos o exemplo das lombrigas.

Temos por tanto concluido, que as idéas de Bonnet são deficientes: este philosopho contemplou mais que dissecou.

III.

Blainville, com as suas definições de vegetal e animal, parece á primeira vista elucidar vantajosamente a questão. Infelizmente, os unicos dous caracteres positivos, que apresenta a definição de vegetal, não são exclusivamente do dominio das plantas; porque ha individuos d'este reino, que exhalando constantemente ammoniaco, contêm azote em predomínio, em quanto que por outro lado ha animaes, em que se não pôde verificar o predomínio do azote sobre o carbonio. O caracter de ser complexo, attribuido aos vegetaes, é tambem commum aos polypos.

Vejamos agora como os outros caracteres, negativos para as plantas, e positivos para os animaes, tambem nos não dão uma verdadeira distincção.

A existencia de cavidade digestiva nos animaes, a sua ausencia nas plantas, fôra para Cuvier, Recherand, Blainville, o caracter essencial para a separação dos individuos dos dous reinos. E se nós o poderamos virificar nas esponjas, e nos spermatozoários, individuos que em nada se assemelham ás plantas, teriamos achado uma solução para o nostro problema, solução que teria o caracter affirmativo.

Mas Ehremberg abdicou a sua omnipotencia microscopica em presença dos individuos que citámos.

O caracter tirado da existencia de fibras nervosas é tambem fallivel; porque individuos ha, que consideramos animaes, v. g. muitos polypos, em que nunca se encontraram as ditas fibras. E respeitando nós muito a opinião de Muller, fundada n'uma inducção, entendemos todavia, que só a demonstração directa da existencia d'um caracter material nos poderá servir de guia, n'uma questão tão momentosa.

Pelo que respeita á sensibilidade, pouco

mais nos alumia ella n'um ponto tão controvertido no campo da physiologia. A difficuldade, que tem o homem de não poder julgar da sensibilidade senão em si, e nas especies animaes, que mais d'elle se approximam, é um grave obstaculo, para que se possa servir com vantagem do character em questão. Negando nós a sensibilidade ás plantas, porque lhe negamos systema nervoso, a despeito das pretensões exageradas de Dutrochet, também não podemos concedel-a a certos individuos, que, considerados animaes, não apresentam todavia este systema, e parecem irresistivelmente arrastados, a modo dos vegetaes, áquellas relações exteriores, que começam a nutrição e reproducção d'estes seres.

Para completarmos a analyse critica da definição de Blainville resta-nos considerar o character da motilidade. Se entendermos por motilidade a faculdade que um ente tem de se mover, e transportar em massa d'um para outro lugar, se a consideráramos como character exclusivo d'animalidade, riscariamos do catalogo de animaes muitos individuos considerados como taes, em razão d'outros muitos caracteres, não obstante nascerem, viverem, e morrerem no mesmo lugar.

Mas a motilidade na nossa questão diz respeito somente aos movimentos parciaes. E segundo Dujardin estes movimentos encontram-se em todo o reino animal, ainda mesmo nas esponjas. Dirijámos agora o nosso estudo sobre a vida das plantas; e sem ser preciso que nos embrenhemos n'uma lucta porfiosa, depararemos com phenomenos, que, pela sua analogia, farão perder á motilidade o prestigio de character exclusivo d'animalidade. Sirvam-nos de exemplo os movimentos da sensitiva da *dionæa muscipula*; os de certas plantas, que fecham suas folhas á approximação d'um insecto; os órgãos sexuaes dos vegetaes, allegoricamente designados por Linneu, sob o titulo gracioso de casamento das plantas.

Alguem ha, que tem querido constituir differença na natureza do movimento, e discriminar entre irritabilidade vegetal e animal; não obstante as experiencias de Macario Princep, que mostram a destruição, pelo veneno, d'uma e outra irritabilidade.

A explicação dada por Dutrochet sobre a direcção dos caules para a luz; as suas memórias sobre o mecanismo do movimento das sensitivas, e sobre o somno e vigilia das plantas, legariam á sciencia uma theoria utilissima, se as suas idéas podessem ser confirma-

das, e não fossem antes contestadas por philosophos de nome respeitavel.

Lamarck, fallando da irritabilidade nos animaes, considera-a como o character mais constante da animalidade, superior ao da faculdade de sentir, do movimento voluntario, e da digestão. O movimento nos animaes renova-se tantas vezes, quantos são os contactos d'um estimulo sobre uma parte irritavel. Outro tanto não acontece ás plantas, que precisam sempre d'um certo tempo para que seus órgãos possam responder de novo aos estimulos. Lamarck tinha descoberto a pedra philosophal n'esta questão physiologica se a natureza caprichando quasi sempre em burlar as tendencias do genio do homem para tudo methodisar, nos não exhibisse, no reino vegetal, movimentos identicos aos de muitos animaes. Trentepohl estudando a *conferva dilatata*, Treviranus observando a *conferva limosa*. Paul Laurent, dirigindo os seus trabalhos sobre os granulos elementares das plantas, contam-nos movimentos de locomoção, semelhantes aos que caracterisam os animaes.

IV.

De tudo o que temos arazoado, e do que pudemos acrescentar, em harmonia com as idéas que por ahí deixamos expostas, só é logica a seguinte conclusão: — em vez de caracteres que nos marquem uma separação entre vegetaes e animaes, os individuos d'um e outro reino confundem-se pelo contrario nas suas especies, as menos desinvolidas, ou antes as mais simples.

Em apoio d'esta doutrina appellamos para as controversias sobre a esponja e outros seres. Dujardin colloca-as nos animaes, porque vê n'ellas movimentos alternados de contracção e dilatação, muito embora as suas vesiculas, onde se passam estes movimentos, encerrrem uma materia verde, analoga á dos vegetaes. Hog quer que as esponjas sejam vegetaes, por que a materia verde se desinvolve n'ellas pela acção da luz, e por outras razões que omittimos. Em resposta a Hog dar-lhe-hemos para estudar o *euglena viridis*, infusorio incontestado, que contém a materia verde, e que desinvolve o oxigenio, sob a influencia da luz.

Muitos naturalistas, querendo a todo o transe terminar as questões zoologicas ácerca da collocação de certos individuos neste ou n'aquelle reino, soccorreram-se a um alvitre, que está bem longe de solver um problema tão embaraçoso das sciencias naturaes. Phantasia-

ram um reino intermediario ás plantas e aos animaes, denominado planti-animal, ou vegetal-animal. É mais logico olharmos este recurso como uma ingenua confissão official, do atrazo em que estão e estarão por muito tempo, certos pontos, antes mysterios, de tão vasta sciencia da natureza.

Se é facto que os animaes e vegetaes se confundem, como já dissemos, n'alguns caracteres, que lhes são communs, está bem longe esta verdade de sancionar os desejos de Buffon e de Bonnet, quando admittem a escala gradual dos seres; porque n'este caso, era preciso que o vegetal mais perfeito se confundisse com o mais simples animal. O que aliás parece incontestavel, é que os dous reinos, depois de terem partido d'um ponto commum, vão sempre divergindo, á proporção que a sua organisação se vae complicando.

V.

Se lançarmos mão d'um animal e d'um vegetal, ambos eles n'um grau adiantado de desinvolvimento, será facil achar caracteres bem profundos, bem importantes, bem essenciaes, que os distingam. Enumerêmos alguns dos principaes.

Os vegetaes em contacto com a luz solar absorvem ainda carbónico, e exalam oxigenio. Os animaes, independentemente da luz solar, absorvem oxigenio, e exalam acido carbonico. A circulação dos liquidos nutritivos nos vegetaes, é principalmente influenciada pela acção da luz e calor, sobre os vasos. Os liquidos nutritivos nos animaes movem-se pela acção d'um ou mais corações, órgãos contracteis. O vegetal é um laboratorio, onde se preparam as substancias alimentares animaes; todas as que elle assimila são anorganicas; qualquer adubo, que se lança á terra, é primeiramente reduzido á cathegoria anorganica, para que possa ser assimilado. O animal, pelo contrario, não assimila senão materia organica, com raras excepções.

Alóra estes caracteres, outros ha, que marcam tambem differentes characteristics entre os individuos, que actualmente estamos estudando. Nas plantas existe a tendencia á expansão peripherica; os animaes concentram-se em si mesmos. As plantas têm no exterior os seus mais importantes órgãos, v. g. folhas, flores, e fructos; o contrario acontece aos animaes: lá estão os pulmões, o cerebro, o coração, que attestam uma verdade de tão simples intuição. Os animaes (entende-se, como se sabe, o grupo

dos superiores) têm órgãos, que conservam debaixo da sua dependencia o resto da economia: tal é o eixo cerebro-spinal. Não assim as plantas.

O canal digestivo e a funcção da digestão, que aos porfiosos estudos d'Erhemberg devem hoje a gradação d'um dos mais geraes caracteres do reino animal, são dados que não podemos menosprezar na resenha, senão perfeita, pelo menos sufficiente para levarnos á evidencia o ponto doutrinal, que forma uma parte da these que discutimos. Na structura dos individuos dos dois reinos tambem temos a notar algumas differenças. Depois de perfeito, o desinvolvimento dos órgãos, o tecido fibroso, entendendo aqui todo o tecido que apresenta a disposição por fibras, predomina no animal, em quanto que o areolar, é que se torna mais sensivel nas plantas. A symetria parece tambem uma lei da conformação animal; a mesma cousa não podemos nós dizer ácerca dos vegetaes.

Lancemos agora a vista de golpe sobre os quadros mais caracteristicos da vida animal e vegetal; concluamos, sem medo de errar, que todo o animal se assemelha a todo o vegetal, na origem por geração, na conservação por nutrição, e no seu fim pela morte.

O desinvolvimento primordial dos elementos anatomicos parece tambem offerecer-se nos um ponto commum para toda a natureza viva. Todavia a theoria dos cellulos, sustentada por Silhleyden, Schwan, Raspail, e outros, tem sido vivamente combatida, por Mandl, Muller, e Berard, nomes não menos respeitaveis: Coimbra, Dezembro de 1850.

J. A. Sanctos e Silva.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

III.

AS RUINAS. O CONVENTO DOS JERONIMOS. A DESPEDIDA.

Quinze dias depois, fui visitar o meu joven companheiro de viagem á rua de S. Francisco. Uma tarde, que decorriamos ambos as cercanias da cidade, fomos alargando mais o passeio, até que deparámos com as ruinas d'um velho edificio; e embrenhados em arcadas fendidas, columnas derribadas e enfileirados montes de pedra, algumas horas nos perdemos na muda contemplação d'aquellas grandesas passadas. A noite veiu colher-nos no meio das ruinas. O clarão baço da lua penetrava no recinto dos muros derrocados, com luz sepulchral.

As folhas d'hera sussurravam com a brisa perfumada. E o mocho, pousado no mais alto das cupulas fendidas, saudava com seus lúgubres pios a hora dos finados. Deante de nós estendia-se uma esplanada calva e resequida, como um areal do deserto, e ao cabo viam-se as sombras dos cyrestes dansarem aos raios da lua.

—Quem sabe, me disse o joven, apontando-me para uma lapide quebrada, que se enxergava ao longe, se aquella lousa encerra as cinzas d'um heroe?

—Fazeis lembrar-me, lhe respondi, que ha muito tenho em vista procurar o tumulo do infeliz amante de Catharina d'Athaide, o bardo guerreiro, que escrevia, na gruta de Macau, a immortal epopéa dos Lusíadas.

Tomou-nos então a curiosidade, e entrámos no meio das ruinas. No alto da pedra estavam esculpidas em meio relevo, d'um lado, uma lyra quebrada, do outro, um punhal partido. No meio havia uns caracteres romanos já carcomidos pelos annos, e que a muito custo pudemos decifrar; que diziam: —*Ingrata patria*. O resto estava fanado e desfeito.

Pareceu-me então ver levantar-se deante de mim o vulto magnanimo de Camões, com a mão descarnada apontar-me para o peito, coberto de feridas, e exclamar como Scipião ou com o Mario sobre as ruinas de Carthago: —*Ingrata patria non possidebis ossa mea*.

Eu tinha porém ouvido fallar d'uma casa, que lhe servira d'asylo, depois da sua gloriosa peregrinação pela India.

Mas foi debalde que para a achar nos embrenhâmos nas tortuosas veredas da capital, desde a Mouraria, receptaculo immundo de todas as miserias, que ainda não perdeu as suas feições mouriscas até aos logares mais remotos da cidade velha. O poeta havia passado, como o relampago, n'essa terra arida e secca como a palha, que o fogo devora.

Sua voz triste como o adeus do cysne nas horas da morte, prelude a batalha d'Alkacer Kivir. Ainda viu afogar-se no horisonte o derradeiro raio d'esse sol, que allumiou nossas victorias, não havendo mares que não partissem as nossas quilhas, elemento com que não luctassem os nossos braços.

Sabe-se apenas que expirou n'uma pobre enxerga d'um hospital de Lisboa, e que um escravo chamado Jáu assistiu á derradeira hora de seu passamento.

Porque estranho acaso o poeta e o escravo se encontraram nos palmares da India, para depois se junctarem no leito da morte? Não o diz a historia. Sobreviveria esse nobre filho dos de-

sertos á perda de Camões? É problema que não nos consta ninguem resolvesse, que a vida obscura do pobre Jáu não mereceu que lhe levantassem o véu mórtuario que a cobre.

Um seculo depois, no mesmo hospital, nas mesmas palhas talvez, debatia-se nas garras da morte um d'esses homens que a Providencia faz surgir do nada para servir de pasto a todas as miserias.

N'uma meza de pinho encostada á cabeceira da cama em que jazia, havia depositado todos os seus haveres, um volume dos Lusíadas e alguns pinceis. Á cabeceira do moribundo um padre psalmodava as poesias dos prophetas, e um joven de nove annos misturava a espaços sua voz argentina com as preces do sacerdote.

—Padre, exclamou de repente o moribundo, dá-me os meus pinceis: eu quero que n'este palacio do opprobrio e da miseria, os derradeiros traços do meu genio se unam para sempre aos derradeiros suspiros de Camões.

O padre ficou immovel. Mas o joven tirou do seio um pincel, e com os olhos brilhantes de inspiração seguia o braço descarnado do moribundo. E á medida que o velho se apagava, o joven crescia. O neophyto da arte recebia o seu primeiro baptismo de gloria, ao pallido clarão d'aquella lampada de morte.

Um relampago d'alegria alumiu depois as faces do ancião; elle acabava de comprehender que deixava mais um digno herdeiro de seu genio.

Seguiu-se depois o silencio da desesperação e da dôr. O immortal Zurbaran acabava d'expirar nos braços do joven Murillo.

.....
Afóra alguns porticos derribados, alguns traços semi-apagados da meia idade, a cidade baixa nada offerece que admire o viajante. Póde ser comtudo que das alturas que a dominam, o braço de ferro dos Godos e dos Arabes tivesse alevantado alguns d'esses monumentos do genio, que desafiam os seculos.

Situado n'um ponto delicioso e quazi de frente da torre de Belem, o convento dos Jeronymos ainda conserva de sua antiga magnificencia um portico d'estylo gothico. Nos tempos de sua gloria, D. Manoel o venturoso fizera construir este monumento em memoria dos feitos practicados por esses Argonautas Portuguezes, que foram desfraldar a bandeira das quinas nos campos do oriente.

Suas enormes abobedas, seus capiteis derribados harmonisam-se n'uma desordem sublime. Seus variados arabescos, seus infinitos relevos perturbam os sentidos e abysmam a alma

na mais profunda contemplação; dirse-hia que não é aquelle o templo do Christo, mas a habitação silenciosa do mysterio.

A revolução, que matou os frades á fome, e atirou com suas cinzas ao vento, respeitou este velho monumento nacional.

E se a voz robusta do monge está hoje calada no fundo da louza, que o cobre, a essa voz sonora succedeu uma outra, harmoniosa e suave — a da creança desvalida, que a caridade christã mandou educar n'esse sancto e philantropico asylo, que chamam a — *casa pia*. —

Depois de precorrermos os edificios mais notaveis de Lisboa, preparámo-nos para sofrer o golpe de uma separação, que prometia ser duradoura. Que triste adeus não foi o de 6 d'outubro de 1836? N'esse dia o brigade Rosa do Tejo appareceu todo embandeirado. Era o dia da partida.

A dona da hospedaria da rua de S. Francisco era ingleza, e tinha uma filha que se chamava Elisabeth. Muitas vezes pela tarde iam ao labyrintho de S. Pedro d'Alcantara, que depois converteram n'um lindo jardim. A joven miss chorava, porque lhe levavam o seu pequeno companheiro.

Porque ha de tudo passar como um sonho? Miss Elisabeth está hoje na Escossia com sua mãe.

O tempo desfolha todas as flores no arido jardim da vida.

(Continúa.)

Alexandre Meyrelles.

Tribuamos sinceros agradecimentos á illustre cantora da — *Rosa de Maio* — que, dando honroso acolhimento ás nossas instantes sollicitações, se dignou ennobrecer as paginas d'este jornal, com uma das suas mimosas e brilhantes produções. O nome da Ex.^{ma} S.^a D. Maria Candida de Carvalho é já hoje, para os que sabem avaliar o seu talento, e conhecer do merito incontestado, que têm as suas poesias publicadas, um padrão glorioso nas letras amenas da nossa terra. Possa elle servir d'estimulo a futuros committimentos. Possa elle arrancar da obscuridade muitas intelligencias nascentes, a quem o receio pueril d'uma censura desauthorisada condemna quasi sempre a fanar á nascença os louros viçosos, que lhes deveram ennastrar as fronteas. Possa o exemplo da nobre poetiza concitar nas senhoras portuguezas os brios de instrução, em que prende de certo, no futuro, uma parte dos nossos destinos sociaes.

Á EXM.^a SNR.^a D. IZABEL G. M. O
D'ALBUQUERQUE.

Tu sabes, minha querida Izabel, como eu amo a poesia. Sabes com que fanatica adoração me curvo perante esse idolo, que symbolisa as mais puras aspirações da mocidade. Sabes que viva fé eu tenho na actividade constante, energica, juvenil da verdadeira poesia, que nunca envelhece, que não morre, porque tem as suas raizes profundamente enlaçadas nos mais reconditos mysterios do pensamento, do coração e da imaginação creadora. Conheces-me emfim, e por isso não admiras que eu, compromettida a concorrer para uma empreza litteraria, pensasse logo no meu idolo querido, a poesia, e associasse com esta uma recordação do tempo que vivemos junctas — uma saudade para ti — que eu considero como a minha melhor amiga.

Offereço-te pois a minha *Rosa de Maio*; escolhi esta poesia; porque, entre muitos versos que tenho escripto, são estes talvez os unicos, em que a minha pobre lyra se não enramasse de pallidos goivos. A minha primeira idéa, o meu primeiro empenho foi modular em singelas harmonias aquelle passeio, que junctas demos o anno passado; mas todas as notas que pude deferir eram apenas frouxo reflexo, das vivas emoções que trasbordavam d'alma, ao recordar as horas que tão agradavelmente passámos. Lembras-te? — foi n'uma bella tarde dos fins de março. A natureza começava a levantar as orlas do seu pezado manto; deixava-nos ver, só a furto, as gallas formosas com que se toucava, para hospedar a viridente primavera. E era magnifico aquelle quadro que, ao mesmo tempo gracioso e severo, risonho e melancolico, mergulhava os sentidos n'um suave adormecimento, e elevava o espirito, concentrado em mystica contemplação, e possuido do mais profundo sentimento religioso, até o throno do Senhor.

No ciciar da aragem, que adejava caprichosa por entre as folhas dos alamos; no canto das aves, que se animavam com os primeiros raios do sol, despidos das espessas nuvens do inverno; no murmurar das aguas do Mondego, que lá em baixo se espreguiçavam vagarosas entre o seu leito de verdura; escutava-se, sentia-se a mais suave harmonia, que subia ao céu no puro incenso das flores, cujas petalas, voluptuosamente abraçadas pelos seus calices ainda tenros e mimosos, pediam a cada raio de luz, que as protegesse das auras inquietas que passavam.

O ouvido, ao escutar esta deleitosa harmonia da natureza, não podia desprender-se d'ella. Os olhos, fascinados pelo luxo d'aquelle formozo panorama, não podiam receber impressão alguma, que lhe fosse estranha. E o espirito vagava livre pelas regiões do pensamento, e dominava desassombrado todo o vasto horisonte, que enquadrava aquella magnifica paisagem.

Confesso-te, minha Izabel, que raras vezes tenho experimentado tão vivamente o poder magico, a influencia suave, que a natureza risonha e tranquilla exerce sobre nós. Raras vezes tenho sentido tão distinctamente a profunda differença, que vae das obras dos homens, ainda as mais elevadas, á grandeza, á magestade das obras da creação.

O meu espirito parecia querer conceber o infinito, e deslumbrado, por uma esperança, que vaga lhe sorria nas campinas do céu, voar, fugir, confundir-se, perder-se no seio do Ser immenso, unico, omnipotente, que regula a harmonia dos mundos.

E eu era então poeta. Porque a verdadeira poesia são os grandes sentimentos. Não fallava, não escrevia. Qual é a lingua, quaes os versos, em que póde caber o infinito? Mas era poeta, porque lia, porque entendia alguns dos traços do maior, do mais sublime de todos os poemas — aquelle que a mão do Creador desenrola todos os dias, todas as horas, ante os olhos dos que vivem cá na terra.

E eu esquecia-me alli a scismar; e tu minha boa Izabel, com essa voz tão melancolicamente sonora, com essa voz tão parecida, tão irmã, tão cazada com as purissimas melodias, que lá se escutavam, quizes-te acordar-me. Lembras-te?

Vimos descançar ao Penedo da Saudade, com a alma ainda cheia das mais vivas emoções. Deparámos, quasi de repente, com aquelle estenso valle, tão sombrio, tão triste como o seu nome; — que contraste! Aqui já a natureza não sorria, affagada pelos raios vivificantes do sol; ostentava-se triste, envolta no escuro manto d'um quazi crepusculo. Aqui as auras não doidejavam alegres por entre as flores; gemiam, soluçavam, e iam esconder-se no fundo do valle. Aqui as aves não desprendiam suaves hymnos; apenas soltavam tristes suspiros, que os échos, por lá escondidos, répetiam melancolicos, e que fracos e snuidos se espalhavam depois pela solidão do espaço. Aqui as arvores despresavam as gallas louças da primavera, e guar-

davam, como crepe luctuoso, as suas vestes de escura folhagem. E o vulto negro da noite, que começava de elevar-se por detrás das cumiadas das montanhas, tornava mais carregado e funereo o aspecto d'este sombrio quadro: — era monotonico e triste, e tanto mais era alegre e accidentada a vasta paisagem, que ha pouco deixáramos.

Fujamos d'aqui depressa. Não queiramos alterar as suavissimas impressões do nosso passeio, com a tristeza d'estes logares.

Preciso hoje ver-te satisfeita, minha boa amiga: — vem conversaremos muito, fallaremos muito de versos. Oh! agora por versos... has-de ouvir-me a minha

ROSA DE MAIO.

I.

Era uma tarde de Maio,
Tão amena, tão formosa,
Que eu quiz ir colher nos campos
Uma linda e fresca rosa.

Murmurava docemente
Entre as folhas dos rosaes
Uma aragem tão suave
Como nunca ouvi jámais.

Aragem embalsamada
D'essa risonha estação,
Que nos dá rebate ao seio,
Acordando o coração.

E era bello estar alli
Entre o perfume das flores;
O ar que lá se aspirava
Enlouquecia d'amores.

Foi então: colhi a rosa,
A mais linda que lá vi;
E nas petalas mimosas
A medo um nome escrevi.

Era um nome que eu ha muito
Trazia no coração,
Sem mysterio, nem receio,
Sem idéa de paixão.

Muitas vezes, esse nome
Á vontade repetia;
Mas se elle era o d'um amigo,
Escondel-o que valia?

Escrevia-o sem mysterio,
Lia-o alto sem tremer,
E beijava-o muitas vezes
Sem p'ra isso me esconder.

Nada mais: aqui o juro
Com sincera devoção,
Que o mancebo d'este nome
Não me inspirava paixão.

Era bello estar no campo
Entre o perfume das flores;
O ar que lá se aspirava
Enlouqueceu-me d'amores.

II.

Foi n'essa tarde de Maio,
Quando fui colher a flor,
Que eu senti nascer no peito
Não sei que chama d'amor.

Senti que as faces coravam
Quando esse nome escrevi;
Tive medo que me ouvissem,
Quando alto o repeti.

Peguei na rosa gentil,
Affagueia-a com paixão,
Imprimi-lhe um d'esses beijos,
Que só vem do coração.

Porque ao colher essa rosa
Com a ventura sonhei?
Quando lá gravei o nome
Porque de pejo corei?

Porque tremi d'assustada
Quando o nome repeti,
Eu que d'antes ao dizel-o,
Nunca tal medo senti?

Porque foi que aquelle beijo
Me yeiu os labios queimar,
Tendo tanta flor beijado
Sem nenhuma me escaldar?

Não o sei; mas senti logo
Dentro do peito nascer
Mil esp'ranças, mil receios.
Que me fizeram tremer.

Desfolhei depois a rosa,
Lancei as folhas ao vento;
Julgava que assim podia
Esquecer um pensamento!

Louca idéa! O pensamento
Mais na mente se gravou,
E o nome escripto na flor
Dentro d'alma me ficou.

Era o que antes repetia
Sem mysterio, sem paixão;
Hoje é só quem me atormenta
O viver do coração.

Quem quizer viver isento,
Não visite aquellas flores;
Porque o ar que lá se aspira
Enlouqueceu-me d'amores.

Maria C. de C. C. de Vasconcellos.

'A UNE BRANCHE DE LILAS.

Première fleur du printemps qui commence
Lilas charmant qui tu me fais souffrir!
'A ton aspect je retrouve la France!
Dont j'ai gardé le vibrant souvenir!
Tu vas fleurir sur la chère contrée,
Où son restés mon coeur et mon espoir!
De loin hélas! Je te vois en pensée,
Courbant ta tête aux doux rayons du soir,
De ton parfum, si l'haleine embaumée
Pouvait encore arriver jusqu'à moi,
Rois des buissons! Je serais consolée
Et l'âme en paix, je mourrais près de toi!
Porto, 30 d'Abril — 1853.

MORTE DO CORPO.

AO MEU AMIGO J. A. SANTOS E SILVA.

Au monde des esprits je monte sans effort.

LAMART. Médit.

Oh! alma expande-te altiva,
Não te confranja aqui;
Parte os laços de captiva
Eleva... eleva-te assi.
Ergue-te n'um vôo immenso,
Vôa, sobe, que é intenso
Do frio aqui o turpor.
Sê livre, adeja n'altura,
Não gemas co'a creatura,
Folga aos pés do Creador!

Não deixes que a flor da vida
S'esfolhe ainda em botão;
Procura-lhe outra guarida,
Porque a d'este mundo, não.
Aqui se o pranto gotteja
Um sorriso, morde a inveja
Cad'alma, de paixões vis
Cada peito se repassa.
Por socia existe a desgraça,
A maldade por juiz.

Perdem-se n'este desterro
A gloria, nobreza e amor;
Alma, desfaz mais um erro:
Dá-me vida, e tens fulgor.

Fóge o mal que gera o crime,
E n'um mundo mais sublime
Brilharás pura, sem véu.
Não será teu brilho escasso,
Que tanto sangue verteu!
Por imperio tens o espaço,
Páras ás portas do céu.

As sombras do meu passado
Evoca-as, se podes; lê
N'esse livro salpicado
Dos prantos que a mágoa vê.
Soletira ahí amarguras,
Cada uma das torturas,
Que um pobre peito estorceu,
Olha manchados de sangue
Os restos d'um corpo exangue,
Que tanto sangue verteu.

Lembras-te?! ha pouco provava
Do esteril terreno amor;
É amargo; amargo trava,
Não se olvida o seu sabor.
Amor inosso ... maldito!
Nasce ás raias do finito,
Pára alli — não tem fanal!
Não vem d'alma; a alma ... ferea:
Vive apenas na materia
No appetite brutal!

Vive lá; há folga e mora;
Lágrimas?... sorve-as também;
Offerta prazer? embora!
Que tantas dores contém!
Não posso ... esse amor é nada;
Abate, avilta, degrada,
E punge ... não quero mais ...
Vou do inferno ao paraíso;
Páre o pranto; e n'um sorriso
Mágoas s'esqueçam e ais.

Ao paraíso! ha amores
Que como este amor não são;
Que se o aroma tem das flores,
Os espinhos não tem, não.
São reflexo da ventura.
Do céu tem nobresa e dura,
Nobresa o céu lhes fadou!
Compenetram-se da essencia
Do auctor d'est'existencia,
Que o mundo ao espaço lançou!

D'esse amor, mulher, provemos:
Terá encantos p'ra nós!
Com elle o mundo esquecemos,
N'outro mundo somos sós!

E duas acmas s'enlaçam,
Entrelaçadas devassam
D'outros sóes o esplendor,
D'uma luz que não abrase
E d'um brilho em que se case
A suavidade ao fulgor!

E' morto o corpo! se é nada,
Qu'importa morresse já?
Não passa de fria ossada,
Que pó em breve será!
Qu'importa que ao cemiterio
O levassem? e no imperio,
Dos mortos entrasse alfim?
Ou que a uma valla arrojado
Durma o somno descansado
O somno que não tem fim?

Qu'importa?! mas vive ó alma,
Pelo amor e pela fé!
Na frente ajusta-me a palma
Do que as crenças tem de pé!
Vamos! sobe! a terra deixa,
E não soltes uma queixa,
Que a meu desterro pões fim.
Tira-me d'este jasigo,
Leva-me ó alma contigo,
Torna-me digno de mim!

Ernesto Marecos.

NOITES D'OUTOMNO.

III.

Além a terra e o céu.
J. DE LEMOS.

No paiz do grande Tasso,
Do romantico Ariosto,
Dizem vates, que o desgosto
Tem um rapido viver.
Pois debaixo d'um sol bello
São eternos os verdores,
E do sul meigos rumores
Fazem mágoas esquecer.

Eu não sei; mas quando vago
Nas soidões da minha terra,
Quando tudo a noite encerra
Do mysterio em castos véos;
Contemplando a azul esphera,
Vejo tantas — taes estrellas,
Que não sei que possa havelas
Mais formosas n'outros céos.

Não invejo então a patria
Ao Petrarca, nem ao Tasso,
Que eu felizes horas passo

Sobr'o sólo portuguez.
A belleza que o Eterno
Deu ás noites do meu clima
D'um Camões o genio anima,
E os affectos d'uma Ignez.

Vós, estrellas feiticeiras
Inspirastes taes amores.
Pobre Ignez, que dissahores
Lhe custou o seu amar! —
Mas, vagando nestas noites
Pelos campos do Mondego,
Quem sentir pôde socego?
Quem não ha de suspirar?

Dize-o tu, infeliz bardo,
Trovador enamorado,
De saudades magoadado...
Dize-o tu, ó Bernardim!
Quantas vezes estes astros
Te fallaram com meiguice!
Que segredos te não disse
Sua luz, brilhando assim!...

Sua luz, que, delicada,
Pelos valles não se espalha,
Qual phantastica mortalha,
Envolvendo a creação...
Que não é como a da lua,
Que visões no chão estende
E o imaginar accende,
Mas não falla ao coração.

Eu por mim, quando minh'alma
Despenhar terrestres gozos,
Hei de vir, astros formosos,
Conversar comvosco a sós.
Vossa luz me diz mil coisas,
Que me dão um crer profundo;
Pois se existe a dor no mundo,
Um allivio existe em vós!

J. S. da Silva Ferraz.

O AMOR D'UM REI.

Alta noite!... O céu formoso
Não toldam cerrados véos;
Da lua o pallôr saudozo
Esmalta limpidos céos!
E na terra... dorme tudo!
O vento jaz quedo e mudo,
São horas de solidão...
Dorme a virgem descuidosa,
Dorme entre espinhos a rosa,
Dorme tudo? —Ai, tudo não!

Por entre as viçosas flores
De lindo ameno jardim,
Trajando virgineas côres
Em vestes d'alvo setim,
Vagueia, virgem formosa...
Parou juncto d'uma rosa
E a branca mão lh'estendeu:
A meiga flor encantada,
Sob a pressão delicada,
Oscillou, e em fim cedeu!

Oh! não exultes doidinha
N'essa ingrata nivea mão;
Olha, a donzella, florinha,
Colheu-te por distração...
Não veio por vêr as flores;
A vaidosa tem amores,
Bem o diz no suspirar,
Bem o diz a mão ardente,
O seu arfar eloquente,
Seu tremer... seu escutar!...

E a donzella temerosa
Attenta prosegue alem,
Como a Driade formosa
Que dos céos á terra vem;
Té que entre os ramos tecidos
De mil arbustos floridos
Um negro vulto assomou!
Entre o temor e o desejo
A pobre de gôso e pejo,
Cubriu as faces... córou!...

Ai donzella, o cavalleiro
A que dèste o coração,
É senhor d'um reino inteiro,
Que as vestes bem ricas são!
Negro cinto prateado
Sustém um punhal cravado
Por esmeraldas sem fim!!
E sob o manto ondeante
Avulta adaga brilhante
Com punho d'oiro e marfim.

N'esse mancebo tão bello,
Era bello o contrastar
Das faces o branco gello
Co'as chammas do seu olhar;
D'olhos fitos na donzella,
Na virgem candida e bella,
Sorrindo a mão lhe apertou:
Ella tímida, innocente,
Ao sentir-lhe a mão ardente
Vacillou... sorriu... chorou!

— Porque choras, virgem pura,

D'olhos pregados no chão?
 Vim eu roubar-te a ventura,
 Enlutar-te o coração?
 Em vez d'ardentes amores,
 Dás-me pranto, angustias, dores
 No tremer, no suspirar?
 E não tens um igneo beijo,
 Que me farte um só desejo
 E acalme o meu delirar?

— Choro... chorei de contente,
 Não pude reter meus ais:
 São loucuras d'innocente,
 Que eu não terei nunca mais.
 Não te offendes?... tenho medo,
 Que uma rival, em segredo
 Te arrebate ao meu amor!
 Tu não sorrís? olha, ingrato,
 Já te dei o meu retrato,
 Hoje, vês... dou-te esta flor.

— Só molduras primorosas,
 Só florinhas de jardim!...
 Não são retratos nem rosas
 Que me contentam a mim!
 — Pois que mais queres?—Sê minha:
 Eu sou rei, serás rainha;
 Ou dize, tenho um rival?
 Dize... termina este aneio!
 Quero cravar-lhe no seio
 Mil vezes este punhal!

— Justo Deus! enlouqueces-te?
 Não crês no meu coração?
 Oh! mas tu não attendes-te
 Ao que disseste, pois não?!
 Aqui me tens em teus braços,
 Deixa dar-te mil abraços...
 Olha... vê... estamos sós!...
 Este momento é tremendo,
 Mas um crime... um crime horrendo,
 P'ra que ha de havel-o entre nós?

Elle jurou-lhe venturas
 Affagando o rosto seu!...
 Fallou-lhe magas ternuras...
 A pobre não respondeu!...
 A lua por entre as flores
 Quiz roubar-a aos seus amores,
 E mandou um raio alli...
 Ella prostrada sem tino...
 Elle em pé d'olhar ferino
 Os braços cruza e sorri!!

Singela, pallida rosa
 Tão desbotada no chão!

Ha pouco virgem formosa...
 Agora... mulher... mais não!...
 No teu amor tinhas crença,
 E tão leal, tão intensa,
 Como não teve ninguem!
 Era um rei o teu amante,
 Tu... ficaste agonisante,
 E elle?... sumiu-se além!...

Viu calçada aos pés do ingrato
 A mimoza debil flor!
 Elle só quiz o retrato,
 Duravel trophéu d'amor.

Não mais vagou a donzella
 Por noite serena e bella
 Aspirando o alvo jasmim:
 Pouco e pouco immurchecidos
 Foram por ella esquecidas
 As flores do seu jardim....

T. A. RIBEIRO.

CARTAS A LAURA.

Quizera que estas linhas, inspiradas pelo sentimento nobre e grandioso do amor, fosse a expressão fiel do muito que sinto, escrevendo-te, do muito que soffro, amando-te.

Quizera que estas phrases, trechos perdidos d'um poema vago e indefinido como o sentimento que as dicta, ferissem teus ouvidos como a nota branda, suave, e voluptuosa d'um suspiro d'amor, d'um d'esses suspiros, Laura, que morre nos labios como o sorriso de ventura, que o precede!

Oh! se assim fosse! Se estas phrases vibrassem na tua alma como uma d'essas notas mysteriosas, então... podia exaltar-se-me a intelligencia com orgulho de felicidade, porque amava e era amado.

E porque não hei de eu crê-lo? Eu, que no volver languido e adormecido de teus olhos tenho por tantas vezes soletrado amor? Eu, que creio n'esses protestos como nos dotes elevados de tua intelligencia?

Perdôa-me, Laura, se fallo d'intelligencia, a quem só devêra fallar de sentimento e de amor; mas é que se para amar basta o sentimento, para comprehender o amor, elevando á altura d'affectos sublimes as sensações, que desperta, não basta o sentimento — é tambem necessaria a intelligencia.

E é por isso, é porque vejo entre os encantos com que Deus ornou a tua belleza, um e outro d'esses dons, que acreditei em ti como mulher, e que te idolatrei como amante.

Laura, tão nobre, tão interessante belleza como a tua, nunca a desenhou pincel d'artista na tella de quadro algum; nunca a sonhou poeta apaixonado n'esse anhelar ansioso, ardente e delirante da phantasia de poeta; mas não tivera illuminado Deus a tua alma com o reflexo da luz divina — o sentimento — e olharia para ti como para um d'esses typos, que só o estro improvisa, e que a arte, apenas traduz, como para uma d'essas creações phantasticas do genio, projectadas na tella de Raphael ou Murillo; serias a belleza correcta, mas fria, majestosa, mas inerte do cinzel de Canova. A arte encontraria em ti a ultima expressão do bello; o poeta, porém, ao ver-te sentiria calar-se-lhe n'alma a desesperança, e pela mente abrazada de enthusiasmo passar-lhe-hia incerto o pensamento sacrilego do Prometheu da fabula.

Laura! Mas tu não és o vulto inanimado da belleza, nem deves teus encantos ao capricho da arte; és a mulher que ama, que pensa, que sente, que nutre no seio o fogo sagrado do amor, porque és a obra d'um Deus.

E que amas, que pensas, que sentes, que ouse negal-o o impio que te não traduzir no rosto o sentir do coração: mas o poeta, mas o homem, que Deus votou neste mundo ao culto da mais nobre religião, que se professa na terra, a poesia, esse advinhal-o-ha na expressão melancolica de teus olhos, no timbre apaixonado de tua voz, e n'essa como que vaga abstracção, que toda te absorve e enamora a phantasia, que todo te prende e enleia o pensamento, Laura; n'essa phrase sempre interpolada, porque uma idéa constante lhe distráe o sentido; n'esse interessante não cuidar de ti mesma; n'esse desdem aristocratico por uma sociedade, que te admira e te exalta, e te cerca d'um prestigio, que fascina, que embriaga, que enlouquece toda a mulher, que não pensar como tu pensas, que não sentir como tu sentes, que não amar, como tu amas.

Porque... e hei de dizer-t'o com o desespero nos labios, tu amas, Laura; mas é um amor, esse, que em vez de me nutrir no coração a flor d'esperança que eu creára, vem crestal-a no peito com o fogo do ciúme.

E eu que o presentia, que o sonhava, quando seria loucura o sonhal-o, e vaidade mesmo o presentil-o!

Não te lembras, Laura?...

Foi n'um dia de primavera, ao pôr do sol d'uma bella tarde de Maio; a brisa perfumada pela fragrança das flores, aquecida ainda pelos raios ardentes do Sol

Nas folhas seccas do chão

Já cantava o fim do dia.

Era n'esse Eden de Portugal, no luxuriante jardim da nossa terra, n'esse momento caprichoso da natureza; era na nossa Alhambra, Laura, na nossa Cintra.

Fallava-se do infeliz poeta que, alli, aos echos da solidão tantas vezes repetira o nome de Beatriz.

E pensativa e distraída, e sempre enfeitada pelo brilho da tua phantasia, tu, só tu, deixavas voar desaparecidos os ultimos momentos d'uma tarde tão bella!

Não te lembras? Foi então que eu te disse no accento concentrado e breve da paixão: Laura, a natureza creando-te, symbolisou em ti o amor; mas o homem, amando-te, creou para si um inferno, em vez do céu que sonhára!

E tu... não respondêste. Desenhava-se no teu rosto a mesma expressão de melancolia; sorriste, mas era o sorriso forçado, era a amabilidade estudada da mulher, e nunca o sentir do coração, que morre vagaroso nos labios da virgem enamorada.

Foi então que percebi, que uma só das flores que me déras, ficára verde e viçosa.

D'essa, eis a primeira folha que se desprende; ha de ser triste como ella, porque a flor é a saudade, e a saudade é triste tambem.

AO MEU ANJO.

She was born to be fair; I to die for her love.

SHAKSPEARE.

Ai, como soffre a minha'alma!

Como do martyrio a palma

Custa lagrimas e dôr!

Dizem que é grato o martyrio...

Sêl-o-ha... eu não o creio,

Que fundo me vae no seio

Seu espiño ralador.

Ai! d'este infernal delirio

D'amor quem me ha de salvar?...

— Quem não vae colher o lyrio

Antes do tufão passar?

Ella . . . não ; ella indiff'rente
 É fria estatua ante mi ;
 Parece um anjo, dormente
 Em casto leito de flores,
 Vivendo a matar d'amores
 Quem o vê. Oh ! porque o vi
 N'essa languida postura,
 Toda delicia e ternura,
 Que mata, que, depois, cura
 C'um só suavissimo beijo
 Doce, doce qual d'Houri :
 — Mais doce, que tem mais pejo . . .
 Os d'estas nos labios param,
 Não descem ao coração ;
 Mas os d'ella . . . se ao passarem
 Tremeu o labio abrazado,
 Tem um balsamo encantado,
 Que faz perder a razão
 N'um arroubo delicado
 Que o peito sente e não diz
 — Porque é feliz.

Mas, louco ! para que traçar na mente
 Tão gratos sonhos de ventura e gozo . . .
 Se hei de sentir depois no labio ardente
 Converter-se-me em fel pranto saudoso ?

Meu Deus ! meu Deus ! porque ao poeta d'este
 Um coração de fogo e amor composto ?
 Se, entre as flores da vida, o cardo agreste
 Ha de de sangue salpicar-lhe o rosto ?

Porque este inferno n'alma, este desejo
 Insaciavel d'amor que o peito sente . . .
 Se ha de nos labios que entre-abriu c'um beijo,
 Ver passar um sorriso indifferente ?
 E depois viver só ! não ter na vida
 Outra alma que co'a nossa se confunda ;
 Sempre a anhelar, sempre a scismar perdida . . .
 Atéque o tempo no passado a funda !

Quando a vida assim é triste !
 Coração que lhe resiste
 Devéras d'homem não é.
 O roble não fica em pé
 Se, da tormenta no seio,
 Em fogo o raio lhe veio
 No tronço a seiva heber.
 — Depois que resta ? morrer.

E o homem morre. O desgosto
 Tolda-lhe a face em negrume :
 Extingue-se n'alma o lume,
 Que lhe gravou do seu rosto, —
 Ao nascer, o Creador.

Ácre sente só o espinho,
 Mas nunca, nunca o perfume
 De candidissima flor.
 Gelado, falso presume
 Esse arroubado carinho
 Da mãe, que em divino amor
 Aperta ao seio o filhinho.
 Tudo, tudo lhe resume
 Frieza. No coração,
 Se sente vida, é em vão,
 — Quando não vem o ciume . . .
 O ciume . . . ai que agonia
 Esta idéa em si não tem !
 Que fel aos labios não vem,
 Inda entre os brindes da orgia,
 Ao que amou e foi trahido !
 Como lhe bate insoffrido
 O coração ! Como passa,
 Aos novos brindes alheio,
 Illibada a aurea taça
 Do voluptuoso licor —
 Para outra mão, e no seio
 Aperta o punhal . . . e a dor.

Mas, anjo, que mal fiz ? Porque me deixas
 Vogar sósinho n'este mar d'angustias ?
 Fragil baixel, das ondas combatido,
 Que porto ha de acolher-me, se o teu peito
 Para mim se fechar ? Eu, que te adoro
 Com tanto, tanto amor, serei indigno
 Hoje, do nome que me d'este outr'ora ?

Anjo, que mal fiz eu ? Quando sentia
 Mais fundo o nobre orgulho d'adorar-te,
 Quando anhelava um nome que offertasse,
 Qual tenue grão d'incenso em ara sancta,
 A ti, a ti sómente, aos teus encantos,
 Quando esperava a flórida grinaldá
 De candidas boninas e d'amores,
 Cinges-me á frente a c'roa de martyrios ?

E fitas-me depois. Mas que me dizem
 Teus olhos no volver ? . . . amor ! quem sabel . . .
 Desdem . . . talvez — esta incerteza afoga,
 Ai, como a corda ao condemnado. — O pranto
 De não-dormidas noites como é ácre
 Mais que o travo d'absintho em boca infante :
 Cofre de rico balsamo é o pranto
 Se o sol na face o bebe. Anjo, não posso
 Viver sem o teu amor : vem dar-me vida.
 Sinto no peito o coração em trevas,
 Sinto fundo, bem fundo o crú tormento
 D'este viver, que á campa me conduz . . .

N'um raio de teu talento
Vem, vem, anjo, dar-me luz.

Coimbra — 1854.

A. Ayres.

THEATRO ACADEMICO.

MARIA APIARDINI.

Revelar só agora ao publico o nosso conceito sobre o drama representado no Theatro Academico no dia 13 de Dezembro, parecerá aos olhos exigentes do escrupulo ocioso talvez um pouco extemporaneo. Todavia perdõem-nos a demora, pelas causas que a originaram.

As poucas linhas que se seguem, foram escriptas no dia immediato ao da récita. Estavamos resolvidos a mandal-as para a imprensa, quando alguém nos disse que o Sr. C. Harcourt se havia encarregado de fazer uma crítica litteraria, a instancias do proprio auctor. Então, como era natural, mudámos logo de parecer, porque cessavam as rasões, que nos tinham levado a lançar mão da penna para escrever este singelo annuncio, rasões que não omitiremos e em que se envolve a nossa ingenua justificação.

Além de termos de cumprir o legado, que accetámos da antiga *Revista Academica*, a qual nunca deixára de formular o seu juizo sobre os dramas representados no Theatro Academica, accrescia a ponderosa rasão de que o auctor da Maria Apiardini era, como ainda é, nosso companheiro nas lides affanosas de Minerva, e collega na redacção d'este jornal.

Hoje porém, que o Sr. Harcourt recusa, pelo menos já, a sua crítica á luz da publicidade, e que subsistem portanto as rasões que ponderámos, damos á estampa esses poucos periodos, em que havíamos vasado a nossa humilde opinião.

A generalidade do drama agradou á plateia, que por vezes aplaudiu o joven dramaturgo. A locução é facil e pura, e ao perpassar pelos labios d'Antonio José, personagem historico, poeta que viveu no tempo do Marquez de Pombal, quasi sempre florida sem affectação.

Porém, pondo de parte o entono pretencioso de critico, e usando da affabilidade e franqueza d'amigo, rogamos ao Sr. Soares Franco permissão de lhe irrogar algumas leves censuras.

A acção pareceu-nos muito complicada. As

scenas succedem-se ás scenas, as peripecias accumulam-se umas sobre as outras, sem que muitas vezes o expectador perceba á primeira vista o seu nexa e deducção.

Quando se pretende suspender a curiosidade do publico por meio de lances inesperados, por meio d'uma intriga laboriosamente tecida, é mister renunciar ao desinvolvimento das paixões e ao bem desenhado dos caracteres — condições essenciaes d'um drama perfeito, e que grangearam laureis immarcessiveis a Racine, Molière e Shakspeare. Aquelle systema é optimo para essas plateias, que soffrem uma crispação nervosa deante do punhal de papelão d'um tyrannete de melodrama, e que expandem o riso em gargalhadas estridulas com as truánices duvidosamente engraçadas d'um polichinello de farça.

Mas para o publico academico, que lê e sabe apreciar os grandes modélos, que lhe subministra a historia litteraria de todos os povos, que é por ventura o mais illustrado de Portugal, tal systema não é, em quanto a nós, o que mais convém adoptar.

E será, além d'isto, o fim unico da arte dramatica oferecer aos expectadores um meio de passarem uma noite medfocemente agradável? Servirá o theatro apenas como antidoto contra a sensaboria, que os os devora lentamente, ou quando, sentados á meza d'um café, lêem as paginas soporíferas dos jornaes, ou quando *passeiam* uma contradança franceza nos salões perfumados d'um baile esplendido?

Julgamos que não.

Desinvolver o sentimento esthetico, cujo germen Deus lançou no coração de todo o homem, ainda no do selvagem, é o seu *desideratum*; e esse sentimento pode desinvolver-se por um drama em que a acção corra simplice e natural, sem que por isso provoque os expectadores a um bocejar pouco lisonjeiro ao talento do poeta.

Nós, infelizmente, ainda não lêmos o drama. Avaliamol-o, por tanto, apenas pela apresentação, a que tivemos o prazer d'assistir.

Apontaremos, coordenando as impressões que então sentimós, as scenas, que principalmente o sr. S. Franco deve reformar, antes que a Maria Apiardini compareça perante o tribunal da opinião publica, que se não deixa com facilidade seduzir pelos atavios feiticeros d'uma fraze melodiosa.

Maria ama extremosamente Antonio José, a quem o destino arrojou ao seio das florestas virgens da America. Espera ansiosa a cada

momento a regressão do amante, que a estre-
mece com o delirio de poeta. Chegado das
praias do novo mundo, este entra em scena,
onde Maria se achava, e em vez de correr
para juncto d'ella, de a estreitar contra o peito,
d'esquecer com um osculo frêmente, n'um sua-
ve arrombamento de ternura, toda a saudade
que a ausencia lhe accumulára no coração,
volta-se tranquillo para os criados, a quem
ordena alguns serviços, como faria qualquer
burguez obêssio, casado ha vinte annos, de-
pois d'um curto passeio ao campo, que a
hygiene bucolica do seu medico de partido
lhe houvera recommendado!

O terceiro acto principia pelo julgamento
de Maria Apiardini por tres juizes togados,
de longas e venerandas cabelleiras d'estopa
frizada, que fariam morrer de inveja um de-
sembargador da extincta casa da Supplicação,
se este sabio tribunal ainda hoje existira.

Esta scena é d'uma insipidez inferior a
toda a censura, apesar do methodo ingenhoso
de que o auctor se serviu para fazer um proces-
so a vapor. Alli decretam-se duas sentenças
de morte, e revoga-se uma d'ellas, com muita
maior velocidade, do que um *wagon* percorre
no carril de ferro a distancia, que separa Pa-
ris de Versailles! E que necessidade tinha o
sr. S. Franco de nos obrigar a *presencear* o
desgraçado suicidio do irmão do marquez de
Apiardini, d'aquelle pobre marquez, que, pe-
zarosos vimos cambaleiar e cair desairosamen-
te sobre o tablado, quando o punhal fraterci-
da se lhe embebia no coração?

O dialogo do *Deus philosophico* deve apro-
veitar-se, porque a luta das crenças religio-
sas dos dois amantes, que vacillam entre a
apostasia e o amor, é essencialmente drama-
tica. Porém é mistér reformal-a, dando á fraze
a valentia, que lhe não achámos, e que o
pensamento e a situação reclamam.

O desenlace carece tambem indubitavel-
mente de mais desinvolução, porque não tor-
na frisante o remorso do frade, com grave
detrimento da moral publica, para a qual
nunca são demasiadas todas as considerações.

São defeitos sempre inherentes aos pri-
meiros ensaios.

Acceite o sr. S. Franco os nossos sinceros
parabens, e prosiga na estrada brilhante, que
já havia encetado com o *Hermitão da Caba-
na*, e que desgraçadamente para as letras pa-
trias, tem sido tão pouco trilhada pelos nos-
sos litteratos.

Quando depois da regeneração politica
principiou em 1838 a regeneração litteraria,

fulgiu no horisonte uma estrella d'esperança
para o theatro portuguez. Então, deslum-
brados por tão subito esplendor, julgámo-
nos seguros d'um futuro glorioso para o
nosso proscenio. Foi um engano.

O Sr. Garrett, adormeceu á sombra dos
louros colhidos por entre salvas de freneticos
applausos, com o Fr. Luiz de Sousa, com o
Alfageme, e com o Auto de Gil Vicente.

O Sr. Mendes Leal, em quem a arte dra-
matica tanto confiava, illudiu as suas espe-
ranças, para esterilizar o espirito nas paginas
inglorias, na polemica descabellada do nosso
jornalismo politico! É fatalidade!

Torres e Almeida.

Recebemos ha dias o *Ensaio sobre a cho-
lera epidemica*, producção dos Srs. Francisco
José de Cunha Viana e Antonio Maria Bar-
bosa.

Nada diremos sobre o bem merecido va-
lor d'esta obra; porque estamos convencidos
que, por menos modesta que fosse a nossa
apologia, pouco ou nada iria engrandecer os
encomios lisongeiros, que por pennas reco-
nhcidas e habeis lhe foram dirigidos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

OBRAS DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

EDITORES — J. M. G. SEABRA E T. Q. ANTUNES.

Vai começar-se uma publicação, que é um
grande serviço para as letras: é a reimpres-
são das obras do padre Antonio Vieira, n'uma
edição correctá, completa e commoda no pre-
ço. Estas condições não eram até hoje preen-
chidas. Os que queriam estudar este mestre
indispensavel da nossa lingua, tinham a lu-
tar com a difficuldade de encontrar as obras
todas d'este classico: uma grande parte esta-
vam incorrectamente impressas; e comprar
toda a collecção torna-se muito despendioso.
A todos estes inconvenientes obvia a nossa
publicação. O modico preço da assignatura e
a publicação periodica, convidam os assignan-
tes. Os editores, vulgarizando obras de tama-
nho valor litterario, fazem um incontestavel
serviço á lingua portugueza.